



## Carlos Drummond de Andrade.

O poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo

### Editorial

“No meio do caminho

tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho.”

Quem não lembra de **Carlos Drummond de Andrade** quando escuta esses versos já clássicos?

Na sexta-feira da semana passada, dia 17 de agosto, recordamos a morte do poeta, há 20 anos.

Esta edição sobre Drummond inicia com uma crônica inédita de **Affonso Romano de Sant’Anna**, na qual ele recorda momentos de sua convivência com o poeta, de quem foi amigo pessoal. Por sua vez, **Alcides Villaça**, professor da USP, analisa o “eu poético retorcido” de Drummond; **John Gledson**, da Universidade de Liverpool, Inglaterra, afirma que é um erro trágico separar o Drummond social do formalista; **Iumna Maria Simon**, professora da Unicamp, fala sobre a poesia e as crônicas de Drummond; e **Luiz Costa Lima**, professor da PUC-Rio, classifica Drummond como “o poeta brasileiro do século XX de maior grau de penetração”. **Ana Lúcia Liberato Tettamanzy**, professora no Instituto de Letras da UFRGS, e **Ronald Polito**, historiador, poeta ensaísta e tradutor, também contribuem nesta matéria de capa. Na elaboração desta edição contamos com a ajuda especial de **André Dick**, que trabalha no IHU e é doutor em Literatura Comparada.

**Hans Küng** estará no dia 22 de outubro na Unisinos discutindo o Projeto de Ética Global. A iniciativa do teólogo alemão será debatida nesta quinta-feira no **IHU Idéias**, pelos professores Dr. **Vicente de Paulo Barretto**, pesquisador do PPG em Direito - Unisinos, e Dr. **Alfredo Culleton**, pesquisador do PPG em Filosofia - Unisinos.

Além da entrevista com eles, o projeto de uma ética global é o tema da entrevista com o Prof. Dr. **Manfredo Araújo de Oliveira**, da Universidade Federal do Ceará. Na página eletrônica do IHU, pode ser acessado o **IHU-Fórum On-line** sobre o tema.

O pensamento de Celso Furtado, sempre atual e questionador, é o tema da entrevista com o economista **Pedro Cezar Dutra da Fonseca**, vice-reitor da UFRGS. Ele estará participando, nesta quarta-feira, dia 22, do **III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. E, numa conjuntura marcada pela turbulência do mercado financeiro internacional, será exibido, no próximo sábado, dia 25, o filme *A fraude*, de James Dearden. O filme será debatido pelo Prof. **Francisco Antônio Mesquita Zanini**, que trabalhou por longos anos no sistema financeiro e hoje é professor na Unisinos. “O filme e o debate são muito oportunos, especialmente nestes dias em que o mercado financeiro global passa por outro período de turbulência”, atesta o professor na entrevista publicada nesta edição.

A Profa. Dra. **Christa Berger**, jornalista e pesquisadora do PPG em Comunicação da Unisinos, na entrevista concedida à **IHU On-Line** desta semana, reflete sobre a contribuição da mídia para a formulação de uma política de memória que será o tema dos **Encontros de Ética** do dia 27 de agosto.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

## Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 06 | Affonso Romano De Sant'anna: Novas estórias com e sobre Drummond

PÁGINA 11 | Alcides Villaça: Um eu poético retorcido

PÁGINA 15 | John Gledson: Separar o Drummond social do formalista é um erro trágico

PÁGINA 20 | Iumna Maria Simon: A obra poética de Drummond foi feita de viradas e experimentação de novas formas

PÁGINA 25 | Luiz Costa Lima: O poeta das sete faces

PÁGINA 29 | Ronald Polito: Um enigma não revelado

PÁGINA 33 | Ana Lúcia Liberato Tettamanzy: “Uma pedra irrevogável no meio da poesia brasileira”

### B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 35 | Manfredo Araújo de Oliveira: O Projeto de Ética Mundial de Hans Küng

» Memória

PÁGINA 40 | Ingmar Bergman: relações entre o real e o imaginário

» Filme da Semana

PÁGINA 45 | *A Fost sau n-a fost?*, de Corneliu Porumboiu

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 47 | Destaques On-Line

PÁGINA 49 | Frases da semana

### C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 53 | Agenda da Semana

PÁGINA 54 | Pedro Cezar Dutra da Fonseca: Para Celso Furtado a política econômica não pode ter a estabilização como um fim em si mesmo

PÁGINA 58 | Alfredo Culleton e Vicente Barretto: Ética mundial e Direito: uma contribuição de Hans Küng

PÁGINA 60 | Francisco Zanini: Filme *A Fraude* para compreender o capitalismo financeirizado

PÁGINA 63 | Christa Berger: A contribuição da mídia para a formulação de uma política de memória

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 66 | Andréa Moscarelli Mota

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 69 | Marcos Knewitz

## Carlos Drummond de Andrade – notas biográficas



Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 31 de outubro de 1902 – Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987) é considerado um dos principais poetas da literatura brasileira,

pertencente ao que se conhece como segunda geração de poetas do modernismo, da qual fazem parte, entre outros, Murilo Mendes<sup>1</sup> e Jorge de Lima<sup>2</sup>. Era filho de um pequeno fazendeiro e estudou em sua cidade natal e em Belo Horizonte, antes de ir para o Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, de onde, em 1919, foi expulso por “insubordinação mental”. No ano seguinte, mudou-se para Belo Horizonte. No mesmo ano, publicou na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, o poema “No meio do caminho”: “No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho”, que causou bastante polêmica, sendo acusado de maluco por alguns críticos, o que rendeu até um livro com todas as declarações, intitulado *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*, organizado pelo

<sup>1</sup> Murilo Mendes (1901-1975): poeta brasileiro, expoente do movimento modernista. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Jorge de Lima (1893-1953): escritor brasileiro, alagoano. Suas obras se dividem em três fases mais notórias: a primeira, de cunho parnasianista/simbolista; a segunda, quando aderiu ao movimento modernista; e a terceira, quando seus livros exibiam um profundo traço surreal e religioso, notadamente católico. (Nota da *IHU On-Line*)

próprio poeta. Um dos críticos, Gondim da Fonseca, por exemplo, escreveu: “O sr. Carlos Drummond é difícil. Por mais que esprema o cérebro, não sai nada. Vê uma pedra no meio do caminho, coisa que todos os dias sucede a toda gente (mormente agora que as ruas da cidade inteira andam em concerto) e fica repetindo a coisa feito papagaio”. Em 1925, o poeta concluiu o curso de Farmácia, nunca tendo exercido a profissão, pois queria “preservar a saúde dos outros” e casou-se com Dolores Dutra de Moraes (com quem ficaria casado a vida inteira, passando pela morte de um filho recém-nascido, em 1927, e, em 1928, pelo nascimento da filha Maria Julieta, que seria sua maior confidente). Em 1926, lecionou Português e Geografia no Ginásio Sul-Americano de Itabira. Em 1930, publicou seu primeiro livro, *Alguma poesia*. Em 1934, depois de trabalhar como redator nos jornais *Minas Gerais*, *Estado de Minas* e *Diário da Tarde*, de forma simultânea, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar como chefe de gabinete de Gustavo Capanema<sup>3</sup>, amigo de infância e então novo ministro de Educação e Saúde Pública. Entre lançamentos de novos livros, em 1945 deixou a chefia do gabinete de Capanema e, aceitando convite de Luís

<sup>3</sup> Gustavo Capanema Filho (1900-1985): político e advogado brasileiro. Formou-se pela Faculdade de Direito de Minas Gerais. Vinculou-se, quando universitário, ao grupo de intelectuais da rua da Bahia, junto com Mario Casassanta, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade. Em 1927, ele iniciou sua carreira política. Nas eleições de 1930, apoiou a candidatura de Getúlio Vargas. Foi nomeado, em 1959, por Juscelino Kubitschek, ministro do Tribunal de Contas da União, cargo que ocupou até 1961. Capanema elegeu-se senador por Minas Gerais, em 1970, e também foi Presidente do Museu de Arte Moderna e membro do Conselho Deliberativo da Fundação Milton Campos. Encerrou sua carreira política em 1979, ao término de seu mandato no Senado. (Nota da *IHU On-Line*)

Carlos Prestes<sup>4</sup>, atuou como co-editor do diário comunista *Tribuna Popular*, do qual saiu contrariado com algumas imposições. Foi chamado por Rodrigo M. F. Andrade para trabalhar na diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde se tornaria chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento. Bastante tímido e reservado, teve inúmeras amizades (poetas ou não), como Manuel Bandeira<sup>5</sup> e Mário de Andrade<sup>6</sup>. Por sua introspecção, ele se considerava um “urso polar”. Mesmo assim, apoiava poetas da geração seguinte à sua, como João Cabral de Melo Neto<sup>7</sup>, para quem escreveu, numa carta de 17 de janeiro de 1942, as

---

<sup>4</sup> Luís Carlos Prestes (1898-1990): militar e político comunista brasileiro. Foi secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB), posteriormente chamado Partido Comunista Brasileiro. Casou-se com Olga Benário, morta na Alemanha, na câmara de gás, pelos nazistas. Em 1936, Prestes foi preso, perdeu a patente de capitão e inicia o cumprimento de sua pena, que durou nove anos. Com o fim do Estado Novo, foi anistiado, elegendando-se Senador. Após o golpe de 1964, com o AI-1, teve seus direitos de cidadão novamente revogados, dessa vez por dez anos. Exilou-se na União Soviética, para não ser novamente preso, regressando ao Brasil devido à anistia de 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Condé, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> Mário de Andrade (1893-1945): poeta, romancista, crítico de arte, folclorista, musicólogo e ensaísta brasileiro. Em 1917 foi publicado o seu primeiro livro de versos: *Há uma gota de sangue em cada poema*. A sua segunda obra, *Paulicéia desvairada*, colocou-o entre os pioneiros do movimento modernista no Brasil, culminando, em 1922, como uma das figuras mais proeminentes da famosa Semana da Arte Moderna. Alguns dos seus livros de poesia mais conhecidos são: *Losango cáqui*, *Clã do jabuti*, *Remate de males*, *Poesias* e *Lira paulistana*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Pertencia a uma das mais tradicionais famílias do Pernambuco, sendo irmão do historiador Evaldo Cabral de Mello e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre. (Nota da *IHU On-Line*)

seguintes palavras: “Escrever para si mesmo é narcisismo, ou medo disfarçado de timidez. Sem dúvida, todo sujeito honesto escreve por necessidade, mas nessa necessidade está latente a idéia de comunicação”. De Drummond, João Cabral disse: “Drummond foi a árvore à sombra da qual mais poetas cresceram no Brasil”. Em sua última entrevista, dada ao jornalista Geneton Moraes Neto (publicada em *O dossiê Drummond*. São Paulo: Ed. Globo, 1990), poucos dias antes de sua morte, ocorrida apenas doze dias depois da morte da filha, vítima de câncer, fez uma declaração curiosa, encerrando o diálogo. Perguntado sobre os versos “E como ficou chato ser moderno. / Agora serei eterno!”, Drummond respondeu: “Isso, evidentemente, é uma brincadeira. Não tenho a menor pretensão de ser eterno. Pelo contrário: tenho a impressão de que daqui a vinte anos - e eu já estarei no Cemitério São João Batista - ninguém vai falar de mim, graças a Deus. O que quero é paz”. Seu pedido, obviamente, não foi atendido.

A poesia de Drummond lida com diversos tipos de dicção: desde a mais próxima do coloquial (em *Alguma poesia*, *José*, *Brejo das almas*), passando por uma linha mais social (*A rosa do povo*) e por outra mais hermética (*Claro enigma*, *A vida passada a limpo* e *Lição de coisas*), sem, no entanto, serem rigidamente separadas, como observaram alguns críticos em seus estudos sobre o poeta. Nos livros finais, teria se dividido entre uma autobiografia em verso (com os volumes que constituem *Boitempo*, analisados, no entanto, com bastante argúcia por Antonio Candido e José Guilherme Merquior) e poemas quase em forma de crônicas (como os de *Corpo* e *Amar se aprende amando*), que também escreveu, assim como poemas eróticos (os de *O amor natural*, livro póstumo). No entanto, obras como *As impurezas do branco* e, sobretudo, *A paixão medida*, mostraram um Drummond quase octogenário cheio de vigor e criatividade, trabalhando, com igual desenvoltura, em

versos brancos, rimados, livres ou metrificados, além de continuar a ser um “mestre da sintaxe”, como apontou Davi Arrigucci Jr., em seu estudo *Coração partido*.

Muitos de seus poemas ficaram populares, sobretudo alguns versos: “Quando nasci, um anjo torto ; desses que vivem na sombra / disse: Vai Carlos! ser *gauche* na vida”; “E agora, José?”, “Tinha uma pedra no meio do caminho”, “Oh! Sejam pornográficos / (docemente pornográficos)”, entre muitos outros. Mas são poemas e livros seus que mostram a grande força literária de sua obra, revelando um indivíduo capaz de grande entendimento da própria subjetividade, de suas memórias (familiares, sobretudo), das cidades onde morou e dos movimentos de massa que ajudam a retratar sua própria melancolia. Sua poesia, ao mesmo tempo, constantemente traz o choque com a modernidade e uma alteridade, que se reproduz em poemas amorosos e metalingüísticos.

Para o leitor, vale a pena conferir dois livros com suas cartas: *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond* (Org. Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001) e *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário*

*de Andrade* (Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002), com organização e notas de Silvano Santiago e Carlos Drummond de Andrade.

Quem se interessar por dados biográficos do poeta, duas indicações são *O dossiê Drummond* (São Paulo: Ed. Globo, 1990), de Geneton Moraes Neto, e *Os sapatos de Orfeu* (2. ed. São Paulo: Ed. Globo, 2006), de José Maria Cançado.

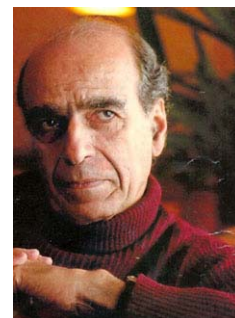
Confira na versão eletrônica desta *IHU On-Line*, disponível no site [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) uma biografia mais completa, com informações sobre as obras de Drummond.

## Novas estórias com e sobre Drummond

POR AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

*Na crônica a seguir, enviada especialmente à IHU On-Line por Affonso Romano de Sant'Anna, ele recorda momentos de sua convivência com o poeta Carlos Drummond de Andrade, de quem foi amigo pessoal. Sant'Anna escreveu sua tese de doutorado sobre Drummond, e esta foi publicada como Drummond, o gauche no tempo (4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992).*

*Poeta, ensaísta, professor, cronista e jornalista, Sant'Anna teve, nos anos 1960, uma participação ativa nos movimentos que transformaram a poesia brasileira, interagindo com os grupos de vanguarda e construindo sua própria linguagem e trajetória. Também data desta época sua participação nos movimentos políticos e sociais. Como poeta e cronista, foi considerado, pela revista Imprensa, em 1990, um dos dez jornalistas que mais influenciam a opinião de seu país. Dirigiu o Departamento de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na década de 1970, organizou a "Expoesia", evento que reuniu 600 poetas num balanço da poesia brasileira e trouxe ao Brasil conferencistas estrangeiros como Michel Foucault. Como jornalista, trabalhou nos principais jornais e revistas do país: Jornal do Brasil, Senhor, Veja, Isto É e O Estado de S. Paulo. Foi cronista da Manchete e do Jornal do Brasil. Está no jornal O Globo desde 1988. Foi considerado pelo crítico Wilson Martins como o sucessor de Carlos Drummond de Andrade, no sentido de desenvolver uma "linhagem poética" que vem de Gonçalves Dias, Bilac, Bandeira e Drummond. De sua obra, composta por cerca de 30 livros de ensaios, poesia e crônicas, destacamos Que fazer de Ezra Pound? (São Paulo: Imago, 2003); Desconstruir Duchamp (Rio de Janeiro: Vieira & Leme, 2003); e A cegueira e o saber (Rio de Janeiro: Rocco, 2006). Em 24-05-2007, conduziu a conferência A autonomia do sujeito na arte, dentro da programação do Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Sobre o tema, concedeu a entrevista "Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade" à edição 220 da IHU On-Line, de 21-05-2007. Na edição 228 da revista, de 16-07-2007, sobre Clarice Lispector, contribuiu com crônicas inéditas sobre a amizade e o convívio que ele e sua esposa, Marina Colasanti, mantiveram com a escritora.*





Pensar que faz vinte anos que Drummond se foi. E pensar que até já comemorarmos o centenário de seu nascimento. Embora ele ironicamente dissesse para a gente que logo que morresse seria esquecido, continua vivo, vivíssimo. E sua biografia ainda pode crescer. Estou me lembrando que numa entrevista ao Pedro Bial<sup>8</sup>, o biógrafo de Drummond, José Maria Cançado<sup>9</sup>, disse modestamente que o poeta era imbiografável. De fato a biografia, mesmo de um morto, está sempre em movimento, em gestação, crescendo no imaginário alheio. Enquanto houver escrita e memória, as coisas que se foram voltarão sempre.

Estava eu nesses dias lembrando-me de umas estorietas com o poeta com quem tive proximidade desde a adolescência e sobre quem já escrevi vastamente. Algumas já narrei na crônica “Perto e longe do poeta” (*Fizemos bem em resistir*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994). Estou me referindo agora a outras estórias. Por exemplo, aquela sucedida no hospital, horas antes de ele morrer. Estava Drummond ainda meio lúcido, mas com dificuldade para falar. Sentiu aproximar-se de seu leito um dos netos que, carinhosamente, tentando amenizar a situação, começou a dizer ao avô que aquilo ia passar e que logo-logo estaria de volta à sua casa na rua Conselheiro Lafaiete.

Ouvindo aquilo e pressentindo que não era isto o que ocorreria, Drummond, que morreria horas depois, fez o último gesto irônico de sua vida. Levantou o braço e deu uma banana para a carinhosa frase do neto.

\* Contou-me Candace Slater, uma brasilianista que dá aulas em Berkeley, que certa vez fora visitar o poeta. No meio da conversa, de repente, ele desferiu a frase: “Você é bonita”. Ela ficou meio sem jeito, por várias

<sup>8</sup> Pedro Bial (1958): jornalista e apresentador brasileiro de televisão, conhecido por apresentar os programas *Fantástico* e *Big Brother Brasil*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> José Maria Cançado (1952-2006): escritor, jornalista e crítico literário brasileiro, autor de *Os sapatos de Orfeu* (São Paulo: Ed. Globo, 2006), biografia de Carlos Drummond. (Nota da *IHU On-Line*)

razões. Sobretudo, porque tinha uma marca no rosto, que a constrangia. A conversa continuou, Drummond pegou o telefone, conversou com Pitanguy<sup>10</sup> e Candace foi operada dali a dias.

\* Contou-me Geraldo Dolino<sup>11</sup>, o pintor que era muito amigo de Maria Julieta e Drummond, que quando o irmão mais velho do poeta, Altivo, morreu, Drummond sentiu necessidade de fazer algo em homenagem àquele irmão que tinha um defeito na perna. Na rua, passou por um mendigo, que lhe pedia esmola. Parou e perguntou-lhe diretamente: “Você quer uma muleta?”. O mendigo, surpreso, respondeu que sim. Mas prontamente deu-se conta de que talvez pudesse tirar mais de seu generoso doador: “Na verdade, eu precisava mesmo era de uma cadeira de rodas”, complementou.

O poeta já estava quase concordando, quando o mendigo adicionou: “Mas de preferência uma daquelas elétricas, o senhor sabe...”.

Meio impaciente, Drummond lhe disse: “Olha, é a muleta ou nada”. Ao que o outro imediatamente concordou, ganhando o presente para ele útil, e para o poeta cheio de significado simbólico.

### A poesia passou lá em casa

\* Um dia estava em minha casa à noite, quando da portaria me avisam que o “senhor Drummond” estava lá embaixo e se ele podia subir. Na hora, achei que era uma brincadeira do Yllen Kerr, que às vezes se identificava ao telefone e até pessoalmente com outro nome, de pura galhofa. Então, disse, pensando que era o Yllen, que poderia subir e continuamos, Marina [Marina Colasanti<sup>12</sup>,

<sup>10</sup> Ivo Hécio Jardim de Campos Pitanguy (1926): cirurgião plástico brasileiro de renome internacional. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> Luiz Geraldo Dolino: pintor brasileiro, amigo de Drummond. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>12</sup> Marina Colasanti: jornalista e cronista, autora de diversos livros para público adulto e infantil. Confira crônicas de sua autoria, sobre Clarice Lispector, publicadas na edição número 228 da revista *IHU On-Line*, de 16-07-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

escritora e mulher de Affonso] e eu, calmamente jantando. Eis - senão - quando, ao abrir a porta, nos deparamos com Drummond em carne e osso, portando sob os braços, como presente, um livro enorme de poemas dele ilustrado pela artista mineira Yara Tupinambá.

Entrou, conversamos mineira e cautelosamente. Ele até brincou com Alessandra, a filha menor, ainda menina. Marina até escreveu uma crônica “A poesia passou lá em casa”, registrando o episódio.

\* Quando, nos anos 1960, estava eu escrevendo a tese de doutoramento *Drummond, o gauche no tempo* (4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992), fui várias vezes à casa dele. Ali, em seu escritório, oferecia-me um suco de cajú ou maracujá, conversávamos e deixou que levasse emprestadas as centenas de críticas publicadas sobre ele. Tinha pastas com tudo. Até com telegramas de congratulações pela publicação de seu primeiro livro em 1930. Ele guardava tudo. Surpreendeu-me ver, mais tarde, na Casa Rui Barbosa, onde estão os seus arquivos, que tivesse guardado até uma cartinha adolescente que lhe enviei quando morava em Juiz de Fora.

Quando a tese ficou pronta, mandei-a, naturalmente, para ele. Percebi, por exemplo, que ele a lera atentamente, e que dava muita importância a esse tipo de trabalho, porque mandou-me cartas dando as fontes do poema da “Moça fantasma” ou explicando que o poema intitulado “Maud” era uma homenagem à amante de Enrico Bianco, que morrera num desastre aéreo. Também, depois da leitura da análise que fiz de “A bruxa”, fez uma correção de um “nesse” por “neste” no poema. E como eu havia notado que, no poema “Isto é aquilo”<sup>13</sup>, a segunda estrofe só tinha nove versos, enquanto as demais tinham dez, numa carta de 23.2.1970 explicava e acrescentava: “Para aquele vazio

---

<sup>13</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Lição de coisas*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.500-502. (Nota da *IHU On-Line*)

da segunda estrofe de ‘Isto é aquilo’, descoberto por você (eu nunca havia reparado na mutilação em jornal e depois em livro), providenciei este enchimento {último verso}: “o boliche e o relincho”.

\* Ele havia, portanto, lido atentamente a tese. Comentando o livro, me dissera: “Mas você me desaparafusou todo”.

\* Quando o livro mereceu os quatro prêmios nacionais de ensaio, Drummond foi o primeiro que me telefonava cumprimentando e às vezes me comunicando, antes que eu recebesse oficialmente o resultado.

Por outro lado, quando o livro foi publicado, como sucede com os autores, passei por uma livraria no centro do Rio e resolvi indagar se meu livro estava lá a venda. “Acabou, disse-me o livreiro. O poeta esteve aqui e comprou os 10 últimos exemplares”.

\* Ao chegar dos Estados Unidos e ir dirigir a pós-graduação de Letras na PUC-Rio, fiz com os especialistas em computação daquela universidade um tratamento estatístico dos dados que havia levantado em minha tese. Eles conseguiram fazer vários gráficos e curvas que comprovavam visualmente os traços metafísicos da poesia de Drummond. Na ocasião, mandei para ele algumas fichas perfuradas (era assim o computador da época) em que apareciam seus textos trabalhados.

Espantado, ele até se divertiu com o fato.

\* Meticuloso e implacável revisor, certa vez o leitor Messias Amaral dos Santos deixou com ele a edição da Nova Aguilar para autografar. Não apenas a autografou, mas fez-lhe um poema-dedicatória e ainda corrigiu todos os erros da edição. Já com a professora Clarice Fukelman aconteceu de Drummond dar-lhe dezenas de livros para um trabalho de leitura que fazia com presos e pobres. Entre esses livros, estava a edição das poesia de Dante Milano<sup>14</sup> - poeta que ele admirava - com uma série de correções que ele pacientemente fizera.

---

<sup>14</sup> Dante Milano (1899-1991) foi um poeta brasileiro representativo da terceira geração do Modernismo. (Nota da *IHU On-Line*)



## Prêmio Nobel

\* Quando eu fazia crítica semanal da *Veja* (nos anos 1970), Mino Carta<sup>15</sup> me ligou certa feita para saber como se poderia ter contato com o poeta, pois notícias vindas da Europa diziam que ele era forte candidato ao Nobel. Pedia-me que intercedesse para que o poeta desse uma entrevista preparatória. Constrangido, liguei para ele, expliquei a situação. Ele ouviu-me reticentemente. E, fosse para se proteger de alguma maneira ou não se expor, recusou-se a dar a entrevista. E, como se sabe, mais uma vez o Nobel não lhe foi dado. Ele bem poderia dizer ironicamente como Borges<sup>16</sup> nessa ocasião: “Não conceder-me o Nobel é uma velha tradição nórdica”.

\* O poeta ficava colado ao seu telefone, como se não tivesse sido ele o autor daquele verso: “ao telefone perdeste muito tempo de semear”. Como ele se sentia protegido pelo telefone, mais à vontade, falava mais. A romancista Ruth Lauss confessou-me que gravava as conversas que tinha com ele.

Uma de suas namoradas, que conversava sempre com ele em torno da meia-noite, por telefone, me disse que

---

<sup>15</sup> Demetrio Carta, mais conhecido como Mino Carta (Gênova, 1933), é jornalista, editor, escritor e pintor ítalo-brasileiro. É considerado um dos mais importantes e influentes jornalistas no Brasil, estando ligado, de forma indissociável, à imprensa moderna do país, como atestam suas criações: a revista *Quatro Rodas*, o *Jornal da Tarde*, o extinto *Jornal da República* e as semanais *Veja*, *IstoÉ* e *Carta Capital*, a qual dirige atualmente junto com a *Agência Carta Capital*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>16</sup> Jorge Luiz Borges (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional” (Bioy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como “O homem da esquina rosada” e “O sul”. Sobre Borges, confira a edição 193 da *IHU On-Line*, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. (Nota da *IHU On-Line*)

foi para ela que ele fez um poema sobre o amor por telefone.

\* Quando a Mangueira resolveu tomar a sua obra e biografia como tema do desfile de 1987 e fui convidado para desfilar na Comissão de Frente, ao lado da velha guarda da escola e de sambistas famosos, conversamos algumas vezes por telefone. Claro que ele não compareceu ao desfile, mas no dia seguinte me ligou para comentar e dizer de seu agradecimento pela lembrança.

\* No princípio dos anos 90, alguns anos depois de sua morte, fui convidado para estar na banca de mais uma tese sobre Drummond. Mas não era uma tese qualquer. Era um trabalho escrito por Maria Lucia Pazzo Ferreira, sobre o erotismo em Drummond. Mas mais que isto, era uma tese em que o poeta havia sido co-orientador, pois, enquanto vivo, era muito amigo da autora e deu-lhe várias sugestões de leitura teórica sobre o assunto, indicando fontes para focar este assunto em sua obra.

Nessa ocasião, eu dirigia a Biblioteca Nacional e consegui para a instituição a doação das cartas que foram trocadas entre o poeta e a autora da tese.

\* Sensação realmente estranha, estapafúrdia, ambígua e perfeitamente normal, no entanto, tive poucos dias antes da morte do poeta. Ele já estivera internado antes da morte de Maria Julieta. E a imprensa, prevendo que ele poderia morrer a qualquer momento, adiantava o obituário. É assim que a imprensa trabalha. Essas páginas, todas escritas recentemente sobre o Betinho, por exemplo, estavam escritas bem antes, creiam-me. Os jornais guardam obituários dos candidatos à morte. Às vezes, são pegos de surpresa. Mas quem tiver interesse e amigos nos jornais deveria até pedir para ler o que vão dizer após sua morte.

Ora, eu havia substituído Drummond como cronista no *Jornal do Brasil*, e lá o Zuenir Ventura<sup>17</sup>, que dirigia o

---

<sup>17</sup> Zuenir Carlos Ventura (1931), jornalista e escritor brasileiro, é colunista do jornal *O Globo* e da revista *Época*. Ganhou o Prêmio

*Caderno B*, pediu-me que fizesse um ensaio sobre o poeta, porque ele poderia morrer a qualquer hora. Estranha, estapafúrfia, ambígua e perfeitamente normal a situação. Ele vivo no seu apartamento e eu no meu, escrevendo o texto para após sua morte.

Acontece a morte de Maria Julieta. Encontro-me com ele no velório. Ele vivo e o jornal já com o texto sobre ele morto, não se sabia para quando. Pensei, deveria dar para ele ler. Ia ser engraçado. Ler vivo o que sobre ele se publicaria depois de morto.

Após sua morte, um dia recebo o telefonema de uma ex-aluna, dizendo-me que Drummond aparecera numa sessão espírita e que havia mandado dois recados. Ouvi-os. Um era para Dona Dolores: que dissesse a ela para não se preocupar porque ele estava muito bem. E pronunciava a palavra - GOVENA, pedindo que a transmitisse à Dolores, que ela saberia o que era aquilo.

Quanto a mim, dizia a amiga espírita, ele mandava dizer que o que mais gostara fora o título daquele meu texto estapafúrdio, estranho, ambíguo e normal, que o jornal publicara: “Vai, Carlos, ser *gauche* na eternidade”.

Fiquei muito preocupado. Pois se, do outro lado da vida, as pessoas têm que continuar a ler jornal, isso é um mau sinal.

---

Jabutí, em 1989, na categoria reportagem, pelo livro *1968 - O ano que não terminou*, que serviu de inspiração para a minissérie *Anos rebeldes*, produzida pela Rede Globo. (Nota da *IHU On-Line*)

## Um eu poético retorcido

ENTREVISTA COM ALCIDES VILLAÇA

*“A subjetividade dramática, ‘retorcida’, do eu poético de Drummond é resultante de vários conflitos, que remontam à ordem familiar, às raízes provincianas, passam pela incorporação dos valores culturais da modernidade e pelos questionamentos metafísicos”, disse Alcides Villaça, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. E complementa: “São retorcimentos pessoais, mas nada exclusivos de Drummond: traduzem as graves incompatibilidades de todo indivíduo que aspira a ser sujeito pleno numa época em que a suposta exaltação do plano individual, liberal é, na verdade, mascaramento de uma grande massificação”.*

*Graduado em Letras e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, Villaça escreveu a dissertação *Consciência lírica em Drummond*. Cursou doutorado em Literatura Brasileira na USP com a tese *Poesia de Ferreira Gullar*. É livre-docente pela USP e leciona nessa instituição, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Também é autor dos livros *O tempo e outros remorsos (São Paulo: Ática, 1975)*; *Viagem de trem (São Paulo: Duas Cidades, 1988)*; e *Passos de Drummond (São Paulo: Cosac & Naify, 2006)*.*



*IHU On-Line* - O indivíduo em Drummond é reconhecido como “um eu todo retorcido”. O poeta também é visto como um dos poetas notoriamente públicos do século XX. Em que medida, com relação a isso, pode-se ver aquela “subjetividade tirânica” destacada por Antonio Candido<sup>18</sup>? Drummond seria um

<sup>18</sup> Antonio Candido (1918): Nasceu no Rio de Janeiro, mas viveu desde a primeira infância em Minas Gerais. Entrou em 1939 para a Faculdade de Direito e para a de Filosofia (Seção de Ciências Sociais), na qual recebeu no começo de 1942 os graus de bacharel e licenciado. De 1958 a 1960 foi professor de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis. Aposentando-se em 1978, continuou a trabalhar em nível de pós-graduação como orientador de teses. Fora da vida acadêmica, foi crítico da revista *Clima* e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Atualmente é vice-presidente da TV do Trabalhador e membro do Conselho editorial da revista *Teoria e Prática*. (Nota da *IHU On-Line*)

poeta, no fundo, individualista? Como isso se mostra a partir de seus poemas?

Alcides Villaça - A subjetividade dramática, “retorcida”, do eu poético de Drummond, é resultante de vários conflitos, que remontam à ordem familiar, às raízes provincianas, passam pela incorporação dos valores culturais da modernidade e pelos questionamentos metafísicos. Tudo isso ocorre no interior de um sujeito tímido e lúcido, incapaz de renunciar ao empirismo da vida na mesma medida em que é incapaz de renunciar aos mais altos ideais. Esse descompasso resulta em drama, sentimento de insuficiência, sensação de deslocamento. Mas também fornece um ângulo muito proveitoso para a criação poética, que é o ângulo do *gauche*: perspectiva libérrima, sem compromisso com a coerência fácil, e aberta para viver os disparates e as verdades da cabeça e

do coração. Ou seja: a insuficiência de ação, nascida da timidez, sublima-se na bela expressão dos desejos mais fundos; o ideal inatingível é, a só um tempo, exaltado e temperado pela ironia; a confissão é tão verdadeira quanto a piada que pretende disfarçá-la. São retorcimentos pessoais, mas nada exclusivos de Drummond: traduzem as graves incompatibilidades de todo indivíduo que aspira a ser sujeito pleno numa época em que a suposta exaltação do plano individual, liberal é, na verdade, mascaramento de uma grande massificação.

***IHU On-Line - Quais são as mudanças efetuadas por Drummond em relação aos modernistas precursores, como Oswald<sup>19</sup> e Mário de Andrade<sup>20</sup> e Manuel Bandeira<sup>21</sup>?***

**Alcides Villaça** - Drummond esteve, no início, muito atento às novas técnicas literárias e às novas

---

<sup>19</sup> José Oswald de Sousa Andrade (1890-1954): escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro. Foi considerado pela crítica como o elemento mais rebelde do grupo. Algumas de suas obras são *Poesia Pau-Brasil*, *Serafim Ponte Grande* e *Memórias sentimentais de João Miramar*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>20</sup> Mário de Andrade (1893-1945): poeta, romancista, crítico de arte, folclorista, musicólogo e ensaísta brasileiro. Em 1917, foi publicado o seu primeiro livro de versos: *Há uma gota de sangue em cada poema*. A sua segunda obra, *Paulicéia desvairada*, colocou-o entre os pioneiros do movimento modernista no Brasil, culminando, em 1922, como uma das figuras mais proeminentes da famosa Semana da Arte Moderna. Alguns dos seus livros de poesia mais conhecidos são: *Losango cáqui*, *Clã do jabuti*, *Remate de males*, *Poesias* e *Lira paulistana*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>21</sup> Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Condé, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da *IHU On-Line*)

perspectivas culturais adotadas pelos modernistas, mas não fez delas um programa, pelo contrário: submeteu-as ao controle de seu “retorcimento” pessoal.

Paradoxalmente, soube potenciá-las no território dos limites de sua personalidade, Nunca deixou de ouvir as lições de Mário de Andrade, seu amigo, mas desde logo reconheceu-se como um “Carlos”, e não pôde nem quis abrir mão de sua personalidade, da qual era, aliás, o crítico mais exigente. Além disso, há sempre a ação dessa coisa misteriosa que é o talento artístico, inexplicável como fonte, mas verificável como resultado. De onde vêm os ritmos e as imagens de Drummond, tão soberbamente controlados pela consciência implacável e, ao mesmo tempo, potenciados pela sensibilidade do poeta?

***IHU On-Line - Alguns críticos observam que há uma divisão, na obra de Drummond, entre uma poesia formalista e uma poesia social? Poderia falar um pouco sobre essa separação que costuma ser feita e se concorda com ela? A obra de Drummond atravessou fases? Quais seriam elas?***

**Alcides Villaça** - Há, de fato, vários Drummonds nesses sessenta anos de produção poética. A personalidade dramática é dinâmica: atravessa humores, avaliações, situações e linguagens diversas. Prefiro o termo “movimentos” a “fases”. A diversidade desses movimentos nasce de sucessivas alterações de espírito e de posicionamento diante do mundo, que pode ser visto como emergência histórica, configuração política, abertura de expectativas, palco dramático, falsa totalização, ordem absurda etc. Não vejo tão-somente oposições internas, mas descontinuidades que resultam da alteração das convicções do poeta. Não é difícil, eu sei, opor *A rosa do povo* a *Claro enigma*, mas com isso se perde o que há de subjetivismo inquietante no primeiro e o que persiste, ainda que no pano de fundo, como consciência histórica (desenganada) no segundo.

“Social”, no sentido forte da palavra, toda a poesia de Drummond é: não há poema dele que não possa incluir uma multidão de sujeitos.

**IHU On-Line - Como se apresenta a relação que Drummond estabelece com a cidade grande, visto que ele se mudou de Itabira (no interior de Minas Gerais) para o Rio de Janeiro? Quais são os poemas que melhor mostram tal relação?**

Alcides Villaça - Ele foi de Itabira para Belo Horizonte, e da capital mineira para a então capital do País. O percurso é clássico: um intelectual busca seus pares, desgarrar-se da província e estaciona num grande centro cultural. Drummond incorporou a vida carioca em suas crônicas, mas sua poesia ateu-se aos dramas essenciais de um mineiro provinciano que ingressou na modernidade histórica e ainda se reservou o direito a um sentimento cósmico do mundo. Para aferir alguns lados desse drama, leia-se, por exemplo, “Cidadezinha qualquer”<sup>22</sup>, “A um hotel em demolição”<sup>23</sup> e “A ilusão do migrante”<sup>24</sup>.

**IHU On-Line - Há um grande atrativo pelo Drummond público, capaz de ter contatos com políticos e mesmo de incorrer numa linha mais sociológica, durante a época de *A rosa do povo*. Como o senhor vê a influência de dados históricos nos poemas de Drummond? Eles são claros?**

Alcides Villaça - Sobretudo em *A rosa do povo*, os fatos históricos surgem em plano aberto, deixando claro o posicionamento político (socialista) do poeta. “Com o russo em Berlim”<sup>25</sup> e “Carta a Stalingrado”<sup>26</sup>, por

<sup>22</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 23. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>23</sup> Idem. *A vida passada a limpo*. In: Op. cit., p. 444-451. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>24</sup> Idem. *Farewell*. In: Op. cit., p. 1395-1396. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>25</sup> Idem. *A rosa do povo*. In: Op. cit., p. 208-210. (Nota da *IHU On-Line*)

exemplo, dizem tudo, já pelo título. Pessoalmente, em *A rosa do povo*, tenho preferência pelos poemas em que a participação se oferece de modo mais conflituoso, como em “A flor e a náusea”<sup>27</sup> ou em “O elefante”<sup>28</sup>. Quem quiser acompanhar os sofridos processos íntimos desse poeta “individualista” buscando a dimensão do político, leia o livro *O observador no escritório*<sup>29</sup>, em que Drummond publicou parte de um seu diário íntimo.

**IHU On-Line - Como o senhor enxerga o poeta que diz “Minha matéria é o nada” (no poema “Nudez”<sup>30</sup>), é bastante melancólico e parece se fazer tão presente em relação aos problemas reais do cotidiano brasileiro? Isso seria um paradoxo em sua obra?**

Alcides Villaça - Confesso que não vejo “problemas reais do cotidiano brasileiro” em “Nudez”, um poema que desenvolve soberbamente o sentimento de desengano, de niilismo e de morte. O verso “Minha matéria é o nada”, paradoxal em si mesmo, corresponde a uma dolorosa renúncia à qualquer manifestação de vida: é o poeta entrando na essência negativa do mundo, na absoluta falta de sentido de tudo, do que resulta essa aspiração à nudez definitiva, identificada no despojamento que só a morte propicia. É um dos picos da poesia regida pela negatividade drummondiana.

**IHU On-Line - Por que Drummond, para o senhor, é tão enigmático, e em quais temas ou poemas tal característica fica mais evidenciada? Vem desse**

<sup>26</sup> Idem. *A rosa do povo*. In: Op. cit., p. 200-202. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>27</sup> Idem. *A rosa do povo*. In: Op. cit., p. 118-119. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>28</sup> Idem. *A rosa do povo*. In: Op. cit., p. 165-168. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>29</sup> Idem. *O observador no escritório* (Memória). Rio de Janeiro: Record, 1985. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>30</sup> Idem. *A vida passada a limpo*. In: Op. cit., p. 419-420. (Nota da *IHU On-Line*)



elemento o tamanho da fortuna crítica que hoje possui o poeta?

Alcides Villaça - Como eu também acho que a razão de ser do mundo e de nossas vidas é um grande enigma, tendo a ver com naturalidade esse poeta “enigmático”. Mas, para a poesia, a questão não está nos enigmas em si mesmos, e sim na intensidade dos símbolos que os traduzem e os revelam numa forma possível, às vezes sublime. Quem gosta de poesia, toma-a como uma verdade profunda deste nosso mundo inexplicado. Nosso consolo (Drummond nos ensinou): pode iluminar nossas perguntas com imagens, embalar nossas interrogações no envolvimento dos ritmos, e a beleza assim conquistada se acrescenta aos outros enigmas. Vejam-se poemas como “Um boi vê os homens”<sup>31</sup>, “Relógio do Rosário”<sup>32</sup>, “O enigma”<sup>33</sup> e “A máquina do mundo”<sup>34</sup>, por exemplo, para se reconhecer a variação de perspectivas que o poeta adotou para tratar das perguntas sem respostas. Certamente, boa parte da fortuna crítica de Drummond deve-se ao interesse das questões mais vivas, formuladas com tanta intensidade, que o poeta disseminou em seus discursos poéticos.

**IHU On-Line - Antonio Candido dizia que em Drummond a “idéia só existe como palavra, porque só recebe vida, isto é, significado, graças à escolha de uma palavra que a designa e à posição desta na estrutura do poema”; Luiz Costa Lima<sup>35</sup> falou sobre a**

<sup>31</sup> Idem. *Claro enigma*. In: Op. cit., p. 252. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>32</sup> Idem. *Claro enigma*. In: Op. cit., p. 304-305. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>33</sup> Idem. *Novos poemas*. In: Op. cit., p. 242-243. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>34</sup> Idem. *Claro enigma*. In: Op. cit., p. 301-304. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>35</sup> Luiz Costa Lima: crítico literário brasileiro, graduado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese *Estruturalismo e teoria literária*. Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é autor de inúmeros livros, como *Lira e Antilira: Mário,*

“corrosão” na obra do poeta; João Alexandre Barbosa<sup>36</sup> comentava sobre o seu “conhecimento”; Haroldo de Campos<sup>37</sup> destacou a concretude de alguns poemas do poeta mineiro; Affonso Romano de Sant’Anna<sup>38</sup> falava no “gauche”. Em *Passos de Drummond* (São Paulo: Cosac & Naify, 2006), seu livro, há algum mote que sintetizaria a obra analisada?

Alcides Villaça - Permita-me, então, citar uma pequena passagem do meu livrinho, na qual busco alguma síntese: “O antagonismo entre a necessidade afetiva de constituição e expressão de um sujeito e a desconfiança crítica de que tal tarefa é mais que problemática traduz muitos dos paradoxos do nosso

---

*Drummond, Cabral* (2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995); *Mimesis e modernidade: formas das sombras* (2. ed. São Paulo: Graal, 2003); e *História. Ficção. Literatura* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006). Confira, nesta edição, uma entrevista especial com Costa Lima, intitulada *O poeta brasileiro do século XX de maior grau de penetração*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>36</sup> João Alexandre Barbosa (1937-2006): crítico brasileiro e ex-professor da USP, é autor de obras como *A metáfora crítica* (São Paulo: Perspectiva, 1974); *A imitação da forma* (São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975); *As ilusões da modernidade* (São Paulo: Perspectiva, 1986); *Alguma crítica* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2002); e *Mistérios do dicionário* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>37</sup> Haroldo Eurico Browne de Campos (1929-2003): poeta, crítico literário e tradutor brasileiro, autor de, entre outras obras, *Xadrez de estrelas: poesia 1949-1974* (São Paulo: Perspectiva, 1976); *Signância: quase céu* (São Paulo: Perspectiva, 1979); *Galáxias* (2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2003); e *Crisantempo - no espaço curvo nasce um* (São Paulo: Perspectiva, 1998) (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>38</sup> Affonso Romano de Sant’Anna (1937): poeta, jornalista brasileiro. De sua obra, composta por cerca de 30 livros de ensaios, poesia e crônicas, destacamos *Que fazer de Ezra Pound?* (São Paulo: Imago, 2003); *Desconstruir Duchamo* (Rio de Janeiro: Vieira & Leme, 2003); e *A cegueira e o saber* (Rio de Janeiro: Rocco, 2006). Sant’Anna esteve presente na Unisinos, participando do Simpósio Internacional *O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Nesta ocasião, o jornalista foi entrevistado pela *IHU On-Line*, com o título “Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade”. A entrevista pode ser conferida na edição 220, de 21-05-2007. Confira, ainda, nesta edição, uma crônica de Sant’Anna sobre Drummond. (Nota da *IHU On-Line*)



tempo. O mais ferrenho individualismo, explorado nos limites agudos da autoconsciência, é também a consciência possível do mundo torto. O discurso lírico drummondiano nos faz viver a experiência condutora de uma inteligência pujante, mas irônica, como os desvãos de uma paixão desconsolada, mas irresistível. A sensação

de nos surpreendermos atravessados simultaneamente por essa inteligência e por essa paixão, num mesmo golpe, expressivo, é o selo da contundência dessa poesia”.

## Separar o Drummond social do formalista é um erro trágico

ENTREVISTA COM JOHN GLEDSON

*Na opinião de John Gledson, docente no Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade de Liverpool, Inglaterra, não há erro mais trágico do que separar o Drummond social do formalista. Para o pesquisador britânico, “boa parte da sua grandeza reside nisso”. E acrescenta: “Evidentemente há brigas de vez em quando entre a forma e o conteúdo, mas não pode haver divórcio, senão a poesia perderia seu sentido - social e formal”. Especialista em Machado de Assis e Drummond e fluente em português, Gledson concedeu a entrevista a seguir por e-mail à IHU On-Line.*

*Gledson é graduado em inglês pela Loretto School e mestre em Literatura Hispânica pela Universidade de St. Andrews, ambas instituições na Escócia. Coursou, também mestrado e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, com a dissertação *The origins of Galician medieval poetry and his historical* e a tese *The poetry and poetics of Carlos Drummond de Andrade*. É autor de, entre outros, *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade (São Paulo: Duas Cidades, 1981)*; *Machado de Assis: ficção e História (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986)*; *Brazil: culture and identity (Liverpool: Institute of Latin American Studies, 1994)*; e *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos (São Paulo: Companhia das Letras, 2003)*.*

*IHU On-Line - Quais foram as características que o atraíram na obra de Drummond para que ele fosse estudado? Você, que também escreve sobre Machado de Assis, julga que ele está para a prosa brasileira*

*assim como Drummond está para a poesia? Quais são os elementos que esses autores teriam em comum?*

*John Gledson - Acho que (entre outras coisas) foram a rebeldia (“meu anarquismo é o melhor de mim”), junto com seu oposto, uma consciência de que chega um*

momento em que você tem que saber que a rebeldia tem seus limites - coisas já presentes nos artigos que escreveu nos anos 1920, e que pesquisei em detalhe: o ceticismo perante a religião e os dogmatismos políticos, a honestidade, “este orgulho, esta cabeça baixa...”. Acho que desde sempre admirei a maneira de ele encarar a velhice e o envelhecimento também (já em “Dentaduras duplas”<sup>39</sup>), a atitude perante o amor presente em “Campo de flores”<sup>40</sup> por exemplo - são coisas que sempre lhe agradecerei. Não sei se Drummond e Machado<sup>41</sup> são espíritos gêmeos. Certamente, Drummond tinha um amor profundo pela obra de Machado, e um conhecimento detalhado que poucos têm. Ambos eram, obviamente, céticos, um pouco arredios, isso num país que valoriza muito o calor humano.

**IHU On-Line - Críticos dizem que há um Drummond social, próximo dos problemas da vida real, e um Drummond formalista, mais voltado aos experimentos da linguagem. O senhor concorda com essa separação, que costuma ser feita na obra do autor? Ela teria passado pelo que chamamos de “fases” do escritor?**

**John Gledson -** Acho que não há erro mais trágico do que separar um do outro, porque justamente Drummond

<sup>39</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 81-82. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>40</sup> Idem. *Claro enigma*. In: Op. cit., p. 268-269. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>41</sup> Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Ática, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela *IHU On-Line* com Maílde Trípoli, em 20-04-2007, no site [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), intitulada *O negro na obra de Machado de Assis*. (Nota da *IHU On-Line*)

é uma e outra coisa ao mesmo tempo, e o social vai de mãos dadas com a atitude perante a linguagem; boa parte da sua grandeza reside nisso. Evidentemente, há brigas de vez em quando entre a forma e o conteúdo, mas não pode haver divórcio, senão a poesia perderia seu sentido - social e formal. A divisão em “fases” é outro lugar-comum, que não deixa de fazer sentido, mas que é bastante perigoso também, porque Drummond não muda por seguir qualquer moda - embora estivesse consciente dessas mudanças exteriores ao longo da vida dele -, mas por necessidades internas, que estão aí para quem quiser ler e entender. Já o disse Antonio Candido, em 1944: “Carlos Drummond representa essa coisa invejável que é o amadurecimento paralelo aos fatos; o amadurecimento que significa riqueza progressiva (...)”.

**IHU On-Line - Em *Claro enigma*, o poeta apresenta uma epígrafe de Paul Valéry<sup>42</sup>: “Les événements m’ennuient” (Os acontecimentos me entendiam). Há, nesse sentido, uma busca de Drummond pela “poesia pura”? Que relação ele estabelece, em seus escritos, com Valéry e Mallarmé<sup>43</sup>?**

<sup>42</sup> Ambroise-Paul-Toussaint-Jules Valéry (1871-1945): filósofo, escritor e poeta francês da escola simbolista. Seus escritos incluem interesses em matemática, filosofia e música. Sua obra poética foi influenciada por Stéphane Mallarmé e influenciou Jean-Paul Sartre. Foi discípulo de Stéphane Mallarmé. No Brasil, traduções de escritos (poemas e reflexões) dele podem ser encontradas em *Esboço para uma serpente* (Trad. de Augusto de Campos. São Paulo: Brasiliense, 1984). Também podem ser encontrados estudos dele em *Introdução ao método de Leonardo da Vinci* (São Paulo: Ed. 34), *Variedades* (São Paulo: Iluminuras), *Eupalinos ou o arquiteto* (São Paulo: Ed. 34) e *Degas dança desenho* (São Paulo: Cosac & Naify). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>43</sup> Stéphane Mallarmé (1842-1898): poeta e crítico literário francês. Mallarmé se utilizava dos símbolos para expressar a verdade através da sugestão, mais que da narração. Sua poesia e sua prosa se caracterizam pela musicalidade, a experimentação gramatical e um pensamento refinado e repleto de alusões que pode resultar em um texto às vezes obscuro. Seus poemas mais conhecidos são *L'après-midi d'un faune* (1876), *Herodias* (1869) e *Un coup de dés* (1897). Outras obras

**John Gledson** - Há um capítulo detalhado sobre isso no meu livro *Influências e impasses*, que é difícil resumir em poucas palavras. Vou tentar. Desde sempre - desde os anos 1920, quando já lera a ambos -, Drummond manteve uma relação de admiração e distância perante esses poetas, e outros que podemos chamar de simbolistas, de uma geração anterior à dele - Rilke<sup>44</sup>, Pessoa<sup>45</sup>, por exemplo. O Abbé Bremond<sup>46</sup>, propagandista da poesia pura nos anos 1920, foi bem menos admirado. Drummond faz parte de uma grande geração, na poesia mundial, que se afasta desses pressupostos, embora mantendo com eles profundas ligações, como não podia deixar de ser. Quem quiser entender melhor, pode ler “Extraordinária conversa com uma senhora das minhas relações”, de *Contos de aprendiz*<sup>47</sup>, uma exposição do assunto em diapasão cômico.

**IHU On-Line** - Drummond ganha destaque popular por sua linguagem próxima do coloquial, como aquela que vemos em “No meio do caminho” e “José?”. No entanto, não residiria exatamente na mescla entre esse coloquial e um traço mais erudito (com

---

importantes de Mallarmé são a antologia *Verso e prosa* (1893) e o volume de ensaios em prosa *Divagações* (1897). Mallarmé destacou-se por uma literatura, em que se mostra ao mesmo tempo lúcida e obscura. É, por isso, considerado um poeta difícil e hermético. Sobre Mallarmé, confira a entrevista *A quase-arte de Mallarmé*, concedida por André Dick, doutor em Literatura Comparada pela UFRGS, e revisor da Revista *IHU On-Line*, que nesta edição contribui de forma especial na elaboração das questões sobre Drummond. O material pode ser acessado no site [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) em 27-07-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>44</sup> Rainer Maria Rilke (1875-1926): poeta alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>45</sup> Fernando Pessoa (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>46</sup> Abbé Bremond (1865-1933): crítico literário francês, filósofo católico e modernista teológico. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>47</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos de aprendiz*. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. (Nota da *IHU On-Line*)

experimentos, citações a obras como as de poetas franceses) a qualidade maior de Drummond?

**John Gledson** - Concordo que é a mistura, ou melhor, a tensão entre esses e outros tons de linguagem que é uma das grandes qualidades da poesia drummondiana. Veja que insisto mais uma vez na tensão, e não na justaposição. Um dos grandes momentos dessa tensão é justamente o poema onde fala da briga diária que o poeta tem com a linguagem - o famoso “O lutador”<sup>48</sup>. Nesse poema, do mesmo livro que o “coloquial” “José”<sup>49</sup>, há uma série de palavras “eruditas”, que o poeta parece forçado a usar, ou que usa com - palavra-chave - ironia. Com a rima é a mesma coisa, como nos mostrou Hécio Martins, no magistral *A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade*<sup>50</sup>, republicado há pouco com outros ensaios dele.

**IHU On-Line** - Na sua visão, como se mistura o poeta, digamos, privado (da família, das memórias pessoais, da cidade antiga) com o poeta público (cronista, funcionário público)?

**John Gledson** - Bem, desde o começo ele procurava juntar as duas coisas - “Confidência do itabirano”<sup>51</sup> não é só um lamento para a infância perdida, é uma referência a uma cidade que, naquele momento, estava no centro de uma polêmica sobre o uso do minério bruto em prol da nação. Na primeira versão do poema há o verso: “esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil” - em algumas publicações posteriores, ele tirou estas últimas palavras, talvez por não corresponder à situação contemporânea.

---

<sup>48</sup> Idem. *José*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 99-101. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>49</sup> Idem. *Alguma poesia*. In: Op. cit., p. 106-107. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>50</sup> MARTINS, Hécio. *A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>51</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentindo do mundo*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 68. (Nota da *IHU On-Line*)

Felizmente (na minha opinião) restituiu-as para a *Poesia completa*<sup>52</sup> definitiva. Os poemas sobre Itabira acompanham, e, no fundo, não desdizem da outra poesia dele.

**IHU On-Line - A obra *Lição de coisas* pode ser vista como a mais experimental feita por Drummond, em razão de poemas como “Isto é aquilo”,<sup>53</sup> “A bomba”<sup>54</sup> e “Amar-amaro”<sup>55</sup>, ou esta é uma tendência a se ver como ápice da modernidade e das vanguardas uma determinada poética concretista?**

**John Gledson** - Confesso que sempre fiquei atônito perante a tentativa dos concretistas de anexar *Lição de coisas*, quando é tão óbvio que “Isto é aquilo”, sobretudo, é um reconhecimento e um distanciamento dos princípios poéticos deles. As palavras, nesse poema, têm mil maneiras de se ecoar, se juntar, se afastar, pelo som, pelo sentido, justamente como em poemas como “O lutador” ou “Procura da poesia”<sup>56</sup>. A visão que Drummond tinha da linguagem nunca excluiu - o que é um pouco constrangedor para muitas poéticas modernas - a emoção. “A plástica é vã, se não comove”, diz num poema de *Claro enigma*, se não me engano. A poesia também.

**IHU On-Line - Há um possível diálogo entre poetas de língua inglesa com a obra de Drummond? Se existe, em quais autores?**

**John Gledson** - Recentemente, na revista *Entrelivros*, dediquei um pequeno artigo a este assunto, que acho fascinante, se bem que problemático. Ele disse, em certa

<sup>52</sup> Idem. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>53</sup> Idem. *Lição de coisas*. In: *Op. cit.*, p. 500-502. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>54</sup> Ibidem, p. 495-499. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>55</sup> Ibidem, 476-477. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>56</sup> Idem. *A rosa do povo*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 117-118. (Nota da *IHU On-Line*)

ocasião, que o inglês era “a língua mais encantatória para mim”, mas não resta dúvida que o francês era a língua estrangeira com se sentia mais à vontade, como aliás era natural para a sua geração. Para mim, o fascinante é saber se, no afastamento de uma língua poética “poética” para outra mais prosaica e terra-a-terra, que ele e Bandeira foram os primeiros a operar, houve uma influência da “nossa” tradição, que desde os românticos busca e usa “a selection of the language really used by men”, nas famosas palavras de Wordsworth<sup>57</sup>. Otto Maria Carpeaux<sup>58</sup> sugeriu uma evolução paralela ao grupo de Auden<sup>59</sup> - acho instigante a idéia. Não esqueçamos que um grande amigo, Abgar Renault<sup>60</sup>, traduziu uma volume de *Poetas ingleses de guerra*.

**IHU On-Line - O senhor nota a presença de poetas estrangeiros na poesia de Drummond? De que modo e quais seriam alguns poemas em que ela se mostra?**

**John Gledson** - Aqui, devo remeter novamente a *Influências de impasses*, onde tratei da influência passageira de muitos poetas, ou de referências a eles, e tratei detalhadamente da aproximação com Valéry, e, muito mais, com o grande poeta franco-uruguaio Jules

<sup>57</sup> William Wordsworth (1770-1850): poeta inglês, considerado um dos mais importantes do romantismo. Sua obra *Baladas líricas* (1798) é uma das mais importantes e influenciou de modo determinante a paisagem literária do século XIX. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>58</sup> Otto Maria Carpeaux (1900-1978): crítico literário, nasceu em Viena, mas se radicou no Brasil. Autor de, entre outras obras, *História da literatura ocidental* (Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959, 8 vol.) e *Uma nova história da música* (Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>59</sup> W. H. Auden (1907-1973): poeta e crítico inglês. Dele, publicou-se no Brasil *Poemas* (Trad. de João Moura Jr. e José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>60</sup> Abgar Renault (1901-1995): professor, educador, político, poeta, ensaísta e tradutor brasileiro. Fez parte da Academia Brasileira de Letras. Publicou, entre outros, os livros *Pássaro perdido* (1947), *Sonetos antigos* (1968), e *A lápide sob a lua* (1968). (Nota da *IHU On-Line*)

Supervielle. Realmente aconselho a leitura do capítulo que escrevi a esse respeito, porque creio que quem nunca desconfiou dessa influência/aproximação ficará atônito, e mais do que isso, comovido. Se você compara um poema como “Nuit en moi, nuit au dehors...” com “Noturno à janela do apartamento”<sup>61</sup>, você vê, como em relevo, as qualidades que juntam e separam os dois, e que revelam suas respectivas grandezas. Devo meu amor à poesia de Supervielle à revelação de Drummond. E não é, como se tende a acreditar, nenhum poeta menor - digam isso a Eliot<sup>62</sup> e Rilke, dois dos seus admiradores.

**IHU On-Line - O que faz a obra de Drummond, além de sua evidente qualidade, ser tão moderna ainda hoje, 105 anos depois de seu nascimento e 20 anos depois de sua morte? Ele é muito estudado fora do Brasil?**

**John Gledson** - Só respondo pelos países de língua inglesa, e posso dizer que ele é pouco mais do que ignorado; só em departamentos de línguas hispânicas nas universidades, onde sem dúvida é estudado. Existe uma única boa antologia de sua poesia, americana, feita por Thomas Colchie<sup>63</sup>, e incluindo traduções de Elizabeth Bishop<sup>64</sup>. Contém pouco mais de 40 poemas - e é de 1986. Difícil responder à primeira parte da pergunta - as qualidades que mencionei na resposta à primeira

---

<sup>61</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 88-89. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>62</sup> **Thomas Stearns Eliot** (1888-1965): poeta modernista, dramaturgo e crítico literário britânico-norte-americano. Em 1948, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>63</sup> **Thomas Colchie**: é um tradutor e um agente literário norte-americano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>64</sup> **Elizabeth Bishop** (1911-1979): Poeta norte-americana, morou durante um período de sua vida no Brasil. No Brasil, foi publicado de sua autoria, entre outros livros, *O iceberg imaginário e outros poemas* (Trad. de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001). (Nota da *IHU On-Line*)

pergunta continuam a ter sua validade. E os livros vendem, os leitores lêem, que é o que o poeta queria.

## A obra poética de Drummond foi feita de viradas e experimentação de novas formas

ENTREVISTA COM IUMNA MARIA SIMON

*De acordo com Iumna Maria Simon, professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP), “a modernidade de Drummond não escamoteou os lados atrasados da sociedade brasileira, soube tratá-los com imaginação e se relacionar criticamente com eles”. A afirmação faz parte da entrevista concedida por Simon, por e-mail, à IHU On-Line.*

*Iumna é graduada em Letras e especialista em Teoria da Literatura pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). É doutora em Literatura Brasileira pela UNESP com a tese *A rosa do povo: uma poética do risco e cursou pós-doutorado na Universidade de Yale, nos EUA. É autora de Drummond: uma poética do risco (São Paulo: Ática, 1978); Poesia concreta (São Paulo: Abril Cultural, 1982), com Vinícius Dantas; Território da tradução (Campinas: IEL/FUNCAMP, 1984) e organizou a edição crítica das Poesias completas de Alvares de Azevedo (Campinas e São Paulo: Unicamp e Imprensa Oficial do Estado, 2002).**

*IHU On-Line - Drummond, em razão, sobretudo, de *A rosa do povo*, foi um poeta político e participante, com suas “líricas de guerra”, visando a uma “comunicação afetiva” e uma “anti-poesia”. Isso, conseqüentemente, o afastaria de uma “poesia pura” (na linha adotada por um Valéry)?*

*Iumna Maria Simon - No curso da Segunda Guerra, em que aflora à consciência artística a necessidade de participação nos acontecimentos, Drummond não toma o partido fácil de escolher entre os dois pólos. Pelo contrário: faz do seu engajamento uma tensão permanente entre puro e impuro, poético e antipoético, entre centramento lírico e abertura do poema ao mundo. São tensões que alimentam *A rosa do povo*, colocando sob suspeita a viabilidade de uma ou outra forma de expressão. Dessa maneira, o poeta experimenta as*



*possibilidades da linguagem poética até o limite de suas forças expressivas. “Consideração do poema”<sup>65</sup> e “Procura da poesia”<sup>66</sup>, os dois primeiros poemas, armam os termos da contradição que movimenta a energia criadora do livro: do compromisso com a matéria do presente ao compromisso com as palavras; do registro objetivo dos fatos ao recolhimento subjetivo; da ampliação discursiva do verso à máxima voltagem lírica, num jogo extraordinário entre a expansão e a condensação do discurso poético, entre a prosa e a poesia, mas um jogo de contaminação mútua que impregna a formalização interna dos poemas. Quer dizer,*

<sup>65</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 115-116. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 117-118. (Nota da *IHU On-Line*)



os pólos do poético e do antipoético são categorias dinâmicas que se inter-relacionam de modo tal que um passa a ser condição de existência e validade do outro. Penso que as experiências mais ricas da poesia moderna brasileira advêm dessa disposição desassomburada para pensar o poético a partir da instigação viva do antipoético. Portanto, falar em “poesia pura” para *A rosa do povo* é voltar a um padrão anterior, que justamente havia sido criticado.

**IHU On-Line - Quais são as mudanças que se efetuam do primeiro modernismo (de Mário e Oswald de Andrade e Manuel Bandeira) para o segundo (de Murilo Mendes e, sobretudo, Drummond)? Drummond representa quais ganhos nessa passagem?**

**Iumna Maria Simon - Alguma poesia (1930)**, primeiro conjunto de poemas publicado por Drummond, tem sido abordado como um livro de estréia marcado pelas propostas modernistas dos anos de 1920, graças não só ao apego ao pitoresco local, ao humor, ao poema-piada, como pela prática de um lirismo objetivo, à maneira de Oswald de Andrade. Estes são os procedimentos específicos do primeiro tempo do modernismo brasileiro, os quais mais tarde o nosso poeta chamaria de “nativismo neo-realista”, numa crítica evidente às principais armas de choque daquele momento. No famoso “No meio do caminho”<sup>67</sup>, que fez tanto alarde na época, ele revoluciona a piada injetando nela o foco existencial e o subjetivo, que especula sobre a vida e o poema, sem perder o ânimo da provocação. Afinal, essa é a dialética artística que move as renovações genuínas, ou melhor, foi a experiência acumulada no curso dessa vanguarda que possibilitou o aproveitamento e a superação crítica das concepções estéticas iniciais para o passo adiante dos grandes poetas brasileiros da década de 1930. A correspondência de Drummond com Mário de

<sup>67</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 16.

Andrade ilustra esse aprendizado, tanto que a edição das cartas de Mário de Andrade, organizada e anotada pelo próprio Drummond, recebeu o título *A lição do amigo*. O primeiro modernismo foi a sua deseducação salvadora.

**IHU On-Line - Como a família e o amor se mostram na obra drummondiana? Tais elementos são sempre vistos por um olhar melancólico, benjaminiano, ou há alegria nas lembranças que ela evoca?**

**Iumna Maria Simon -** A pergunta que podemos fazer ao conjunto da obra é como um dos maiores escritores modernos do século XX, que acompanhou e registrou os acontecimentos nacionais e internacionais mais marcantes de seu tempo, soube preservar suas relações familiares tradicionais e reverenciar, mesmo quando o critica, o mundo tradicional do patriarcalismo brasileiro. É o passado que ainda vive subjetivamente no presente, invadindo ou embaçando o olhar que se dirige ao mundo, o que tem uma força de revelação inegável para melhor compreendermos o movimento modernista no Brasil. Ou, revirando a pergunta, como um poeta tão ligado ao seu passado patriarcal pôde assumir posições socialistas lúcidas e sempre atentas às disparidades da sociedade brasileira? É o que já notou Antonio Candido, quando disse: “é sem dúvida curioso que o maior poeta social da nossa literatura contemporânea seja, ao mesmo tempo, o grande cantor da família como grupo e tradição”. Noutras palavras, a modernidade de Drummond não escamoteou os lados atrasados da sociedade brasileira, soube tratá-los com imaginação e se relacionar criticamente com eles.

Não saberia dizer se Drummond escreveu realmente algum poema de amor. Talvez tenha usado os temas amorosos antes para revelar a condição humana em sua finitude e efemeridade. No início, nos anos 1920, o amor é humor e clichê, os poemas que falam dele fazem graça e piada para rir de seu lado convencional e burguês. A partir de *Claro enigma*, salvo engano, as passagens

amorosas se adensam e sofrem uma solene expansão meditativa, surpreendendo a existência de amor em situações menos prováveis: na velhice, na derrota, na fraqueza, na desilusão. Curiosamente, quase toda vez em que o amor aparece acentua-se o jogo supremo com as formas. “E já não sei se é jogo, ou se poesia” - como ele acaba a sua “Elegia” de *Fazendeiro do ar*<sup>68</sup>. Amor é pretexto para a variação de formas, fixas ou não, paráfrases de tópicos clássicas, revisitação do passado sob a forma de um balanço existencial ao mesmo tempo amargo e gracioso. O tema amoroso presta-se como licença para retomar gêneros antiquados ou maneiras esquecidas do Simbolismo<sup>69</sup> para trás. Acho seus poemas eróticos muito fracos. Drummond jamais chegou ao erotismo de Manuel Bandeira<sup>70</sup> e mesmo ao de João Cabral, que escreveu um dos poemas mais eróticos da literatura brasileira, “Estudos para uma bailadora andaluza”.

**IHU On-Line - Quais são os livros que Drummond melhor emprega sua poética? Ele teria, com o tempo, se transformado no que alguns críticos falam: num “poeta cronista”?**

Iumna Maria Simon - É o que dizem, sobretudo a respeito dos três *Boitempo* e de *Versiprosa*, cujo subtítulo é “Crônica da vida cotidiana e de algumas

<sup>68</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 410-412.

<sup>69</sup> **Simbolismo**: estilo literário, teatral e de artes plásticas surgido na França, no final do século XIX, como oposição ao realismo e ao naturalismo. Suas principais características são o subjetivismo, a musicalidade e o transcendentalismo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>70</sup> **Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho** (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os Sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Condé, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da *IHU On-Line*)

miragens”. Numa notinha introdutória a este último, o autor explica que nele reuniu crônicas publicadas em vários jornais, crônicas que “transferem para o verso comentários e divagações da prosa”. Como não se animava a chamá-las de poesia, e prosa deixaram de ser, batizou-as de “versiprosa”. Basta este exemplo para ilustrar como uma forma de expressão age sobre a outra, multiplicando os recursos de composição, intensificando a mescla estilística, o cultivo da prosa no interior do verso e, no caso de *Boitempo*, também abrindo a forma poética ao relato e à narrativa. A crítica a que você se refere vê aí uma perda da tensão formal e do ângulo trágico-problemático da poesia anterior, uma recaída no prosaico e no jocoso. Que o tom, a dicção e a energia poética mudaram não há dúvida, mas toda a obra poética de Drummond não foi feita de viradas e experimentação de novas formas? É bom lembrar que literatura e jornalismo sempre foram atividades complementares na vida de Drummond e formas de expressão indissociáveis na mescla estilística de sua obra, em verso e prosa.

**IHU On-Line - Em seu estudo Drummond: uma poética de risco, a senhora lembra, baseada em Mukarovsky<sup>71</sup>, que o “estudo científico da literatura exige a consideração do meio social onde a obra teve origem em relação ao qual ela funciona”. No estudo, ainda lembra-se de considerações de, entre outros, Adorno<sup>72</sup>. Como a relação entre o histórico e o social se mostraria na obra poética de Drummond?**

<sup>71</sup> **Jan Mukarovsky** (1891-1975): Lingüista tcheco. Analisou as funções estéticas de obras de arte que, segundo ele, deveriam ser classificadas com base nos fenômenos sociais. O ponto central do embasamento semiótico da estética de Mukarovsky é a substituição da idéia da beleza pela idéia de função. Fazendo uso de sua dedução, em 1942, desenvolveu a tipologia das funções, na qual faz menção clara ao estruturalismo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>72</sup> **Theodor Wiesengrund Adorno** (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em

**Iumna Maria Simon** - É fácil tratar da relação entre o histórico e o social nos poemas de alto índice participante de *A rosa do povo*. Mas como este não é um livro de mão única, o que me interessou no passado foi verificar a referida relação nos demais poemas do conjunto, sobretudo naqueles centrados na tônica da expressão individual, da memória, da condensação lírica, da metapoesia. Ao dar esse passo analítico, ainda tateante na época, constatei que esses outros poemas (que, aliás, são a maioria do conjunto) só podem ser compreendidos se confrontados com o contexto histórico-político em que se inscrevem e, por conseguinte, no diálogo tenso e contraditório que mantêm com os poemas de conteúdo participante. Mesmo “Procura da Poesia”, em geral considerado como um manifesto estético estranho ou até oposto ao empenho de participação, ao debater a inutilidade dos temas e assuntos e firmar o compromisso do poeta com as palavras, quer testemunhar a passagem da palavra poética pela história.

**IHU On-Line - Como se poderia relacionar a multidão enfocada por Walter Benjamin<sup>73</sup> na obra de Baudelaire<sup>74</sup> na poesia de Drummond, também lembrada em seu estudo? É certo, neste sentido,**

---

todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>73</sup> **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>74</sup> **Charles-Pierre Baudelaire** (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. (Nota da *IHU On-Line*)

**aquele verso de Drummond “É preciso ler Baudelaire”? O poeta brasileiro tem um diálogo com o francês, na descrição dos movimentos urbanos, novas formações de massas?**

**Iumna Maria Simon** - Não acredito na aplicação direta da análise de Benjamin à poesia moderna do século XX, porque os problemas já são outros, o capitalismo avançou muito e o consumo se instalou em larga escala, mesmo que as metrópoles novamente tenham se tornado numa arena de violência e pobreza. O diálogo com Baudelaire interessou ao nosso poeta menos pelo lado dos assuntos ou da referência intertextual do que pelo tratamento estético da modernidade, por ser a fonte de que deriva a intervenção da consciência crítica na poesia moderna. É inegável que Drummond encontrou aí o senso agudo do presente como força constitutiva da experiência artística na modernidade. A escolha de um tema é devida à sua existência na realidade presente ou, como diz Baudelaire, a atração de um escritor por seu tema é a atração por uma ação, por um significado autônomo que existe fora do reino da linguagem, ou seja, uma atração pelo que não é arte. Claro que a abordagem que Benjamin faz do crescimento urbano-industrial e da multidão, da experiência do choque, da transformação da percepção e dos sentimentos são importantes, porém decisivas são a perda da aura poética, a consciência da queda, a incorporação do baixo, do grotesco, do monstruoso, dos fatos e circunstâncias históricos à linguagem elevada da poesia. E mais importante que tudo: o ódio à impotência de classe, a tortura da auto-análise e o reconhecimento da violência disseminada. São princípios ausentes no ideário político da esquerda da época que a inteligência drummondiana precisou buscar num escritor esteticista do século XIX. Penso que nesses aspectos resida a chave da interlocução, considerando-se o quanto Drummond atualizou Baudelaire e avançou soluções poéticas capazes de apreender a contingência histórica da

experiência brasileira noutro momento da modernização, como vemos, por exemplo, em “Nosso tempo”<sup>75</sup>.

**IHU On-Line - João Alexandre Barbosa<sup>76</sup> falava no conhecimento poético de Drummond, que incluía todas as esferas (cultural, social, política). Mas Drummond também ficou conhecido, sobretudo pela famosa declaração de Mário Faustino<sup>77</sup>, por não se interessar em discutir poesia. Isso seria verdade? Sua própria obra já não seria, inclusive, crítica de outras artes?**

**Iumna Maria Simon - Drummond nunca foi programático, no sentido desejado por Mário Faustino que, como sabemos, agia como um Ezra Pound<sup>78</sup> mirim. Drummond praticou a crítica literária e artística e o ensaísmo à sua maneira. Esses textos podem até hoje ser lidos com vivo interesse. Além do que, como você notou, sua obra poética é uma indagação permanente sobre a poesia, o poema e a linguagem, sempre inserida no quadro histórico em que o poeta viveu e a escreveu. Quer melhor e mais avançada discussão desses temas do que a travada entre “Consideração do poema”<sup>79</sup> e**

---

<sup>75</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 125-130. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>76</sup> João Alexandre Barbosa (1937-2006): crítico brasileiro e ex-professor da USP, é autor de obras como *A metáfora crítica* (São Paulo: Perspectiva, 1974); *A imitação da forma* (São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975); *As ilusões da modernidade* (São Paulo: Perspectiva, 1986); *Alguma crítica* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2002); e *Mistérios do dicionário* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>77</sup> Mário Faustino dos Santos e Silva (1930-1962): jornalista, tradutor, crítico literário e poeta brasileiro. Sua primeira obra, de 1955, chama-se *O homem e sua hora*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>78</sup> Ezra Weston Loomis Pound (1885-1972): poeta, músico e crítico americano que, junto com T. S. Eliot, foi uma das maiores figuras do movimento modernista da poesia do início do século XX. Ele foi o motor de diversos movimentos modernistas, notadamente do Imagismo e do Vorticismo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>79</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 115-116. (Nota da *IHU On-Line*)

“Procura da poesia”<sup>80</sup>, ou nos poemas dedicados a poetas, artistas, fotógrafos etc.? Suas crônicas fervilham de análises, comentários críticos, juízos artísticos e, particularmente em *Confissões de Minas*<sup>81</sup> e *Passeios na ilha*<sup>82</sup>, são verdadeiros ensaios sobre poetas brasileiros e estrangeiros, prosadores, questões de técnica e composição literária, sobre os impasses de sua própria poesia. Sem contar as cartas e as melhores entrevistas, em que ele expressa seus pontos de vista sobre literatura e sobre os rumos da produção poética contemporânea. Portanto, o simplismo juvenil de Faustino não faz sentido.

---

<sup>80</sup> Idem. *A rosa do povo*. In: Op. cit., p. 117-118. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>81</sup> Idem. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1944. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>82</sup> Idem. *Passeios na ilha*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1975. (Nota da *IHU On-Line*)

## O poeta das sete faces

ENTREVISTA COM LUIZ COSTA LIMA

*“O Drummond de Alguma poesia não é um poeta iniciante. Podemos acrescentar que o primeiro poema de seu primeiro livro, o ‘Poema das sete faces’, prenuncia o poeta das sete faces que ele será. Sua inquietação interna o levará a tematizar outras faces distintas da primeira; elas serão preferidas ou preteridas por outros tipos de leitor. Se assim será difícil encontrar um crítico que aprove todo Drummond, sempre se encontrará um leitor que mais agrade certa face sua, em detrimento dos poetas da ‘face’ correspondente. Isso o fará o poeta brasileiro do século XX de maior grau de penetração”, afirmou Luiz Costa Lima em entrevista exclusiva, por e-mail à IHU On-Line.*

*Costa Lima é graduado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), com a tese Estruturalismo e teoria literária. Docente na PUC-Rio, é autor de inúmeros livros, como Estruturalismo e teoria da literatura (Petrópolis: Vozes, 1973); A aguarrás do tempo (Rio de Janeiro: Rocco, 1989); Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995); Terra ignota (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997); Mimesis - desafio ao pensamento (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000); Mimesis e modernidade: formas das sombras (2. ed. São Paulo: Graal, 2003); Redemunho do horror (Rio de Janeiro: Planeta, 2003); e História. Ficção. Literatura (São Paulo: Companhia das Letras, 2006). Costa Lima participou da edição 221 da revista IHU On-Line, sobre os 40 anos de Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez, com o texto García Márquez: muito além de Cem anos de solidão.*

*IHU On-Line - Drummond foi influência para muitos poetas, sobretudo João Cabral de Melo Neto<sup>83</sup>. Como se deu a relação de sua obra com a de outros poetas*

<sup>83</sup> João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Pertencia a uma das mais tradicionais famílias do Pernambuco, sendo irmão do historiador Evaldo Cabral de Mello e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre. É autor de, entre outros livros, *Pedra do sono*, *O engenheiro*, *Morte e vida severina*, *Serial*, *Quaderna* e *Museu de tudo*, que podem ser encontrados em sua *Obra completa* (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994) (Nota da *IHU On-Line*)



*brasileiros, principalmente em relação aos primeiros modernistas (Oswald e Mário de Andrade e Manuel Bandeira)? Se ele acrescentou ou modificou caminhos, quais seriam eles?*

*Luiz Costa Lima - Não vou me deter na questão das relações de Drummond com os primeiros modernistas porque, sendo restrito o tempo para responder às questões, não poderia reler a correspondência dos poetas nem tampouco suas obras. Parto então de uma afirmação apenas sensata: como Bandeira já tinha uma preparação*



poética e uma produção pré-modernista, sua adesão ao verso livre foi decisiva para os poetas mais jovens. Drummond, contudo, se distinguiria mesmo do primeiro Bandeira modernista pelo tom ácido, irônico, sem concessões melódicas; digamos por sua poética de ponta afiada, despojada e sem concessões “literárias”. Por isso, o Drummond de *Alguma poesia* não é um poeta iniciante. Podemos acrescentar que o primeiro poema de seu primeiro livro, o “Poema das sete faces”<sup>84</sup>, prenuncia o poeta das sete faces que ele será. Sua inquietação interna o levará a tematizar outras faces distintas da primeira; elas serão preferidas ou preteridas por outros tipos de leitor. Se assim será difícil encontrar um crítico que aprove todo Drummond, sempre se encontrará um leitor que mais agrade certa face sua, em detrimento dos poetas da “face” correspondente. Isso o fará o poeta brasileiro do século XX de maior grau de penetração.

**IHU On-Line - O senhor escreve, em *Lira & antilira*, que, em Drummond, “a viagem pela família, com a memória, é viagem pelo tempo, com a corrosão. A figura da morte que, por diversas maneiras se prolonga até os românticos, é substituída pela figura menos ostensiva da traça que rói o universo”. O senhor poderia explicar melhor esse conceito de “corrosão” na poesia de Drummond? Este elemento persiste na análise que o senhor faria hoje da poética de Drummond?**

---

<sup>84</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 5-6. (Nota da *IHU On-Line*)

**Luiz Costa Lima - Euclides<sup>85</sup>, n’*Os sertões*, falava do sertão como “natureza torturada” e “sol escuro”.** Drummond nunca teve como objeto senão sua intimidade e não certa região ou paisagem. No entanto, as expressões de Euclides podem nos servir de caminho para entender-se o que chamava “princípio corrosão” da poesia drummondiana. A “natureza torturada” nele se convertia em expressão de a vida como processo de desgaste; desgaste que afeta não só os seres como os próprios retratos (de família). Sim, se eu fosse de novo escrever sobre o poeta mineiro manteria esse conceito. Mas não a deriva que dele fazia, entre corrosão-opacidade e corrosão-transparência. Como já escrevi no prefácio à segunda edição do *Lira e antilira* (São Paulo: Topbooks, 1995), aquela distinção era demasiado ideológica, condizente apenas com o crítico iniciante que eu era ao escrever o *Lira e antilira*.

**IHU On-Line - O senhor, em *A aguarrás do tempo*, afirma que há uma passagem de Drummond para o sublime em *Claro enigma*, em contraposição ao que acontece, por exemplo, em *A rosa do povo*. Poderia falar dessa questão do sublime na obra drummondiana, tema incluído, aliás, em seus estudos sobre a mimesis?**

**Luiz Costa Lima - A relação não é possível porque, em *A aguarrás*, empregava ‘sublime’ no sentido usual do termo - temática e linguagem elevadas -, ao passo que, em minha teorização sobre a mimesis trato do sublime no sentido kantiano - a experiência que põe em xeque a capacidade sintetizadora da imaginação, isto é, que se põe diante de situações perante as quais não se pode**

---

<sup>85</sup> Euclides da Cunha (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro Euclides Rodrigues da Cunha. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destaca-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). (Nota da *IHU On-Line*)



encontrar um sentido. O sublime presente no *Claro enigma* corresponde ao entendimento usual do termo e não à situação-limite do sublime (*Erhabene*) kantiano. Talvez essa opção drummondiana resulte de que, entre suas “sete faces”, uma correspondia a uma visão mais clássica do humano, não tendo lugar para a visão mais torturada, mais próxima da vida como absurdo, presente no sublime, digamos, de Kafka<sup>86</sup> ou de Paul Celan<sup>87</sup>.

**IHU On-Line - O crítico Sérgio Buarque de Holanda<sup>88</sup> afirmava que um dos elementos característicos da poesia de Drummond é que ela acabava com os limites entre poesia e prosa. É possível concordar com ele? Por quê?**

**Luiz Costa Lima** - Antes de ser o historiador reconhecido que é, Sérgio Buarque foi dos melhores críticos que tivemos. O Drummond que rompe com

<sup>86</sup> Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos: *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>87</sup> Paul Celan (1920-1970): poeta nascido em Czernowitz (Bucovina, na Romênia), filho de pais judeus-alemães, que foram mortos pelos nazistas. Entre seus livros traduzidos para língua portuguesa, destacamos *Hermetismo e hermenêutica - Poesia I* (Trad. de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978); *Hermetismo e hermenêutica e filosofia - Poesia II* (Trad. de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985); *Sete rosas mais tarde* (Sel., trad. e introd. de João Barrento e Y. K. Centeno. Lisboa: Edições Cotovia, 1993); e *Cristal* (Trad. de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2000). Foi também tradutor de poesia. Em 1970, acabou por se suicidar, atirando-se no Rio Sena, em Paris. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>88</sup> Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.<sup>a</sup> Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento *IHU Idéias*, de 22-08-2002, o tema “O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda”, e no dia 8-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à *IHU On-Line*, publicada na edição nº 58, de 5-05-2003. (Nota da *IHU On-Line*)

aqueles limites é o primeiro, aquele que se mantém nos dois livros seus seguintes. Progressivamente, Drummond se aproxima da figura do poeta-poeta, que se configura plenamente em *Claro enigma*. Devo, contudo, acrescentar: haver progressivamente passado à figura do poeta-poeta não o torna menor. *O Lição de coisas* já está longe daquela fusão com a prosa e é um de seus grandes livros. Talvez menos inovador, sim, mas, dentro de seu padrão, de imensa qualidade.

**IHU On-Line - Poderia falar sobre a separação que costuma ser feita em Drummond, aquela que se refere à sua poesia social (*A rosa do povo*, *Sentimento do mundo* etc.) e à sua poesia mais hermética (*Fazendeiro do ar*, *Lição de coisas*, *Claro enigma*?). Você pensa que este é um caminho produtivo para se analisar a obra drummondiana?**

**Luiz Costa Lima** - Em um nível superficial, a distinção é inevitável. Em um nível propriamente analítico, não. Em Drummond, o poeta engajado, em geral, é bem menos produtivo que o que se declara hermético. Sei que a resposta teria de ser muito mais elaborada. Em sua impossibilidade, apenas digo que a distinção que eu fazia inicialmente sobre as formas de corrosão deve ser absolutamente deixada de lado. Um poeta não há de ser julgado por seus temas, mas pelo grau de elaboração de sua linguagem.

**IHU On-Line - Qual é o choque que se dá da cidade de Itabira, onde viveu sua juventude, para a cidade de Rio de Janeiro, onde Drummond trabalhou a vida toda como funcionário público?**

**Luiz Costa Lima** - O poeta retraído e tímido que vem de Itabira permanecerá assim na grande cidade. O Rio poderá ter contribuído para sua visão mais complexa da sociedade dos homens. Mas me parece que também teve um papel negativo: suponho que por necessidade financeira, Drummond foi por muitos anos cronista de

jornal. Seu êxito, creio, prejudicou o grau de exigência de sua poesia. Seus últimos livros, com a exceção notabilíssima de *As impurezas do branco* (1973), se põem no nível mais leve do leitor de crônicas. Sei que é quase um tabu não se criticar nada de Drummond. O tabu é absurdo quanto a seus livros de memórias. São memórias próprias ao cronista, não ao grande poeta, que ele foi quase sempre.

**IHU On-Line - Afastado de discussões públicas sobre poesia, Drummond foi advertido, certa vez, por Mário Faustino<sup>89</sup> por não se interessar no desenvolvimento da poesia no Brasil. Décio Pignatari<sup>90</sup>, por sua vez, disse que ele era um intelectual apenas mediano, nunca tendo mostrado interesse maior pela discussão, por exemplo, de outras artes. Isso é cabível?**

Luiz Costa Lima - Sim e não. Sim, no sentido de que Drummond, ao contrário de Cabral e de Haroldo de Campos<sup>91</sup>, nunca desenvolveu uma dimensão crítica. Mas essa dimensão é rara entre os poetas ou entre os artistas, em geral. Valéry, Mallarmé e Eliot, por exemplo, a tinham, mas não um Rilke, sem que isso prejudique sua

<sup>89</sup> Mário Faustino (1930-1962): Poeta, crítico literário e tradutor, é autor de livros como *O homem e sua hora e outros poemas* (Org. Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2002); *De Anchieta aos concretos* (Org. Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2003); e *Arsenatos de poesia* (Org. Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>90</sup> Décio Pignatari (1927): Poeta, prosador, ensaísta e tradutor. É um dos criadores da poesia concreta. Autor de, entre outros livros, *Contracomunicação* (São Paulo: Perspectiva, 1973) e *Poesia pois é poesia* (1950-2000) (São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Ed. Unicamp, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>91</sup> Haroldo Eurico Browne de Campos (1929-2003): poeta, crítico literário e tradutor brasileiro, autor de, entre outras obras, *Xadrez de estrelas: poesia 1949-1974* (São Paulo: Perspectiva, 1976); *Signância: quase céu* (São Paulo: Perspectiva, 1979); *Galáxias* (2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2003); e *Crisantempo - no espaço curvo nasce um* (São Paulo: Perspectiva, 1998) (Nota da *IHU On-Line*)

qualidade poética. Paul Klee<sup>92</sup> a tinha em grau extremo, mas não um Picasso<sup>93</sup>. Havemos de entender que o poeta/o artista pode ter dimensões intelectuais diferentes. O decisivo, entretanto, não é a extensão dessa dimensão, mas a intensidade de sua produção específica. Sem essa distinção primária, haveríamos de declarar que Hegel<sup>94</sup> era um filósofo da arte medíocre, pois os poemas que dele se conhecem são péssimos. Ou que Friedrich Schlegel<sup>95</sup> não foi o primeiro grande crítico moderno porque escreveu romances sofríveis e seus poemas não fazem falta.

**IHU On-Line - Qual é a diferença que o senhor efetua entre os objetivos da poesia de Drummond e os de Mallarmé? O poeta teria ficado, ao longo do tempo, menos hermético e mais interessado pelos fatos do cotidiano, a julgar, por exemplo, pelo que dizia Antonio Candido, de que *Boitempo* (constituído por três livros) era uma espécie de autobiografia em verso?**

Luiz Costa Lima - Não sou um adepto incondicional de Mallarmé, embora reconheça o quanto a poesia contemporânea de qualidade deve a ele - por sua produção e suas intuições teóricas. Não creio que o

<sup>92</sup> Paul Klee (1879-1940): pintor alemão, nascido na Suíça, de sentido abstrato. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>93</sup> Pablo Picasso (1881-1973): pintor e escultor espanhol considerado um dos artistas mais famosos e versáteis do mundo. Criou milhares de trabalhos entre pinturas, esculturas e cerâmicas com diversos tipos de materiais. De suas obras, destacamos: *Vaso sobre a mesa* (1914) e *Guernica* (1937). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>94</sup> Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>95</sup> Friedrich Schlegel (1772-1829): filósofo romântico da escola de Iena. (Nota da *IHU On-Line*)

problema com os últimos livros de Drummond esteja em que ele tenha se tornado mais interessado nos fatos do cotidiano, mas sim na maneira como os apresenta. Como já disse, adequada ao gosto menos exigente do leitor de crônicas. Acrescento: parece-me haver, hoje em dia, nos círculos mais requintados, uma supervalorização do hermético. Algo de qualidade não necessita ser

hermético, nem hermetismo é sinônimo de qualidade. Talvez essa supervalorização seja uma reação à tendência mais comum de fazer com que a obra (poética, crítica ou teórica) atenda ao gosto do mercado. Se estiver certo, o último Drummond cede a essa tentação. Mas, em resumo, isso pouco importa, dada a qualidade de suas seis outras faces.

## Um enigma não revelado

ENTREVISTA COM RONALD POLITO

*Para o historiador, poeta, ensaísta e tradutor Ronald Polito, não caberia “arriscar o esboço desse eu poético em termos, por assim dizer, existenciais. Suas grandes linhas de força, seus paroxismos, suas até mesmo manias já foram e ainda serão esquadrihados por diversos autores. Naturalmente, sem que o enigma possa ser na íntegra revelado”. E completa: “Drummond é um poeta modernista, e é um poeta moderno, e é um poeta clássico. Ele até disse: ‘agora serei eterno’. Essa idéia não é minha, está presente na crítica”. A entrevista foi concedida por e-mail à IHU On-Line.*

*Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Polito é mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com a dissertação A persistência das idéias e das formas: um estudo sobre a obra de Tomás Antônio Gonzaga. De sua produção bibliográfica sobre história, literatura e política, citamos A História do Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica (Organizado com Carlos Fico. Ouro Preto: Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, 1992); Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825) (Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998), com José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima); Navegações: comunicação, cultura e crise, de Aníbal Ford (Traduzido com Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999); e Um coração maior que o mundo: Tomás Antônio Gonzaga e o horizonte luso-colonial (São Paulo: Editora Globo, 2003). Preparou as seguintes edições: A Conceição: o naufrágio do Marialva, de Tomás Antônio Gonzaga (São Paulo: Edusp, 1995); Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia, de José de Santa Rita Durão (São Paulo: Martins Fontes, 2001); Escritos antiaverroístas (1309-1311), de Ramon Llull (conhecido também como Raimundo Lúlio), traduzido com Brasília Bernardete Rosson e Sérgio Alcides (Porto Alegre: Edipucrs, 2001); O desertor, de Manuel Inácio da Silva Alvarenga (Campinas: Editora da Unicamp, 2003); e Considerações sobre a nostalgia, de Joaquim Manuel de Macedo (Campinas: Editora da Unicamp, 2004). Também é poeta, autor de, entre outros, Solo (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996); De passagem (São Paulo: Nankin Editorial, 2001); e Terminal (Rio de Janeiro: 7Letras, 2006). Traduziu poetas como Joan Brossa, Sylvia Plath e Pierre Reverdy (este com Júlio Castañon Guimarães). No Japão, na Tokyo University of Foreign Studies, trabalhou no Departamento de Estudos Lusos-Brasileiros. A partir de sua experiência no Japão, fez o livro de crônicas Cenas japonesas (São Paulo: Globo, 2005). Confira a entrevista.*

**IHU On-Line - Por que a obra de Drummond continua tão central para se entender a poesia brasileira?**

**Ronald Polito** - O problema de uma pergunta como esta é seu grau de generalidade. Ou então de aposta de que seja possível armar uma equação tão mínima quanto de alta potência explicativa, coisa que só um especialista poderia arriscar. A “centralidade” que ela ocupa, sempre móvel e partilhada com alguns outros nomes que também podem ser instalados neste lugar, decorre, talvez, de Drummond ter nos legado um conjunto extenso de poemas muito bem realizados a partir de algumas das balizas da modernidade literária, horizonte ainda não ultrapassado no âmbito da criação, quanto mais da recepção. Por outro lado, há particularidades históricas que talvez esclareçam sua presença tão forte. Ele foi de tal modo entronizado no âmbito do ensino fundamental, por exemplo, pelo menos para minha geração e ainda a seguinte, que passou a se constituir numa espécie de base para a formulação e o próprio entendimento dos sentimentos e experiências do homem contemporâneo, incluindo aí suas mais diferentes circunstâncias: em seu quarto, sua cidade (próxima ou distante), seu país, no mundo, no tempo presente etc. Essa espécie de macro e micro personagem, tão bem enredado em seus jogos de decisões literárias, teve um efeito avassalador nas gerações seguintes. É todo um manancial de repente libertado, ou seja, são comportas enormes que foram abertas. De passagem, é importante notar que outras poéticas no Brasil do século XX foram ou seriam capazes de produzir efeitos similares, e diversas circunstâncias explicariam essa variedade de efeitos. No que diz respeito a Drummond, acontece algo que eu creio ser curioso. Trata-se de uma matriz muito poderosa, multifacetada, riquíssima, que vai do trivial ao erudito, da forma livre às fixas, do cotidiano ao atemporal, e, ao mesmo tempo, possui uma abertura enorme para o outro, o leitor, que participa intensamente dos processos do eu lírico. Talvez isso esclareça a força da presença da

poesia de Drummond em poetas das gerações posteriores. Portanto, não me parece desinteressante o fenômeno de tantos escritores que buscaram e buscam tomar Drummond como modelo que merece ser seguido. Prefiro ressaltar que sua poética vem sendo capaz de se desdobrar criativamente nas gerações seguintes, e por razões que uma pesquisa acurada talvez pudesse apontar com precisão. Diferentemente de outras poéticas talvez mais próximas da imagem de um beco sem saída, a de Drummond é a de uma via de mão dupla. E aqui não estou fazendo um juízo de valor sobre becos sem saída, que também podem interessar.

**IHU On-Line - É possível observar os acréscimos que trouxe Drummond para a primeira geração de modernistas, constituída por autores como Oswald e Mário de Andrade, Raul Bopp<sup>96</sup> etc.? Drummond seria um poeta modernista ou um poeta moderno?**

**Ronald Polito** - Creio que sim, que Drummond foi um leitor cuidadoso da poesia modernista, talvez particularmente da de Oswald de Andrade, ainda que fosse mais próximo de Mário. Drummond sabia trabalhar com vários campos de pesquisa poética presentes em Mário e Oswald, mas com grande autonomia de vôo: criatividade, desenvoltura, imaginário próprio. Drummond é um poeta modernista, e é um poeta moderno, e é um poeta clássico. Ele até disse: “agora serei eterno”. Essa idéia não é minha, está presente na crítica. E é dessa composição tão rica porque singular que seus poemas surgem. Portanto, com muitas especificações de uso que definem sua unicidade. Drummond é modernista em certos traços, tal como moderno, mas de determinada vertente ou tendência da modernidade literária, e suas preferências do repertório

---

<sup>96</sup> Raul Bopp (1898-1984): poeta modernista e diplomata brasileiro. Com Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, amigos pessoais, participou da Semana de Arte Moderna. (Nota da *IHU On-Line*)

clássico também se deixam naturalmente notar ao longo da obra.

**IHU On-Line** - Que paralelo poderíamos traçar entre a poesia de Drummond e a história do Brasil ou do mundo, observando-se, sobretudo, os poemas de *A rosa do povo*?

Ronald Polito - Digamos, como hipótese, e para me apropriar de uma palavra da pergunta, que a linha da vida de Drummond apenas tenha ficado realmente paralela à linha da história do Brasil e do mundo nos anos de *A rosa do povo*. E novamente, tal como antes, essas linhas tenham deixado de ficar exatamente paralelas. Mas uma análise minuciosa dos poemas do autor, do primeiro ao último, revelaria um sem-número de paralelismos entre a realização dos poemas e, digamos, fatos de âmbitos e esferas as mais diversas. A sintonia da poética de Drummond com a multiplicidade de ocorrências temporais e temporalidades é o aspecto que valeria a pena ser notado. Fatos, acontecimentos, portanto, de vários níveis, se fazem presentes no texto poético, por vezes misturados, por vezes não, do cotidiano mais comezinho ao bombástico acontecimento mundial. A história pessoal, da rua, do bairro, da cidade, do estado, do país, do continente, do mundo, da natureza, tudo isso é mobilizado pelo eu poético, e com maestria. Em *A rosa do povo*, trata-se de um momento privilegiado em que o poeta encena desde o cotidiano e a memória “pessoal” até a própria possibilidade da poesia e suas reações e condições de existência em relação aos acontecimentos chocantes que todos viviam ou aos personagens marcantes do período. Mas nunca um “eu” reflexivo, talvez sorumbático, que organiza poderosamente o feixe de referências, é perdido de vista. Pelo contrário, o que se busca é amplificá-lo com sua força de revolta e indignação ética.

**IHU On-Line** - Você concorda que a poesia drummondiana tenha passado por fases? Quais elementos, características, que a fazem tão coesa, passando do coloquialismo de *Alguma poesia* e *Brejo das almas* para as formas clássicas de *Claro enigma* e *A vida passada a limpo*?

Ronald Polito - Já se tentou estabelecer alguns padrões de corte para o *corpus* drummondiano, cada um deles a seu modo esclarecedor da obra. Grandes e poucos períodos cronológicos ou fases mais numerosas. Creio, portanto, ser possível trabalhar com a idéia de que há variações ou fases ao longo do percurso do autor e de que elas podem ser denominadas e caracterizadas. Por outro lado, há também essa coesão de que fala o enunciado, algo que passa por cima de todos os livros conferindo uma complexa unidade à obra de Drummond. E não vejo problemas em se operar com as duas idéias ao mesmo tempo, tomando-se os devidos cuidados. Os elementos dessa coesão talvez sejam o que antes deixei indicado: um uso particular de traços modernos e clássicos ou a mistura de ambos. Em todas as estratégias, está subentendido em eu poético que se organiza por acúmulo e desdobramento, mesmo que por ruptura. Mas o que sobressai é a condensação. Isto pelo menos até a certa altura de sua produção poética, já que a poesia dos últimos anos e a póstuma, para mim, são menos vitais. Creio que não caberia aqui arriscar o esboço desse eu poético em termos, por assim dizer, existenciais. Suas grandes linhas de força, seus paroxismos, suas até mesmo manias já foram e ainda serão esquadrihados por diversos autores. Naturalmente, sem que o enigma possa ser na íntegra revelado.

**IHU On-Line** - Alguns poemas são bastante destacados pela fortuna crítica do poeta, como “A máquina do mundo”, “E agora, José”, “Poema das sete faces”, “Áporo”. Tem algum poema ou livro em especial que destaca na obra dele?



Ronald Polito - Parece-me que a pergunta é muito pessoal. O livro de que mais gosto é *Sentimento do mundo*, pelo conjunto completo, pelo “intimismo”, pelo caráter reflexivo dos poemas. Com relação aos melhores poemas, seriam muitos, alguns dos citados acima e muitos outros que considero estupendos. Mas vou chamar a atenção para um poema “periférico” porque não se faz presente entre os geralmente citados ou antologiadados. Chama-se “Carta”<sup>97</sup> e é um soneto. Como há mais de um soneto com este título, transcrevo aqui o primeiro verso para quem quiser conferir: “Há muito tempo, sim, que não te escrevo”. Não apenas o poema possui um número bem elevado de recursos dos mais variados tipos, como tem uma naturalidade e clareza de enunciação que o tornam impressionante. E todos esses aspectos convivem em agudo contraste com a mensagem soturna que ele guarda.

**IHU On-Line - Como vê a relação de Drummond com a crítica, como a de Mário Faustino? Mesmo introspectivo, o poeta reagiu à Geração de 45 com *Claro enigma* e às acusações de que não discutia poesia em *Lição de coisas*?**

Ronald Polito - Ao que parece, Drummond teria reagido negativamente aos comentários de Mário Faustino, o que é lamentável, mas compreensível. Lamentável porque Drummond praticamente não se manifestou de forma sistemática ao longo de sua vida sobre seus companheiros de geração ou das gerações seguintes. Seria difícil que seu silêncio fosse poupado ou não criticável. E também porque, por outro lado, quando elegeu ou elogiou alguns poetas, parece que o fez movido em grande parte por razões extraliterárias, tornando ainda mais irregular a sua presença, digamos, na cena da crítica. Outra coisa que me parece bem diversa foi sua impressionante capacidade para incorporar ou dialogar em seus poemas com questões propostas pelas gerações seguintes à sua. Com respeito à geração de 45,

---

<sup>97</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 290-291. (Nota da *IHU On-Line*)

creio mais numa coincidência de percursos em alguns aspectos.

**IHU On-Line - Tendo dado aulas no Departamento de Estudos Lusos-Brasileiro da Tokyo University of Foreign Studies, poderia afirmar se Drummond é um poeta lido mesmo no exterior?**

Ronald Polito - Posso falar apenas do que percebi no Japão. Drummond não é lido. Nenhum autor brasileiro ou escritor em língua portuguesa é lido. Porque não é traduzido, salvo exceções que confirmam a regra. Há um poema ou outro de Drummond traduzido há tempos para o japonês e nada mais. Por acaso, nos últimos anos, tive um aluno brilhante, Nobuhiro Fukushima, que defendeu dissertação de mestrado na TUFS sobre Drummond. E traduziu todo o livro *Sentimento do mundo*. Ainda não conseguiu publicá-lo, mesmo vindo se esforçando desde 2005. Ele se interessou tanto por Drummond que, ainda no Japão (pois depois passou dois anos no Brasil), marcou uma aula especial comigo para discutirmos só o poema “A máquina do mundo”, que ele havia lido por indicação minha com muita atenção. Posso ainda falar alguma coisa sobre as aulas que ministrei para o último ano da graduação e para os mestrados da TUFS, com os quais li alguns poemas de Drummond. Eu escolhi principalmente os poemas pequenos e “simples” dos primeiros livros. E, não tanto por acaso, trabalhei o poema que citei acima, “Carta”, longamente, pois através dele os alunos puderam voltar a tratar de muitos aspectos do soneto, que já haviam lido em outros autores. Creio que gostaram bastante dos poemas de Drummond. Os poemas mais “modernistas” eles imediatamente identificaram com as propostas de Oswald, que eu já tinha discutido em aulas anteriores. Poemas mais meditativos e complexos, como “José”, “Carta” ou “Canção amiga” (que também apresentei musicada por Milton Nascimento), também surtiram um forte efeito.

## “Uma pedra irrevogável no meio da poesia brasileira”

ENTREVISTA COM ANA LÚCIA LIBERATO TETTAMANZY

*“Penso em Drummond atual - e moderno - pelo sentimento do mundo: problematizou os impasses do século XX, assim como as fendas de sua intimidade numa dinâmica em que dialogam a perspectiva minimalista, doméstica e íntima e a perspectiva panorâmica, capaz de vôos largos sobre a humano, ou mesmo sobre uma brasilidade difusa, mas sua - ‘nenhum Brasil existe’ e ‘acaso existirão os brasileiros’? Nisso, ele teria ido além dos ismos e do ‘sarampão’ de algumas leituras modernistas para instalar-se como pedra irrevogável no meio do caminho da poesia brasileira.” A afirmação é de Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, docente do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A entrevista foi concedida por e-mail à IHU On-Line.*

*Tettamanzy é graduada, mestre e doutora em Letras pela UFRGS com a tese **Metamorfoses no espelho: uma leitura dos vícios nacionais no conto machadiano**. É autora de inúmeros capítulos de livros e artigos especializados. Organizou a obra **Tantas histórias, tantas perguntas nas Literaturas de expressão portuguesa (Porto Alegre: Evangraf, 2007)**.*

**IHU On-Line - A poesia de Drummond foi incorporada pelo povo, como parecia ser seu objetivo, em obras como *Sentimento do mundo* e *A rosa do povo*? Ele continua a ser lido e entendido por meio de versos como “E agora, José”?**

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy - Sobretudo por sua perspectiva de poeta-cronista, Drummond foi capaz de tornar o cotidiano, os homens simples matéria de sua poesia - e também de sua reflexão. A poesia requer leitores particulares, o que não é fácil num país com baixo letramento como o nosso. Ao mesmo tempo, somos um país de musicalidade, de forte presença da oralidade - como não lembrar dos cantadores, repentistas, improvisadores que ainda persistem em espaços populares como feiras e praças brasileiras? Assim, penso que alguns versos e imagens de Drummond possam até ter sido incorporados por uma faixa mais ampla, mas não diria que tenha se tornado popular, embora tenha a possibilidade para tanto - e muitos que usam a expressão “E agora, José?” talvez ignorem de onde ela

vem. É como se, parafraseando Oswald, a poesia permanecesse um biscoito fino que as massas não puderam ainda conhecer e apreciar.

**IHU On-Line - Como se constitui, na poesia brasileira, a ligação entre Drummond e João Cabral de Melo Neto, visto que este foi influenciado pelo primeiro?**

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy - A ligação mais óbvia me parece ser a “lição de coisas”, o mundo dos objetos que falam e calam em Drummond e que se tornam matéria essencial da poética de João Cabral. Embora eles possam ser apontados como exemplos cabais das duas linhagens paralelas da poesia - Drummond responderia pela linhagem confessional, e Cabral pela cerebral -, vejo também pontos de contato nos dois poetas, sobretudo pelo descritivismo do olhar para as gentes e objetos do mundo.

**IHU On-Line - Muitos afirmam que em *Lição de coisas* Drummond quis incorporar alguns elementos da poesia concreta, o que foi negado pelo próprio poeta. Como podem ser vistas as fases na obra desse poeta?**

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy - Desde o primeiro poema do primeiro livro, o poeta mineiro enuncia o enigma das sete faces: retoma temas e formas durante sua longa produção. Difícil encaixar em estilos ou épocas uma poética que transita da tradição à modernidade - se enuncia o berço camoniano, também aponta para o silêncio do áporo, para o silêncio de um Mallarmé. Universal e regional, Drummond passeia pelas musas da poesia, as faz descer à terra ferrugenta para depois gozar seu corpo. Tudo lhe parece humana e poeticamente passível de linguagem.

**IHU On-Line - A poesia de Drummond é autobiográfica, ou apenas em algumas obras, como *Boitempo*? O que a torna, como alguns afirmam, histórica?**

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy - Notoriamente em *Boitempo*, Drummond revisita o turbulento passado familiar, mas também as raízes senhoriais e violentas do País, sendo-lhe difícil apagar as manchas que insistem em pesar sobre as madeiras, sobre os móveis. Mas há, claro, espaço também para a doçura das compotas, dos pastos, numa singular contradição. No entanto, já o segundo poema do livro inicial é chamado de “Infância”,<sup>98</sup> e ali, com precocidade, o poeta enuncia seu destino: descobre a aventura da literatura - a sua era maior que a de Robinson Crusóe - em meio a distâncias e afetos familiares. A poesia pode, sim, ser histórica - como diria Adorno em “Lírica e sociedade”, mas o é pelas tensões que encerra em suas camadas menos visíveis, como uma corrente que força o choque de imagens e conceitos num estranhamento que é o da arte, da filosofia - o homem perplexo, imerso na circunstância mas com aspirações de ultrapassá-la.

<sup>98</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 6.

**IHU On-Line - Drummond procura a poesia pura, como um Valéry, ou sua poesia é impregnada de coloquialidade?**

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy - Novamente, tendo a identificar as duas presenças na obra de Drummond - um apelo à comunicabilidade pelo eu lírico que passeia os olhos sobre o cotidiano, mas também uma imersão na lição que as coisas lhe oferecem - e, neste caso, manifesta-se o “claro enigma” do que parece permanecer como resíduo, como fissura ou travo na dicção melancólica, por vezes metafísica, do poeta.

**IHU On-Line - Por que Drummond seria um poeta moderno, independente de ter sido um modernista? E o que ele acrescentou ao modernismo dos anos 1920?**

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy - Penso na crítica de José Guilherme Merquior<sup>99</sup>, de Luiz Costa Lima e de Antonio Carlos Secchin<sup>100</sup> como instigantes caminhos para a leitura da lírica brasileira, sobretudo na modernidade.

**IHU On-Line - Por que Drummond seria um poeta moderno, independente de ter sido um modernista? E o que ele acrescentou ao modernismo dos anos 1920?**

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy - Penso em Drummond atual - e moderno - pelo sentimento do mundo: problematizou os impasses do século XX, assim como as fendas de sua intimidade numa dinâmica em que dialogam a perspectiva minimalista, doméstica e íntima e a perspectiva panorâmica, capaz de vôos largos sobre a humano, ou mesmo sobre uma brasilidade difusa, mas sua - “nenhum Brasil existe” e “acaso existirão os brasileiros”? Nisso, ele teria ido além dos ismos e do “sarampão” de algumas leituras modernistas para instalar-se como pedra irrevogável no meio do caminho da poesia brasileira.

<sup>99</sup> José Guilherme Merquior (1941-1991): crítico brasileiro, autor de obras como *Verso universo em Drummond* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1975) e *A astúcia da mimese* (2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996) (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>100</sup> Antonio Carlos Secchin (1952): poeta e crítico brasileiro, é membro da Academia Brasileira de Letras. Autor de, entre outros, *Poesia e desordem* (Rio de Janeiro: Topbooks, 1996) (Nota da *IHU On-Line*)

## O Projeto de Ética Mundial de Hans Küng

ENTREVISTA COM MANFREDO ARAÚJO DE OLIVEIRA

*“A intuição básica que Hans Küng<sup>101</sup> defende, em vários livros, de que a solução para os grandes problemas da humanidade implica um consenso ético mínimo é correta. Esta intuição, aliás, não é só dele. Hoje, por exemplo, Jürgen Habermas<sup>102</sup> e Karl-Otto Apel defendem fortemente esta idéia”, afirma Manfredo de Oliveira. Mas, continua Manfredo de Oliveira, “vejo um problema fundamental na proposta de Hans Küng”. “Ele fundamenta sua proposta ética na religião. O problema está todo aqui”.*

*Hans Küng estará na Unisinos, no dia 22 de outubro, discutindo o Projeto de uma ética global. Nos dias subseqüentes ele estará em Porto Alegre, Curitiba, Brasília, Rio de Janeiro e Juiz de Fora. O Projeto de uma Ética Global será debatido nesta quinta-feira, pelos professores Dr. Vicente de Paulo Barretto e Dr. Alfredo Culleton, pesquisadores da Unisinos.*

*Manfredo Araújo de Oliveira, doutor em Filosofia, é professor titular da Universidade Federal do Ceará, atuando principalmente no campo da Ética. Entre seus livros mais recentes, citamos O Deus dos filósofos contemporâneos (Petrópolis: Vozes, 2003) e Dialética hoje: lógica, metafísica e historicidade (São Paulo: Loyola, 2004).*

*A seguir, a entrevista que ele concedeu para a IHU On-Line, pessoalmente, durante o Congresso da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião - SOTER, realizado no mês de julho, em Belo Horizonte.*

*Confira a entrevista.*

---

<sup>101</sup> Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória conferir *Libertad conquistada. Memórias* (Madrid: Trotta, 2004). De 21 a 26 de outubro de 2007 acontece o *Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial*, com a presença de Hans Küng, a ser realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento é difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. No dia 22 de outubro, às 20h, acontece a 1ª Grande Conferência, intitulada “As religiões e a ética mundial”. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>102</sup> No sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) podem ser encontrados artigos que fazem referência ao debate de Jürgen Habermas com Bento XVI. Habermas fala de uma nova aliança entre fé e razão, a qual é diferente da posição sugerida por Joseph Ratzinger. (Nota da *IHU On-Line*)

### **IHU On-Line - Qual é a sua apreciação, como filósofo, do projeto de ética mundial de Hans Küng?**

**Manfredo de Oliveira** - Em primeiro lugar, acho que é uma intuição fundamental que as questões que nos desafiam hoje implicam questões éticas. Isto é uma grande coisa, porque, vivendo num mundo em que a racionalidade científica é hegemônica, as pessoas são levadas a pensar que todas as questões que marcam a vida, em última instância, são questões técnicas e, portanto, podem ser resolvidas a partir do saber científico.

A intuição básica que Hans Küng defende em vários livros de que a solução para os grandes problemas da humanidade implica um consenso ético mínimo é correta. Esta intuição, aliás, não é só dele. Hoje, por exemplo, na Alemanha, Habermas e Apel defendem fortemente esta idéia, inclusive dizendo que, por exemplo, as éticas tradicionais são construídas a partir dos medos, tendo como referência as relações privadas e a modernidade, no máximo, os estados nacionais. Quando o mundo se globalizou e a civilização tecnológica se tornou planetária, todas estas éticas se tornaram insuficientes. De modo que hoje nós precisaríamos, como diz Apel, uma macroética de solidariedade. Isto é, as questões são globais.

Uma coisa importante, no caso de Apel, que não está muito clara em Hans Küng, é que a ética em questão é necessariamente política, no sentido grego de política. Ou seja, não diz respeito apenas e nem em primeiro lugar a ações individuais, mas a princípios normativos para instituições políticas de outra ordem, a nível global. Ele sabe muito bem que os gregos diziam que a questão normativa tem sempre duas dimensões: a dimensão do indivíduo, que eles mesmos chamavam de ética, e a dimensão política, que é aquela que tem princípios normativos para as instituições. Dado que se compreende que a vida humana é fundamental para as instituições e essas fecham ou abrem espaço para a realização de

direitos, que envolve a questão da realização da ética. Hans Küng deixa na penumbra este aspecto político, que parece ser importantíssimo.

Porém, eu vejo um problema fundamental na proposta de Hans Küng. Do ponto de vista da motivação, é claro que a referência às religiões é importante, porque elas ajudam os indivíduos não só com princípios, normativos, abstratos, mas com comunidades religiosas que procuram realizar um estilo de vida. Mas, se a questão é política, não adianta só um estilo de vida baseado em indivíduos. Ele fundamenta sua proposta ética na religião. Ele diz que só a religião é capaz de fundamentar o caráter incondicional das normas éticas, uma vez que elas se referem ao incondicionado, ou seja, Deus. Portanto, fora da religião, não há possibilidade de fundamentação do caráter incondicional dos princípios normativos.

O problema está todo aqui. Deus não é demonstrável racionalmente, mas é fruto de uma opção livre nas diversas comunidades religiosas. Portanto, Deus é puro objeto de crença. Se é um objeto de crença que fundamenta o caráter incondicional da ética, quer dizer que todas estas éticas são, no fundo, crenças. Ora, como é que, na base de puras crenças, vamos fundamentar aquilo que deve enfrentar os grandes desafios do mundo contemporâneo? Todo o problema, repito, está aqui. Hans Küng é um não-cognitivista. Ele vê como algo definitivo o questionamento das provas da existência de Deus no pensamento de Kant. Ele considera isto como resolvido, não colocando mais esta questão.

Ora, se Deus é um puro objeto de crença, então ele jamais pode ser apresentado como algo que diz respeito a todos os seres humanos, uma vez que as diversas crenças são relativas aos seus membros e são fruto estrito de uma opção inteiramente livre e que diz respeito àquele grupo. Tanto assim é que, no Brasil, por exemplo, quando questões éticas fundamentais estão em jogo, se diz que não haverá qualquer participação das religiões, pois o estado é laico. Isso tem a ver com a



totalidade da população e não com um grupo específico. Portanto, um grupo específico não pode pretender que suas convicções sejam válidas para todos os demais.

**IHU On-Line - Isto significa que há um problema com o conceito de religião adotado por Hans Küng?**

**Manfredo de Oliveira** - Há um problema não só com o conceito de religião. O problema é também, e principalmente, com o conceito de ética. Esta termina sendo, em última instância, algo estritamente ligado às religiões, uma vez que o caráter incondicional dos princípios normativos só pode ser demonstrado através de uma referência a Deus. Como Deus não é um objeto de uma demonstração racional, sendo fruto de uma pura crença, em última instância, todas as éticas são fruto de uma pura crença. Não existiria uma ética propriamente reacional. Toda ética seria religiosa. E, como a religião é algo inteiramente livre, algo não válido universalmente, surge um conflito. Os problemas são universais e nós precisamos uma ética mínima universalista. As religiões são todas, por natureza, particulares, mesmo que elas proponham uma salvação de caráter universal, como é o caso da religião cristã. Esta proposição é particular, de um grupo determinado, que acolheu esta proposta, que vive uma determinada experiência religiosa e tira um conteúdo ético desta experiência.

**IHU On-Line - Aqui há um problema de fundo: a particularidade das experiências religiosas. Dada esta particularidade, até que ponto é possível avançar nesta questão? Em que medida, é possível falar de algo comum entre as religiões?**

**Manfredo de Oliveira** - Não dá para avançar, porque pressupõe, de fato, uma opção livre, não algo racional, portanto, de validade universal. A razão tem ligação com o que é comum. Os seres humanos são muito diferentes. Todas as culturas são formas específicas de

concretização do ser humano e compete à razão descobrir o que é comum.

De fato, Hans Küng trata de buscar elementos que, de certa forma, são compatíveis com diversas tradições religiosas. Mas, no fundo, ele quer dizer que as grandes religiões, em última instância, conhecem princípios universalistas que são iguais para todas. Mas aí é que se encontra o problema: de novo se passa para o nível filosófico, dos grandes princípios universais. Na medida em que os princípios são religiosos, eles não são mais apenas isto: eles têm, como você disse muito bem, uma interpretação a partir da experiência religiosa específica, e então já se perde de novo o princípio da universalidade. O problema é a indecisão entre um desafio universalista e uma proposta particularista, dado que a fundamentação da ética deve ter um caráter incondicionado. Do contrário, se teria uma ética apenas hipotética. Ora, uma ética apenas hipotética não vai resolver os problemas, que são universais. E, como ele mesmo diz que para resolver todos os desafios atuais, que hoje são universais, os principais desafios da humanidade, que são a fome, a miséria, a destruição da natureza, nós precisamos de princípios que não sejam particularistas. Então, há uma contraposição entre o desafio e a proposta. E a razão desta contraposição é porque ele não admite uma demonstração universal, racional, de Deus. Deus é puramente objeto de crença e é ele que garante o caráter incondicional da ética. As duas coisas juntas resultam nisso.

**IHU On-Line - Pode-se dizer, então, que universais mesmo são os problemas, e isto ainda depende do contexto em que se manifestam e de como são percebidos em cada contexto?**

**Manfredo de Oliveira** - É claro. Eu estive, por exemplo, em certa ocasião num Congresso na Alemanha que tratava da globalização e o grupo da África insistia o tempo todo que isto não era problema deles, a tal ponto

que alguns participantes reagiram achando que era burrice dos africanos. Mas não é problema de burrice, e sim da forma como as coisas são sentidas. Eles diziam que globalização é mais uma face do imperialismo dos países ricos, não queriam saber disso e seus problemas eram outros: 30% da população marcada com a AIDS, guerras tribais e outros problemas. Não estavam interessados em saber de globalização do mesmo modo que os demais participantes do evento. Era uma espécie de desabafo, uma leitura de um fenômeno que era universal, mas feita a partir da própria situação cultural, específica.

**IHU On-Line - Diante destas percepções contextuais, ou de perspectivas diferentes de problemas universais, a busca de saída terá que passar pelo caminho do diálogo?**

**Manfredo de Oliveira** - Não é possível mais fugir disso, uma vez que, tendo se internacionalizado o sistema econômico e a civilização tecnológica, todos os problemas dizem respeito a todos os povos. Não é possível mais buscar soluções parciais, como ainda se pensava no passado. Isto significa que esta é a questão universal. Claro que a ética sempre pretendeu ser universal, mas ela nunca teve antes esta universalidade quase que empírica. Agora, pela primeira vez, se pode falar no sentido estrito da palavra, de uma história mundial, uma vez que, com a ligação entre todos os povos, os acontecimentos se tornaram inclusive “on-line”. Nós sabemos das coisas que acontecem no mundo inteiro em questão de minutos ou até segundos. As transações e ligações entre todas as coisas acontecem a todo o momento, porque o sistema capitalista hoje atingiu todo o planeta, já não havendo “grotões” que estão fora do sistema. O capitalismo toca a todos, embora diferenciadamente, dependendo dos contextos diferenciados, das culturas, dos continentes. E, se toca a todos, diz respeito a todos e isto não acontece apenas no

sistema econômico. Todas as grandes questões têm estas implicações.

**IHU On-Line - E como filósofo, estudioso de ética, que caminhos o senhor vislumbra para a ética hoje?**

**Manfredo de Oliveira** - Eu acho que estamos diante de um problema muito difícil. Uma saída que eu considero relativamente fácil é fazer como Apel e Habermas fazem. Eles dizem que nós temos que buscar estes princípios, mas numa perspectiva puramente formal, sem conteúdos, porque esses vêm das situações históricas concretas. Então, nós não teríamos propriamente uma ética que me diga o que é que eu devo fazer, mas apenas um procedimento de como eu devo discutir as questões éticas.

Mas isto não resolve o problema. Porque, a partir daí, nós só chegaremos a princípios abstratíssimos, que não ajudam nada na solução dos problemas concretos. Todo o princípio ético precisa ser universal. Mas quais são estes princípios?

Eu acho que é impossível minimamente demonstrar princípios que possam enfrentar as questões concretas sem enfrentar uma teoria do mundo, sem saber o que é o mundo. Por exemplo, como vou respeitar a natureza se sou incapaz de dizer o que é a natureza e em que sentido a natureza pode ter direitos? Não é por um sentido puramente formal que eu vou chegar a admitir, por exemplo, que a natureza é portadora de direitos e que não pode ser destruída sem mais.

A meu ver, o problema se encontra, sobretudo, no pensamento europeu, ainda por uma resistência que vem desde Kant, com uma enorme barreira a qualquer ontologia. Quer dizer, não se faz mais uma teoria do mundo. A filosofia virou apenas uma teoria do nosso conhecimento do mundo. Enquanto não superarmos a dicotomia entre ser humano e mundo, entre sujeito e objeto, entre teoria e realidade, que é a herança deixada pela modernidade, ainda hegemônica no

pensamento atual, nós não teremos saídas. Teremos saídas, no máximo, abstratíssimas, que não são capazes de me dizer o que devo fazer frente às questões que cada um deve enfrentar. A questão fundamental da filosofia hoje é voltar a ser uma teoria da realidade, é voltar a falar do real. A partir dos valores, em primeiro lugar, ontológicos, eu posso me perguntar o que a realidade pode me dizer enquanto exigência ética. Ou seja, como aquilo que o Hans Jonas gostava tanto de dizer, o mundo e a realidade são, para mim, uma interpelação a respeitá-los. Enquanto não se chegar a compreender isto, não há saída.

**IHU On-Line - Quando o senhor fala em “teoria do mundo”, qual é o seu conceito de mundo? O senhor se refere ao mundo com seus problemas concretos, o mundo enquanto experimentado por nós?**

**Manfredo de Oliveira** - É o mundo com seus problemas concretos, o mundo não só humano, mas o mundo natural. Eu devo ser capaz de fazer com que a filosofia não seja apenas uma teoria das condições de possibilidade de conhecer o mundo, mas uma teoria do mundo, da natureza e da história humana. Sem isto eu não teria critérios para uma ética. Critérios racionais

devem vir daí, da constituição das coisas.

**IHU On-Line - Trata-se então de uma fidelidade ao real, mais do que teorias filosóficas?**

**Manfredo de Oliveira** - Exatamente. O real me questiona. Enquanto a filosofia se perder numa teoria incapaz de compreender e dizer o que é o mundo, ela não vai saber dizer quais são os desafios que desta constituição do mundo provêm para a nossa ação.

**Para saber mais sobre Hans Küng, confira no site do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) as matérias com os seguintes títulos:**

- Hans Küng: “Ética para uma atitude responsável”
- Jesus Cristo: A alegre e agradável mensagem de uma nova liberdade. Entrevista especial com Hans Küng
- Hans Küng: "Sem valores éticos, as democracias estão perdidas. Veja os EUA"
- "Não haverá paz entre as nações, sem uma paz entre as religiões". Uma entrevista com Hans Küng
- "Fanáticos há em todas as religiões". Uma entrevista com Hans Küng

## Memória

## Ingmar Bergman: relações entre o real e o imaginário

*Carlos D. Perez reexamina a obra de Bergman e a articula com seu texto autobiográfico Lanterna mágica (1987), em busca de chaves para a complexa relação entre a criação artística e a experiência pessoal do criador. O cineasta sueco Ingmar Bergman, morreu no dia 30 de julho passado, aos 89 anos. Entre seus filmes estão Fanny e Alexander, O sétimo selo e Gritos e sussurros, recentemente exibido e debatido no Ciclo Saúde Coletiva e Cinema, promovido pelo IHU. Ele foi uma das personalidades mais eminentes do panorama cinematográfico. Segue a íntegra do artigo do psicanalista Carlos D. Perez, publicado no Página/12, 13-8-2007. A tradução é do Cepat.*

“Como todos os diretores, ele também representava o papel de diretor”, opinou certa vez Ingmar Bergman a propósito de um de seus mestres, Alf Sjöberg: a afirmação o incumbe. O diretor é preocupado pela pesada duplicidade de ser ao mesmo tempo aquele que estabelece uma cena e também um protagonista que desempenha seu papel. A constante preocupação de Bergman com esta cisão lhe possibilitou inflexões acerca do criador e da obra, principalmente em seu livro de memória *Lanterna mágica* (1987), testemunho de uma vida de sucessos e fracassos, cuja referência privilegiada é o diretor máximo da cena: Deus.

Não é aplicável também a Deus a afirmação do começo deste artigo?: “Como todos os diretores, ele também representava o papel de diretor”. Por mais esquivo que resulte, Deus leva a marca do representante obrigado pela cisão, que para ser tal expulsou de si o Demônio e teve que se desdobrar na tríade do catecismo para constituir a família. “Obra para a glória de Deus”, disse Bergman; a glória de Deus é essa obra, humana por excelência, que retorna ameaçadora ou apaziguante ao sujeito para ocupar o lugar vazio do seu imaginário, como as sombras que se iluminam ao se projetar uma película. Bergman sabia disso; recordando o projetor de

cinema que lhe presentearam quando tinha dez anos, escreveu: “Esta maquininha mal cuidada foi meu primeiro equipamento de mágico. E ainda hoje digo, com pueril emoção, que sou realmente um mago, pois o cinematógrafo se baseia sobre o engano do olho humano. Cheguei à conclusão de que, quando vejo um filme de uma hora de duração, durante vinte minutos estou sentado na mais completa escuridão: o vazio entre cada tomada”.

Quando em *Quatro obras*, referiu seu modo de fazer películas, afirmou: “Omitindo minhas próprias crenças e dúvidas, que carecem de importância neste sentido, opino que a arte perdeu seu impulso criador básico no instante em que foi separada do culto religioso. Cortou-se o cordão umbilical e agora vive sua própria vida estéril, procriando e prostituindo-se. Em tempos passados, o artista permanecia na sombra, desconhecido, e sua obra era para a glória de Deus. Vivia e morria sem ser mais ou menos importante que outros artesãos; “valores eternos”, “imortalidade” e “obra-prima” eram termos que não se aplicavam ao seu caso. A habilidade para criar era um dom. Num mundo semelhante floresciam a segurança invulnerável e a humildade natural.

Não obstante, a vida se emaranhava; em *Lanterna mágica*, as cisões seguem rumos diversos. Às vezes resultam ostensíveis, outras não é possível diferenciar, pois os planos se misturam; o ilusionista nos confunde, confundem o ilusionista, sobretudo porque - não poderia ser de outro modo - faz a obra tematizando o próprio padecer. Planos que, ao se organizarem em torno do diretor e do protagonista da cena, produzem a cisão de profundas vivências.

Num dos primeiros momentos significativos da seqüência que Bergman dispõe no livro, relata o que presenciou ao receber o anúncio da morte da sua mãe. Foi à casa dela, encontrou o corpo desfalecido e passou um longo tempo sentado ao seu lado. Impressiona o despojo com que a descreve; mais do que um filho, há ali um diretor que organiza uma tomada; “Jazia em sua cama, vestida com uma camisola de flanela branca e uma *mañanita*<sup>103</sup> azul. Tinha a cabeça ligeiramente voltada para um lado e os lábios entreabertos. Estava pálida, com olheiras, e o cabelo, ainda escuro, bem penteado - não, seu cabelo já não era mais preto, mas grisalho, e nos últimos anos sempre o mantinha curto, mas a imagem da lembrança me diz que seu cabelo era preto, talvez com alguns fios de cabelo branco. As mãos descansavam em seu peito. No dedo indicador da mão esquerda trazia um curativo adesivo”. Só a vacilação entre o cabelo preto e o grisalho torna visível a sua inquietude; todo o resto permanece estático, não na rigidez do morto, mas com a quietude de um latido preso.

A vacilação é inquietude diante de algo que escapa à precisão do dado; o negro, o preto, e o grisalho produzem em claro-escuro o contraste de vida e morte. O resto são minúcias para o diretor. Expressa-o mediante a negação de uma certeza: “Passei sentado ali várias

---

<sup>103</sup> *Mañanita*: traduzido para o português, *mañanita* significa lenço ou xale. É um acessório feminino, que as mulheres usam para se aquecer. (Nota da *IHU On-Line*)

horas. Os sinos da igreja de Hedvig Eleonora (a igreja onde oficiava o pai, pastor) tocavam a missa maior, a luz vagava pela casa, ouvia-se música em alguma parte. Não creio que sentisse dor, tampouco que pensasse, nem sequer creio que me tenha acompanhado sem piedade toda a vida e que tantas vezes tenha roubado ou cindido minhas mais profundas vivências”. É lamentável para ele que assim tenha acontecido, mas de valor inapreciável para a sua condição de artista, já que o impulsionou a gerar uma obra magna da cinematografia.

Em *O rosto*, quatro viajantes, de carro - a trupe de Vogler e um mago ilusionista -, encontram em um bosque fechado um ator moribundo. Levam-no. Estendido no carro, dialoga com eles acerca da verdade, da mentira, da ilusão, até que sua morte parece próxima. Vogler se inclina sobre o ator, que, mantendo-se impassível (logo se saberá que sua agonia era fingida) disse: “Se deseja registrar o momento exato, olhe com atenção, senhor. Terei meu rosto aberto à sua curiosidade. O que sinto? Medo e bem-estar. Agora a morte chegou às minhas mãos, meus braços, meus pés, minhas entranhas. Sobe, entra. Observe-me detidamente. Agora se detém o coração, agora se apaga a minha consciência. Não vejo nem Deus nem anjos. Agora já não consigo ver vocês. Estou morto. Vocês se perguntam. Eu vou dizê-lo. A morte é...”.

Quando, na metade da película, este ator reaparece, dirá de si: “Me tornei convincente. Nunca o fui como ator”. Enquanto Vogler, ao dispor os elementos para a sua próxima atuação, manipula uma lanterna mágica (um projetor), o ator estende uma mão e intercepta o feixe de luz; ao se projetar a silhueta na tela, diz: “A sombra de uma sombra”. Se Deus é um diretor, há nele um ilusionista que pretende fazer entrar a morte no claro-escuro de uma cena. Bergman explicita esta metáfora em *O sétimo selo*.

Não entrarei na discussão, tão gratuita quanto de mau gosto, sobre se Bergman teria sido Bergman se não



sofresse “essa deformação profissional que me acompanhou sem piedade toda a vida e que tantas vezes roubou ou cindiu minhas vivências mais profundas”. Mas é possível reparar que, ao enunciá-lo deste modo, o próprio Bergman fica desdobrado na pessoa - estranha para os espectadores de sua obra - e o criador. Devemos distinguir ao menos uma tríade: por um lado, o autor, em relação com a obra, e por outro, a pessoa, cuja vida está assinalada por certo padecimento. *O sétimo selo*, para mencionar uma das obras mais importantes, não é o sintoma de um neurótico, mas a obra de um gênio. Que o senhor Bergman tenha sofrido isto ou aquilo não quer dizer que aconteça o mesmo com a obra, ainda que o padecer a empape. Se o criador o fosse só por seu transtorno, os labirintos borgeanos<sup>104</sup> seriam produções obsessivas, *Os irmãos Karamazov* seria devido à epilepsia de Dostoiévski<sup>105</sup> e *Édipo Rei* teria resultado da excitação de Sófocles pela mãe e da rivalidade com o pai. E não porque os criadores careçam de tais sofrimentos, pelo contrário; a questão radica em reconhecer aquilo que rotulamos de obsessivo, epiléptico ou edípico, lançando mão de uma nosografia de bolso, como algo inerente à condição humana.

Já que começamos com a descrição que Bergman faz da mãe, transcreverei um fragmento em que ela aparece em uma de suas películas. É conhecido o conflito de Bergman com seu pai, um clérigo severo, autoritário, de quem tanto deriva sua reverência como sua rebelião frente a Deus. Se teve algo impedido na sua infância - para dizê-lo de modo mais simples -, foi o contato

<sup>104</sup> Sobre Borges, confira a edição 193 da *IHU On-Line*, de 28-08-2006, intitulada Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>105</sup> Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a *IHU On-Line* edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da *IHU On-Line*)

emotivo com seus pais. Mas quando o autor se expressa, há uma transformação. Leiamos o final do roteiro de *Quando o dia foge*: “Um pouco mais distante na beira se havia sentado a minha mãe. Luzia um chamativo vestido de verão e um chapéu de asas enormes que fazia sombra ao seu rosto. Estava lendo um livro. Sara deixou cair minha mão e assinalou para meus pais. Logo desapareceu. Olhei demoradamente para um casal que estava do outro lado da água. Tratei de gritar-lhes algo, mas nenhuma palavra saiu da minha boca. Então, meu pai ergueu a cabeça e me viu. Levantou a mão e me saudou, rindo. Minha mãe levantou os olhos do livro e ela também riu e saudou com a cabeça.

Nesse momento vi o velho iate com sua vela vermelha. Deslizava suavemente movido pela leve brisa. Na proa estava, de pé, o tio Aron, cantando alguma canção sentimental e vi meus irmãos e irmãs e a minha tia Sara, que levantou nos braços o filhinho de Sigbritt. Gritei-lhes, mas não me ouviram.

Sonhei que estava junto à água e gritava para a baía, mas a brisa quente de verão levava meus gritos sem deixá-los chegar ao destino. No entanto, não estava afligido por isto; me senti, ao contrário, bastante contente”.

Contrastemos isso com o livro de memórias, no qual menciona sua inclinação infantil pela mentira: “Creio que fui (entre os irmãos) quem se deu melhor graças a que me converti num mentiroso. Criei um personagem que, exteriormente, tinha muito pouco a ver com o meu verdadeiro eu. Como não soube manter a separação entre a minha pessoa real e a minha criação, os males resultantes tiveram conseqüências na minha vida, até bem avançado na idade adulta, e na minha criatividade. Em certas ocasiões tive que me consolar, dizendo-me que aquele que viveu no engano ama a verdade”. Viver o engano, amar a verdade: novo modo de formular a cisão; vida como engano, vivência alienada, verdade na obra, fruto do amor.

“Criei um personagem que, exteriormente, tinha muito pouco a ver com meu verdadeiro eu”: mas, o eu mente por definição; o problema é instrumentar a cisão de modo que o eu creia, ilusoriamente, saltar o abismo para situar-se no outro lado, deixando um lugar vazio - que acreditamos ser o eu do sujeito - para que ali nos precipitemos. Isto se chama mentira, segundo Bergman, uma estratégia às costas de que o sujeito roube de si “as mais profundas vivências”.

### O mentiroso

Bergman pagaria caro pela mentira, pois ele mesmo caiu na sua armadilha. Em 1976, o fisco descobriu que havia evadido o pagamento de impostos: mais ainda, que havia fraudado suas declarações. Num lamentável equívoco, prenderam-no. No tocante ao manejo econômico, ele assinava o que seus advogados colocavam em suas mãos. Mas a acusação havia tocado um ponto sensível: sem que estivesse consciente do que acontecia em sua intimidade, Bergman desmoronou. O Estado sueco havia descoberto seu segredo: era um mentiroso. A crise desencadeada colocou de relevo a eficácia inconsciente da acusação. Sem sabê-lo, os fiscais do Estado encarnaram a severa imago paterna e a técnica do desdobramento se voltou contra ele. Leiamos o que disse a respeito: “Na segunda-feira pela manhã, produziu-se o colapso. Estou no salão do andar superior lendo um livro e escutando música. Ingrid foi ver o advogado. Não sinto nada, estou sereno ainda que algo apagado pelos soníferos, que nunca utilizo na vida normal.

A música cessa e a fita pára com um pequeno ruído. Calma total. Os telhados do outro lado da rua estão brancos e a neve cai lentamente. Deixo de ler, de todas as maneiras me é difícil entender o que estou lendo. A luz na sala não tem sombras e é intensa. Um relógio dá alguma hora. Talvez durma, talvez só tenha dado um curto passo da realidade reconhecida pelos sentidos à

outra realidade. Não sei, agora me encontro profundamente submerso num vazio imóvel, sem dor e sem sensações. Fecho os olhos, creio que fecho os olhos, intuo que há alguém na casa, abro os olhos: na implacável luz, a pouco metros de mim, estou eu mesmo contemplando-me. A vivência é concreta e incontestável. Estou ali no tapete amarelo, contemplando-me a mim que estou sentado na cadeira. Estou sentado na cadeira, contemplando-me a mim que estou de pé no tapete amarelo. O eu que está sentado na cadeira é o que agora domina as reações. É o ponto final, não há regresso. Ouço lamentar-me em voz alta e queixosa”.

O desdobramento espanta, apesar de presentificar a mesma cisão que havia aparecido antes; o protagonista e o observador dispõem a cena mas, atravessando seu limite, ambos caem desta vez dentro dela. Ocorre o sinistro, no meio de um absoluto silêncio e luz intensíssima. A duplicação sem espelho tem a força, e com ela o espanto, do real. Mudou o registro: do plano imaginário, onde a imagem pressupõe o espelho, passou-se ao concreto de uma presença não mediatizada. O espelho desaparece, mas o outro continua ali.

A luz que cega tem um lugar preponderante junto ao silêncio, produzindo a virada para uma claridade que, de tão acentuada, também extravia. Retomarei agora a citação de quando Bergman se encontrou diante do corpo jacente da mãe, pois ali aparece algo similar. Depois de se ocupar minuciosamente com a posição e as roupas, vacilando só no claro-escuro de seu cabelo, acrescenta: “Subitamente, uma intensa luz de primavera encheu a casa. O pequeno despertador fazia tic-tac apressadamente na mesa-de-cabeceira”. O impacto estético da frase está no jogo de contrastes, onde se estende aquela vacilação entre o cabelo escuro-cano da mãe; agora é a luz intensa - mesa-de-cabeceira [aqui o autor joga com as palavras, pois mesa-de-cabeceira, em espanhol é *mesilla de noche*], interrupção do tempo e tic-tac apressado, a morte, a primavera. Em definitiva: a

luz intensa (vida)-escuridão fechada (morte), elementos que vimos reaparecer no momento da queda: música que pára, calma total, brancura dos telhados, luz intensa e sem sombras, vazio imóvel, apaziguamento que anuncia o acontecimento, desencadeado no meio de uma luz implacável. Tão implacável quanto a acusação do fisco? Tanto quanto o pai? De tão intensa, cega, os olhos se fecham, se abrem e chega o ponto final, sem volta. Como o da mãe ao morrer? Perguntas que deixarei em suspenso para captar a certeza do instante fatal. A cena imaginária se fecha, se apaga, e emerge, ofuscante, a luz sobrenatural.

Internaram-no em um sanatório psiquiátrico e pouco a pouco foi se restabelecendo, ainda que a duplicação se mantivesse: “Um dia de final de fevereiro me encontro numa casa cômoda e silenciosa do hospital de Sophia. A janela dá ao jardim. Posso ver a casa reitoral amarela, a casa da minha infância, ali no alto da colina. Cada manhã passeio uma hora pelo parque. Ao meu lado vai a sombra de um menino de oito anos; é ao mesmo tempo estimulante e arrepiante”.

O contraste se acentua: numa luz intensíssima se vê a si mesmo e alucina, numa sombra o acompanha a visão de um menino, e oscila entre a fascinação e o horror. Permanece o amarelo, e agora constatamos sua procedência: o amarelo da casa da infância se havia transformado, naquele terrível momento, na cor do tapete, testemunho mudo situado no meio dos dois Bergman. Antes, aludindo ao cabelo da mãe morta, havia

vacilado entre o preto e o branco. Luz e sombras, vida e morte, razão e loucura. Pouco depois conseguirá organizar-se graças à cisão, desta vez dividindo o tempo, o que lhe tornará possível entretecer vida e cena: “Me lanço ao ataque contra os demônios com um método que funcionou bem em crise anteriores: divido o dia e a noite em unidades de tempo determinadas e encho cada uma delas com uma atividade ou um momento de descanso estabelecidos de antemão. Só cumprindo implacavelmente meu programa, dia e noite, posso defender meu cérebro de dores tão violentas que chegam a ser interessantes. Em poucas palavras, recobro o costume de planificar minuciosamente minha vida e colocá-la em cena”. Esta divisão tem por objeto combater os demônios, os deuses caídos da mão de Deus. Lembra a fórmula de Borges: “A eternidade, cuja despedaçada cópia é o tempo”, devedora de outra, de Platão, para quem o tempo é “a imagem móvel da eternidade”. A cena é um recorte do imutável.

Tudo isto realça, de modo tão dramático quanto eloqüente, o desdobramento entre o olhar carregado de luz, que põe à luz a miséria humana, e o protagonista da cena onde transcorre a trama. Importa o método pelo qual essa clarividência se torna lugar ocupado pelo diretor da cena, cindindo o autor. Tenhamos em conta que lemos o relato entregue pelo diretor, que não vimos a sua loucura mas a sua obra, que, por mais autobiográfica que possa parecer, é um livro escrito pelo autor Ingmar Bergman.

## Filme da Semana

NESTA SEMANA APRESENTAMOS O FILME: *A FOST SAU N-A FOST?*, DE CORNELIU PORUMBOIU. OS FILMES COMENTADOS NESSA EDIÇÃO FORAM VISTOS POR ALGUM/A COLEGA DO IHU.

### ***A leste de Bucareste, de Corneliu Porumboiu***

#### Ficha técnica

Nome: *A leste de Bucareste*

Nome original: *A fost sau n-a fost?*/12:08 East of Bucharest

Cor filmagem: Colorida

Origem: Romênia

Ano produção: 2006

Gênero: Comédia

Duração: 89 min

Classificação: livre

Direção: Corneliu Porumboiu

Elenco: Ion Sapdaru, Teo Corban, Mircea Andreescu

**Sinopse:** Dezesesseis anos após a queda do ditador Nicolau Ceausescu, na Romênia, um apresentador de TV resolve fazer um debate em seu programa. Afinal, houve ou não houve uma revolução para derrubar Ceausescu? Seus convidados dão o cano e ele improvisa, chamando para debater um professor de História alcoólatra e um velhinho aposentado. No meio do programa, a conversa toma um rumo inesperado.

*Reproduzimos a seguir, o comentário de Neusa Barbosa, publicado na página [www.cineweb.com.br](http://www.cineweb.com.br), 22/03/2007:*

Esta comédia romena venceu o prêmio Caméra D'Or, destinado ao melhor primeiro filme do Festival de Cannes, em sua edição de 2006. Usando a auto-ironia como pedra de toque, o jovem diretor e roteirista Corneliu Porumboiu desenvolve seu enredo a partir de um fato histórico fundamental na história de seu país: o 16º. aniversário da queda do dirigente comunista Nicolau Ceausescu, ocorrida em 22 de dezembro de 1989.

Desarmando qualquer solenidade, o cineasta delinea três personagens principais: um apresentador de TV vaidoso e mulherengo, Jderescu (Ion Sapdaru), um professor de História alcoólatra, Manescu (Teo Corban), e

um velhinho aposentado, Piscoci (Mircea Andreescu), cuja maior preocupação é vestir-se de Papai Noel a cada Natal. O apresentador prepara um programa sobre o citado aniversário e convida algumas pessoas para o debate. Na hora H, ninguém pode vir e ele improvisa com o professor e o aposentado como convidados.

O programa caberia muito bem como um episódio do nosso "Casseta & Planeta", a começar pela total incapacidade do câmera de manter os convidados e o apresentador em foco - o que se torna uma piada à parte dentro do filme, que tem como subtema a situação de penúria, abandono e incompetência da Romênia

capitalista. Por ali, ao que parece, a queda do comunismo não rendeu o progresso esperado, o que é visível na aparência desolada das ruas e conjuntos habitacionais em que moram os personagens e na maneira precária com que se tocam todos os aspectos da vida cotidiana.

No debate, porém, o grande assunto é o heroísmo - ou a falta dele. Jderescu tenta saber de seus entrevistados, afinal, se houve ou não houve uma revolução em 1989. O povo foi às ruas em manifestações de protesto, causando a queda do ditador, ou só saiu de casa para comemorar depois de saber que ele tinha fugido do palácio em seu helicóptero? O professor, particularmente, tenta defender a tese revolucionária, colocando a si mesmo entre os que foram às ruas exigir a mudança do regime. Não demora muito, um telespectador telefona, desmontando a versão de Manescu e causando um tremendo desconforto. O velhinho, que não tem muito a comentar sobre nada, fica entediado com a conversa e resolve construir barquinhos de papel diante da câmera vacilante.

A memória é uma coisa capciosa e o mesmo acontece com a visão que um povo tem de si mesmo. Sem querer montar uma tese, *A leste de Bucarest* põe o dedo na que deve ser uma ferida séria na auto-imagem dos romenos - mas de maneira leve e irônica. O resultado é nada menos do que brilhante, apoiado num sólido roteiro e no desempenho de três atores realmente afinados”.

#### Humor corrosivo domina filme romeno

“Mais uma invenção de festivais e de críticos que adoram obscuridades!”, podem exclamar alguns. O fato é que, depois de orientais, iranianos e argentinos, o cinema romeno tornou-se a mais recente coqueluche em festivais e revistas especializadas. Em parte, pode-se creditar tanta atenção à entrada recente do país na União Européia.” O comentário é de Cássio Starling Carlos e publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 23-03-2007.

Segundo ele, “a chegada ao circuito comercial brasileiro de *A leste de Bucarest* permite, contudo, outra aproximação de uma produção que, apesar de limitada em quantidade, parece se pautar por ideais de provocação e de ruptura com códigos dominantes. Um tom de crônica e uma estética do improvisado, um humor niilista e uma mirada constante no espelho em busca de respostas à questão “quem somos?” reaparecem neste primeiro longa de Corneliu Porumboiu”.

O filme de Porumboiu alcança - escreve o crítico de cinema -, além da dimensão histórico-política da atuação dos romenos, o status da verdade. Diante de imagens como as gravadas pela TV, a pergunta que se impõe é “existem fatos ou apenas versões?”. “Aconteceu ou não?”, questiona o título do filme no original (“A fost sau n-a fost?”).

Conduzido por um humor corrosivo que bebe diretamente na fonte do absurdo de Eugene Ionesco, *A leste de Bucarest* reconduz o cinema a uma salutar margem, de onde se pode se enxergar com clareza como se destroem e constroem mitos.



## Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

*Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.*

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 13-08-2007 A 18-08-2007

### **A Vale do Rio Doce e o neoliberalismo no Brasil**

**Ivo Lesbaupin**

Confira nas *Notícias do Dia* 13-08-2007

O sociólogo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Ivo Lesbaupin critica o neoliberalismo, a privatização da Vale do Rio Doce e apóia o plebiscito pela reestatização da empresa.

### **Pensando o lesbianismo feminista**

**Rosa Inés Curiel Pichardo (Ochy)**

Confira nas *Notícias do Dia* 14-08-2007

Na opinião da ativista feminista Ochy Curiel, o lesbianismo é muito mais que uma prática sexual ou uma identidade, é uma posição política. Ela afirma que a heterossexualidade como norma obrigatória diminui a autonomia das mulheres, isto é, age como um sistema político que implica na exploração das mulheres.

### **Betinho: do homem solidário ao homem contraditório**

**Carla Rodrigues**

Confira nas *Notícias do Dia* 15-08-2007

Para Carla Rodrigues, jornalista e autora da biografia *Betinho - sertanejo, mineiro, brasileiro* (Ed. Planeta, 2007), Betinho foi um ser humano contraditório e marcado por uma “profunda necessidade de dar sentido à própria vida”.

### **A prática do estágio no Brasil**

**Manuela D'Ávila**

Confira nas *Notícias do Dia* 16-08-2007

A deputada federal, Manuela D'Ávila acredita que o projeto que visa regulamentar os estágios no Brasil, em dois meses, deverá estar valendo como lei. Ela afirma que é necessário aprofundar o vínculo entre a universidade e o setor produtivo do País.

### **O ser humano e a Terra. Uma relação insustentável**

**José Marengo**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-08-2007,

Para o professor e pesquisador do Inpe José Marengo, os furacões, a seca e os incêndios florestais são prova de que as temperaturas irão subir. Para ele, a forma como se tem tratado o planeta, é insustentável.

### **A revolta dos posseiros. 50 anos depois**

**Iria Zanoni Gomes**

Confira nas *Notícias do Dia* 18-08-2007

A socióloga e professora Iria Zanoni Gomes conheceu de perto a Revolta dos Posseiros, que ocorreu no Paraná, onde ela viveu. Iria conta que o movimento dos Posseiros lutava contra as companhias de terra que se instalaram na região na década de 1950. Ela ressalta que este não foi um movimento armado, já que os integrantes não utilizavam armas, e sim enxadas, foices, instrumentos de trabalho.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU ([WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU))

### 'A cristandade medieval dá lugar aos Estados confessionais'

**Olivier Christin**

Confira nas *Notícias do Dia* 13-08-2007

De acordo com o professor e diretor de estudos na EPHE Olivier Christin, a cristandade, como princípio da organização política está dando lugar aos Estados. Segundo ele, as guerras e as “pazes” de religiões são responsáveis por condenar a idéia de cristandade. A entrevista foi concedida ao *Le Monde*, em 3-08-2007.

### 'O valor do amanhã'. Giannetti na Terra Prometida

**Marcos Nobre**

Confira nas *Notícias do Dia* 14-08-2007

O professor de filosofia política da Unicamp e professor do Cebrap Marcos Nobre comenta o programa “O valor do amanhã”, de Eduardo Giannetti da Fonseca. Segundo ele, o programa transmite uma impressão enganosa. O artigo foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 14-08-2007.

### Que se vai fazer com os sacos plásticos?

**Washington Novaes**

Confira nas *Notícias do Dia* 14-08-2007

O jornalista Washington Novaes, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 10-08-2007, comenta o impasse sobre a utilização de plásticos, no Brasil. Ele comenta a possível utilização de sacolas plásticas oxibiodegradáveis, que aceleram a decomposição, e a troca de sacolas plásticas por sacolas de pano, atitude que ocorre em algumas regiões dos Estados Unidos, e recentemente, implantado em Lajeado, RS.

### Em defesa do plástico oxibiodegradável

**Sebastião Almeida**

Confira nas *Notícias do Dia* 14-08-2007

Autor do projeto de lei 534/07, que obrigava os comerciantes paulistas a substituir as sacolas plásticas por sacolas plásticas oxibiodegradáveis, o deputado Sebastião Almeida (PT-SP) afirma que o composto oxibiodegradável poderá acelerar a decomposição do plástico em até cem vezes.

### A 'biopolítica' e os corpos na sociedade contemporânea

**Mario Goldenberg**

Confira nas *Notícias do Dia* 14-08-2007

O psicanalista da Escola de Orientação Lacaniana e professor da Universidade de Buenos Aires Mario Goldenberg afirma que a segurança, atualmente, tem algumas características da biopolítica. Segundo ele, ao preservar a segurança, se faz, em muitos casos, uso da violência sobre os corpos. O artigo foi publicado no *Página 12*, em 28-07-2007.

### A bomba e o banheiro

**José Luís Fiori**

Confira nas *Notícias do Dia* 15-08-2007

Em artigo publicado no jornal *Valor*, no dia 18-08-2007, o professor do Instituto de Economia da UFRJ, José Luís Fiori diz que os governos e economistas devem prestar atenção nos desdobramentos geopolíticos da conjuntura atual.

### A CUT em Brasília. Uma pauta tímida, conservadora e corporativista

**Cesar Sanson**

Confira nas *Notícias do Dia* 15-08-2007

Na opinião do pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT) e doutorando em

Sociologia do Trabalho Cesar Sanson, a pauta da CUT referente à Emenda 3, apresentada em Brasília, foi tímida, conservadora e corporativista.

#### 'Ter mais informação faz bem à fantasia'

**Domenico de Masi**

Confira nas *Notícias do Dia* 16-08-2007

Domenico de Masi critica a opinião de Elton John, que propõe o fechamento da internet por cinco anos. A entrevista foi concedida ao jornal *Repubblica*, em 2-08-2007.

#### Trezentos mil se matam anualmente com pesticidas no campo asiático

**Paul Benkimoun**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-08-2007

A ingestão voluntária de pesticidas tem matado cerca de 300 mil pessoas nos campos da Ásia. A proibição à comercialização desses produtos, segundo pesquisadores, enfrenta dificuldades, pois esbarra na hostilidade das indústrias químicas. O artigo foi publicado no jornal *Le Monde*, em 16-08-2007.

#### Um dia na semana para não fazer nada

**Hélio Zylberstajn**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-08-2007

Há, hoje, uma degradação dos recursos humanos provocada pelo excesso de trabalho, afirma o professor da FEA/USP e presidente do Ibret, Hélio Zylberstajn, em artigo publicado no jornal *Valor*, no dia 17-08-2007. O professor propõe um dia sem trabalho e reitera que essa medida seria bastante importante, pois nos lembraria que as “as relações afetivas devem ser vividas e não esquecidas”.

#### O direito à preguiça resiste na era da super-atividade

**Massimiliano Panarari**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-08-2007

Vista como uma pausa para aliviar o pensamento, a sesta, segundo Massimiliano Panarari, tornou-se resistente e equiparável a super-eficiência e ao hiper-trabalho da globalização. O artigo foi publicado no jornal *La Repubblica*, em 3-08-2007.

## Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS *NOTÍCIAS DO DIA* NO SÍTIO DO IHU.

#### Ambições

“O Brasil perdeu importância e está tentando encontrar uma maneira de voltar a ter alguma, mas não sei se encontrou. Sem dúvida, o país tem menos rumo hoje do que tinha na década de 50. A promessa do Brasil era maior. A gente podia imaginar que o país seria melhor na virada da década de 50 do que pode imaginar hoje o que será o país daqui a dez anos” - **João Moreira Salles**, diretor de cinema - *Folha de S. Paulo*, 13-08-2007.

“As nossas ambições se tornaram mais mediócras. Disso não tenho dúvida” - **João Moreira Salles**, diretor de cinema - *Folha de S. Paulo*, 13-08-2007.

#### FMI

“Antigamente, a esta altura, o ministro da Fazenda já teria ligado para o FMI para garantir a benevolência em caso de necessidade. Quem poderia imaginar que um ministro da Fazenda [brasileiro] falaria em crescimento sustentável enquanto os bancos centrais da União Européia e dos EUA estão injetando liquidez nos

mercados?” - **Guido Mantega**, ministro da Fazenda - *O Estado de S. Paulo*, 14-08-2007.

#### **Fracassou**

“Quais são as instituições que dão coesão à sociedade? Família, religião, partido, escola. No Brasil, tudo isso fracassou” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República - revista *Piauí* de agosto.

“No meu governo universalizamos o acesso à escola, mas para quê? O que se ensina ali é um desastre” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República - revista *Piauí* de agosto.

“A única coisa que organiza o Brasil hoje é o mercado, e isso é dramático. O neoliberalismo venceu. Ao contrário do que pensam, contra a minha vontade” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República - revista *Piauí* de agosto.

#### **Palhaçada**

“A parada de 7 de setembro é uma palhaçada. Parada militar no Brasil é pobre pra burro. Brasileiro não sabe marchar. Eles sambam ... A cada bandeira de regimento a gente tinha que levantar, era um senta levanta infundável. Em setembro venta muito em Brasília e o cabelo fica ao contrário” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República - revista *Piauí* de agosto.

“Os americanos têm os founding fathers ... A França tem os ideais da Revolução. Eu disse para os homens de imaginação, para o Nizan Guanaes: olha, a imaginação do povo é igual à estrutura do mito do Lévi-Strauss, ou seja, é binária: existem o bem e o mal. Eu fui eleito Presidente da República porque fiz o bem - no caso, o real. O real já está aí, eu disse. Chega uma hora em que a força dele acaba. O que vamos oferecer no lugar? Ninguém soube me dar essa resposta. Eu também não

soube encontrá-la” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República - revista *Piauí* de agosto.

#### **Ruptura epistemológica**

“O que houve não foi uma ruptura epistemológica no meu projeto intelectual, mas uma ruptura ontológica do mundo... No final da década de 80, não estávamos mais enfrentando teorias, mas a realidade. Olhamos o que existia e estava tudo em pedaços. Estávamos falidos. Fomos forçados a privatizar, não havia outro jeito” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República - revista *Piauí* de agosto.

#### **Lula e o PT**

“Os petistas passaram 25 anos da vida se dedicando a um só objetivo, fazê-lo (Lula) subir a rampa do Palácio. Agora não pode esnobar o PT” - um expoente do PT na Câmara, afirmando que Lula e não só o partido que deve mudar - *Valor*, 15-08-2007.

“Não se pode criticar o PT e ao mesmo tempo incensar adversários do PT. Lula não pode ser rigoroso com um e generoso com outros” - um dirigente do PT - *Valor*, 15-08-2007.

“Ele (Lula) tem que aproveitar o Congresso (do PT) para reafirmar que é petista, que gosta do PT e quer o PT ao seu lado” - um dirigente do PT, falando do próximo Congresso - *Valor*, 15-08-2007.

“Quando o PT era pequeno, a gente mandava, tinha controle, eu e o Zé Dirceu” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 16-08-2007.

“Em Campinas, por exemplo, não quero nem saber o nome do candidato a prefeito do PT. Lá, eu vou apoiar o Dr. Hélio” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da

República, referindo-se ao prefeito do PDT e candidato à reeleição - *O Estado de S. Paulo*, 16-08-2007.

#### Coqueiro Linhas Aéreas

“Agora eu sei por que eles só servem barra de cereal e sanduíche. Pra comer na vertical. Se abrir os braços o cotovelo bate no olho do vizinho! Coqueiro Linhas Aéreas. Viaje como sardinha em lata!” - **José Simão**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 15-08-2007.

#### 2010

“Garanto que os partidos aliados do governo disputarão a eleição de 2010 com um único candidato” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 16-08-2007.

“Acho que em 2010 será a hora de Minas” - **Itamar Franco**, ex-presidente da República - *IstoÉ*, desta semana.

“Para 2010, o cenário que eu trabalho hoje é que Minas não pode ter dois candidatos a presidente da República. Se não mudar, o candidato é o governador Aécio Neves. Há muito sereno e muito sol até 2010. Quem não é candidato é bom se guardar do sol e do sereno” - **Itamar Franco**, ex-presidente da República - *IstoÉ*, desta semana.

“Podem ir aproveitando para debater, estudar, mas preparem-se para arregaçar as mangas daqui a três anos: vai todo mundo voltar para Brasília” - **Aécio Neves**, governador de Minas Gerais pelo PSDB, num debate sobre os rumos da economia brasileira na Casa das Garças, centro de estudos no Rio de Janeiro ligado ao PSDB, que reúne, entre outros, Armínio Fraga, Pedro Malan, Edmar Bacha, Dionísio Carneiro, Edward Amadeo - Veja, desta semana.

#### FHC

O Fernando Henrique não era o meu candidato. Meu primeiro candidato era o Antônio Brito (ex-governador do Rio Grande do Sul). Minhas pesquisas indicavam, naquele instante, o FHC em terceiro lugar. Abaixo do Brito e do Lula” - **Itamar Franco**, ex-presidente da República - *IstoÉ*, desta semana.

“Muitos me disseram: ‘Não cometa a tolice de indicar o FHC para presidente. Ele vai te trair e não vai ser bom para a Nação.’ Mas não tive outra opção” - **Itamar Franco**, ex-presidente da República - *IstoÉ*, desta semana.

“São Paulo é um resumo do Brasil, mas tem uma elite política na atual conjuntura que é dramaticamente provinciana. Não tem percepção de Brasil. O príncipe disso é Fernando Henrique, que fez de tudo para destruir a política do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Ele sabe o que representou a coalizão desses dois Estados na Revolução de 30” - **Ciro Gomes**, deputado federal PSB-CE - *Zero Hora*, 18-08-2007.

#### Inventou

“O Lula acha que inventou o Brasil” - **Itamar Franco**, ex-presidente da República - *IstoÉ*, desta semana.

#### Juízo Final

“A noite estava clara e vi a Lua tremendo de um jeito tão forte que parecia que ela ia explodir. Os postes da avenida balançavam como se quisessem dançar um samba brasileiro, a luz acabou de repente e, do lado do oceano, relâmpagos faziam a noite virar dia. Nas ruas, todos gritavam e rezavam acreditando que o dia do Juízo Final finalmente havia chegado” - **Ricardo Becerra**, 30 anos, segurança de um posto de gasolina de Miraflores, distrito de classe média alta de Lima, descrevendo os momentos mais agudos do terremoto de 8 graus na escala

Richter que abalou o Peru na quarta-feira - *O Estado de S. Paulo*, 19-08-2007.

#### Raquítico

“O país tem um Estado raquítico. Apenas 8% da mão de obra ocupada pertence ao Estado. Nos Estados Unidos, são 18%. Na Europa, 25%. Na Escandinávia, 40%. Espanha e Portugal tem cerca de 20%” - **Marcio Pochmann**, presidente do Ipea - *Agência Carta Maior*, 15-08-2007.

#### TAM

“O seguro obrigatório, se os parentes não correm atrás, não recebem. As indenizações, queremos ver a apólice, ter certeza de que a TAM não vai lucrar em cima dos cadáveres. Eles querem pagar de acordo com o tipo de vítima. Meu irmão vale mais que uma senhora de 80 anos e menos que um bebê? Isso é muito cruel” - **Roberto Lopes Correa Gomes**, irmão do empresário Márcio Lopes Correa Gomes, morto no acidente da TAM, que esperou 22 dias para enterrá-lo - *Folha de S. Paulo*, 18-08-2007.

#### Briga

“PT e PSDB em São Paulo são a mesma coisa e se alternam no poder. Sonham para o Brasil o bipartidarismo que fizeram lá. São a mesma gente, têm os mesmos valores e concepções e apenas brigam pelo poder” - **Ciro Gomes**, deputado federal PSB-CE - *Zero Hora*, 18-08-2007.

#### Milton Santos

“Somos pessimistas quanto à realidade que está aí, mas otimistas quanto ao que pode chegar” - **Milton Santos**, geógrafo no documentário “Encontro com Milton Santos ou a globalização vista do lado de cá” de Sílvio Tandler - *O Globo*, 18-08-2007.

“Nunca houve humanidade. Agora é que está havendo. A gente vem fazendo ensaios do que será a humanidade. Acho que é a primeira vez na História em que convivemos com um futuro possível. Acho que essa é a grande novidade da nossa geração. A capacidade de conviver com o futuro possível” - **Milton Santos**, geógrafo no documentário “Encontro com Milton Santos ou a globalização vista do lado de cá” de Sílvio Tandler - *O Globo*, 18-08-2007.

#### Cansada

“Ô Hebe “Maluf” Camargo! Fez campanha pra ladrão a vida toda e agora está cansada!” - **José Carlos Caldeira Braga**, 70 anos, engenheiro, gritando na direção da apresentadora, ontem no “Cansei” na Praça da Sé - *Folha de S. Paulo*, 18-08-2007.



## Eventos

### Agenda da Semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

**Dia 22-8-2007****III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias**

Nanotecnologia: aplicações recentes e crescimento de monocristais

Prof. Dr. Carmo Heinemann e Prof. Dr. Wictor Carlos Magno - Unisinos

Sala 1G119, das 17h30 às 19h

**III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**

O pensamento econômico de Celso Furtado

Prof. Dr. Pedro César Dutra da Fonseca - UFRGS

Sala 1G119, das 19h30 às 22h

**Dia 23-8-2007****IHU Idéias**

Ética Mundial e Direito: um debate sobre o pensamento de Hans Küng

Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto / PPG em Direito - Unisinos e Prof. Dr. Alfredo Culleton - Unisinos

Sala 1G119, das 17h30 às 19h

**Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura**

Formação étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura: notas para um debate

Profa. Dra. Eloisa Capovilla

Sala 1G119, das 19h30 às 22h

**Dia 25-8-2007****Ciclo de Cinema e Debate em Economia - O Capitalismo Visto pelo Cinema**

O capitalismo financeirizado - Filme: **A fraude**

Prof. MS Francisco Antonio M. Zanini - Unisinos

Sala 1G119, das 08h45 às 11h45

**Dia 27-8-2007****Encontros de Ética**

Cultura da memória no Brasil - o passado retorna pela mídia

Profa. Dra. Christa Liselote Berger Ramos Kuschick - Unisinos

Sala 1G119, das 17h30 às 19h

## Para Celso Furtado a política econômica não pode ter a estabilização como um fim em si mesmo

ENTREVISTA COM PEDRO CEZAR DUTRA DA FONSECA

*Para Celso Furtado, “a política econômica não pode ter a estabilização como um fim em si mesmo, sendo o fim último a melhoria do bem-estar, o que se consegue com mais renda e emprego”. A afirmação é do professor e vice-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Pedro Cezar Dutra da Fonseca. Para o professor, a importância da obra de Celso Furtado está em “fazer uma reflexão sobre o subdesenvolvimento da América Latina”. Ele ressalta que “Furtado é possivelmente o mais keynesiano dos cepalinos”. Fonseca deu estas e outras declarações na entrevista a seguir, concedida por e-mail para a IHU On-Line. No próximo dia 22-08-2007, Fonseca irá falar sobre o pensamento econômico de Celso Furtado, no III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. O evento ocorre das 19h30 às 22h, na Sala 1G119.*

*Fonseca possui graduação e mestrado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Economia pela Universidade de São Paulo. É autor de BRDE: da hegemonia à crise do desenvolvimento (Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole S.A., 1988). Confira uma entrevista concedida pelo professor Pedro Cezar Dutra da Fonseca à revista IHU On-Line número 183, de 05-06-2006. O professor já esteve presente na Universidade, participando de outros eventos promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. No II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, em 07 de junho de 2006, Fonseca apresentou o tema Joan Robinson (1903-1983).*

**IHU On-Line - Qual é a principal contribuição do pensamento econômico de Celso Furtado para as reflexões econômicas e políticas nacionais e para o desenvolvimento econômico brasileiro? Onde entra a importância de *Formação Econômica do Brasil*?**

**Pedro Cezar Dutra da Fonseca - Celso Furtado<sup>1</sup> foi o mais importante economista brasileiro de sua geração. É**

---

<sup>1</sup> Celso Furtado (1920-2004): economista brasileiro, foi membro do corpo permanente de economistas da ONU e diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954) e *Formação econômica do Brasil* (1959). A *IHU On-Line* repercutiu na 155ª edição a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

o nome mais conceituado dos intelectuais desenvolvimentistas da CEPAL<sup>1</sup>, talvez só superado em influência intelectual e política pelo argentino Raul Prebisch<sup>2</sup>, que foi o primeiro presidente dessa instituição. A importância de sua obra está em fazer uma reflexão sobre o subdesenvolvimento da América Latina. Desde as primeiras obras, sua preocupação central era indagar as razões do atraso da América Latina, porque a miséria persistia ao longo do tempo, assim como as desigualdades regionais. Antes dele, eram comuns as teses que atribuíam os baixos indicadores sociais e econômicos a fatores naturais - geográficos, físicos e biológicos -, como o clima tropical e as raças. Com Celso Furtado, o “atraso” transformou-se em “subdesenvolvimento” e sua contribuição foi decisiva para elucidar suas razões históricas e sociais. O subdesenvolvimento não se tratava de mera etapa, como se a América Latina estivesse em uma fase atrás dos países europeus e que um dia chegaria lá, por uma linha evolutiva; se nada se fizesse, o subdesenvolvimento tenderia a se perpetuar, pois - e esta era outra tese sua - mostrava uma tendência à reprodução. Com isso, a teoria de Furtado incitava à ação, ao planejamento, à práxis, ou seja, a uma atitude consciente a ser tomada pelos governos para reverter uma situação histórica. E aqui se nota seu humanismo: a História não é uma fatalidade,

---

<sup>1</sup> Cepal: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, órgão das Nações Unidas, com sede em Santiago do Chile. Sobre o tema, a IHU On-Line entrevistou Fernando Henrique Lemos Rodrigues. A entrevista intitulada *A trajetória e a influência do Cepal nos governos latino-americanos*, foi publicada em 18-12-2006 e pode ser conferida no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>2</sup> Raul Prebisch (1901-1986): considerado um dos maiores intelectuais latino-americanos da segunda metade do século XX. Foi um dos fundadores, ao lado de Celso Furtado, da escola estruturalista da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). A obra de Prebisch e o pensamento da CEPAL será tema de debate no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, ministrado pelo Prof. Dr. Ricardo Bielschowsky - UFRJ e CEPAL. (Nota da *IHU On-Line*)

nem decorre de causas naturais, mas é construída pelos homens.

### ***IHU On-Line* - A "sombra" e a herança de Celso Furtado podem ser percebidas na forma de conduzir e pensar a economia no Brasil hoje?**

**Pedro Cezar Dutra da Fonseca** - O processo de substituição de importações é um modelo que não tem retorno. Hoje, o mundo é outro e a economia brasileira já é industrializada, não fazendo mais sentido a crença de que a industrialização venceria a barreira do subdesenvolvimento. Mas a idéia de desenvolvimento como tema central continua na ordem do dia. A tese mais cara de Furtado, que acompanha toda sua obra, é a de que a reversão da miséria e da desigualdade poderia ser feita através de políticas de crescimento econômico, com geração de produção e emprego. Há algo mais atual do que isso? E, ao contrário dos marxistas, acreditava que isso poderia ocorrer dentro do sistema capitalista, como outros países haviam feito. Ao longo de sua obra, evidencia-se que nunca acreditou na tese de que o imperialismo impediria o crescimento dos países periféricos, nem que era necessário “explorar” outros países para crescer, como se a economia internacional fosse um jogo de soma zero. Países como Finlândia, Noruega e Dinamarca possuem ótimos indicadores sociais e nunca foram potências nem “imperialistas”.

### ***IHU On-Line* - Quando se fala na necessidade de um projeto de desenvolvimento nacional para o Brasil um dos primeiros nomes que vêm à tona, como inspiração, é Celso Furtado. O que faz dele um nome a ser lembrado na hora de traçar um projeto, rumos para o País?**

**Pedro Cezar Dutra da Fonseca** - O nome dele sempre será lembrado porque não somente foi o pioneiro, mas o mais consistente batalhador pela causa do

desenvolvimento. Junto com Mario Henrique Simonsen<sup>1</sup>, Furtado é o economista brasileiro mais conhecido no exterior e sua obra é traduzida para inúmeras línguas. A área de “Economia do Desenvolvimento”, ou “Desenvolvimento Econômico”, praticamente não existia antes da obra de Furtado e de outros economistas cepalinos. Nos cursos de Economia, lecionava-se apenas Macroeconomia e Microeconomia; geralmente o estoque de capital era considerado dado na maior parte dos modelos. A partir desses estudos, o crescimento do estoque do capital passou a ser a variável por excelência, indo ao encontro do trabalho de outros economistas do primeiro mundo, como Kaldor<sup>2</sup>, Myrdal<sup>3</sup>, e Solow<sup>4</sup>. Algumas medidas propostas por ele não fazem mais sentido, mas o objetivo maior, como já mencionei, continua em pé: a política econômica não pode ter a estabilização como um fim em si mesmo, sendo o fim último a melhoria do bem-estar, o que se consegue com mais renda e emprego. Furtado é possivelmente o mais keynesiano dos cepalinos e isto se deve, em parte, a um

---

<sup>1</sup> **Mário Henrique Simonsen (1935-1997)** economista e Ministro da Fazenda do Brasil durante todo o governo Ernesto Geisel. Engenheiro civil formado pela antiga Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, destacou-se, porém, ao longo de sua carreira, como professor de economia da Escola de Pós Graduação em Economia (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas, escola que ajudou a fundar. Atuou também como sócio-consultor do banco de investimentos Bozano-Simonsen e prestou consultoria para diversas empresas do setor financeiro nacional e internacional. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> **Nicholas Kaldor (1908-1986)**: economista húngaro, um dos mais famosos de Cambridge no período pós-guerra. Desenvolveu o famoso conceito de compensação. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> **Gunnar Myrdal (1898-1987)** economista sueco. Recebeu o Prêmio de Ciências Econômicas em 1974 por seu trabalho pioneiro na teoria da moeda e flutuações econômicas e pela análise penetrante da interdependência dos fenômenos econômicos, sociais e institucionais (dividido com Friedrich August von Hayek). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> **Robert Merton Solow (1924)**: economista norte-americano particularmente conhecido por seu trabalho na teoria de crescimento econômico. Foi premiado com a Medalha John Bates Clark, em 1961, e o Prêmio do Banco da Suécia de Ciências Econômicas, em 1987. (Nota da *IHU On-Line*)

período em que estudou em Cambridge, na Inglaterra, ao final da década de 1950.

***IHU On-Line* - Considerando que o cenário brasileiro atual é bem diferente do cenário vivido por Furtado, o pensamento desenvolvimentista da Cepal teria ainda lugar na sociedade brasileira hoje?**

**Pedro Cezar Dutra da Fonseca** - Há lugar para ele, uma vez que o debate entre desenvolvimentismo versus ortodoxia está na ordem no dia. Quando se pensa que está superado, reatualiza-se. Isto não é questão de opinião; é um fato. Todavia, é um mito imaginar que o pensamento desenvolvimentista brasileiro, como o de Furtado, negasse a importância da estabilidade. A maior prova é o Plano Trienal<sup>5</sup>, do Governo Goulart<sup>6</sup>, elaborado por ele, como ministro do Planejamento, e que entendia que com inflação crescente, déficit público fora de controle e balanço de pagamento estrangulado não poderia haver crescimento. Ele foi muito criticado à época por isso, mas sua posição era cristalina: a estabilidade era importante, mas não poderia ser o epicentro da política econômica nem um fim em si mesma. Esta era sua diferença com a ortodoxia.

***IHU On-Line* - Com que olhos o senhor acha que Furtado veria a atual política de juros e a política cambial de Lula?**

---

<sup>5</sup> **Plano Trienal**: Proposto pelo Ministro do Planejamento, Celso Furtado, no governo de João Goulart, o Plano Trienal era uma resposta política para a disparada da inflação, que se encontrava, em 1963, na taxa de 78,4%, e a deterioração do comércio externo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> **João Belchior Marques Goulart (1918-1976)**: presidente do Brasil de 1961 a 1964. Seu mandato foi marcado pelo confronto entre diferentes políticas econômicas para o Brasil, conflitos sociais e greves urbanas e rurais. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: Fase Parlamentarista (da posse em 1961 a janeiro de 1963) e a Fase Presidencialista (de janeiro de 1963 ao Golpe em 1964). (Nota da *IHU On-Line*)

**Pedro Cezar Dutra da Fonseca** - Nos últimos anos de vida, a partir de meados da década de 1980, Furtado foi se tornando cada vez mais pessimista. O fenômeno da globalização e a hegemonia do capital financeiro internacional dificultavam a realização de muitos aspectos de seu projeto intelectual, que era, ao mesmo tempo, um projeto de vida. O retorno à ordem do dia do pensamento liberal - agora sob o rótulo de “neoliberal” - surpreendia e trazia à tona idéias que pareciam enterradas desde a década de 1930. O debate parece que retrocedera no tempo. Parte dos aliados abandonou as hostes desenvolvimentistas e passou gradualmente a defender estas idéias, como se viu no governo de Fernando Henrique e depois no de Lula. A política cambial do governo Lula é apenas um exemplo. Do ponto de vista do crescimento, nada justifica uma valorização tão grande do real; setores como o calçadista<sup>1</sup> e vestuário estão passando por inúmeras dificuldades. Esta valorização apenas causa um efeito-renda, que se traduz

---

<sup>1</sup> Sobre a crise do setor calçadista na região do Vale dos Sinos, a IHU On-Line produziu uma edição especial, em 25-06-2007. A edição 225, intitulada *Vale do Sinos em crise. Diagnósticos e perspectivas* e outras reportagens que repercutem a crise, estão disponíveis no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da *IHU On-Line*)

em maior consumo no curto prazo, aumentando a propensão a importar. A inflação já é segurada pela política fiscal (o superávit primário) e pela política monetária (taxa de juros); precisaria ainda do instrumento cambial? Há uma “overdose” anti-crescimento que se justificava no governo de Fernando Henrique, quando se precisava reverter a inflação e as expectativas inflacionárias, mas hoje não faz o menor sentido. Verifica-se o que alguns colegas economistas chamam de “novo populismo”: um populismo cambial, que sustenta o consumo de curto prazo, barateia as importações, mas joga seu custo para o futuro. A formação bruta de capital é baixíssima, o que prejudica sobremaneira o crescimento. Neste aspecto, o Brasil vai no caminho contrário ao da China. Pergunte aos chineses por que eles não valorizam sua moeda... A China tem um projeto nacional, algo que hoje no Brasil é considerado coisa do passado. Aqui se confunde, propositalmente ou por ignorância, projeto nacional com o retorno ao processo de substituição de importações. Colocado nestes termos, o desenvolvimentismo torna-se, equivocadamente, coisa do passado, um sebastianismo.

# Ética mundial e Direito: uma contribuição de Hans Küng

ENTREVISTA COM ALFREDO CULLETON E VICENTE BARRETTO

*Discutir a importância do projeto de ética mundial de Hans Küng e a sua contribuição para a área do Direito será o objetivo dos professores da Unisinos Alfredo Culetton e Vicente Barretto, no próximo dia 23-08-2007, no evento IHU Idéias, das 17h30min às 19h, na Sala 1G119. E é sobre esse tema que eles concederam a entrevista que segue, por e-mail, à IHU On-Line.*

*Culetton é graduado em Filosofia pela Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente leciona nos cursos de Graduação e Mestrado em Filosofia na Unisinos. Confira uma entrevista concedida pelo filósofo à IHU On-Line na edição número 160, de 17-10-2005, junto com o historiador Nilton Mullet Pereira, intitulada Em nome de Deus: um retrato de época, comentando aspectos do filme apresentado no Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema, promovido pelo IHU; e outra entrevista na 198ª edição, de 02-10-2006, sobre a Idade Média.*

*Por sua vez, Vicente de Paulo Barretto é professor no PPG em Direito da Unisinos. Livre docente pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), possui graduação em Direito pela Universidade do Estado da Guanabara. Sua atividade acadêmica desenvolve-se na área do Direito, com ênfase em Filosofia do Direito. Barretto foi o idealizador e coordenador científico do primeiro Dicionário de Filosofia do Direito, em língua portuguesa, lançado pela Editora Unisinos, e sobre o qual concedeu uma entrevista para as Notícias do Dia do site do IHU de 09-05-2006.*

*Culetton e Barretto assinam o número 83 dos Cadernos IHU Idéias, intitulado Dimensões normativas da Bioética.*

*A palestra da próxima quinta-feira prepara a vinda do teólogo Hans Küng ao Brasil, de 22 a 26 de outubro de 2007. O Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - Por uma ética mundial será realizado no campus da Unisinos. Em preparação a este evento, foi criado um Fórum On-line sobre o Projeto de Ética Global de Hans Küng. Para mais informações sobre o ciclo e sobre o fórum, acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Hans Küng também proferirá a palestra no campi da UFPR, no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG.*



**IHU On-Line - Em que sentido o projeto de ética mundial de Hans Küng pode contribuir para a área do Direito?**

**Alfredo Culleton e Vicente Barretto** - Há tempo, o Direito vem passando por uma crise decorrente da sua filiação a um modelo positivista de ver não só o direito, mas a sociedade e o mundo em geral. Trata-se de uma visão dogmática e fechada sobre si mesma que o foi empobrecendo e isolando da sociedade para a qual está a serviço. Daí que alguns grupos dentro deste universo venham buscando referências para dialogar e revisar as suas bases conceituais, filosóficas, hermenêuticas e políticas, em vistas da sua própria identidade de juristas.

**IHU On-Line - É possível pensarmos num único *ethos* global hoje para toda a humanidade, com todas as suas disparidades? Como isso funciona no caso do Direito? É viável pensarmos num conjunto mínimo de valores morais, normas e atitudes básicas humanas comuns para todos os homens e mulheres do planeta?**

**Alfredo Culleton e Vicente Barretto** - Entendemos que seríamos capazes de formular algumas poucas e mínimas formas básicas de bem humanos; não necessariamente valores morais ou normas comuns a todos os homens, mas sim o reconhecimento de formas básicas de bem para todas as sociedades, de todos os tempos; isto denotaria uma valorização da vida humana; ou a proibição do incesto, ou que toda sociedade humana formulou algum tipo de restrição ao uso da sua sexualidade, ou que o nascimento de uma criança, salvo em casos excepcionais de catástrofes, sempre é considerado um acontecimento bom, digno de celebração. O reconhecimento deste mínimo nos daria condições de discutir políticas, propor universalizações históricas etc.

**IHU On-Line - Quais são os valores que devem entrar em jogo ao pensarmos neste *ethos* mundial que propõe Hans Küng? Onde entram aí as religiões? Qual o papel das religiões quando falamos de valores relacionados à proposta de ética mundial?**

**Alfredo Culleton e Vicente Barretto** - Podemos destacar dois valores ou bens básicos que devem ser conjugados nesta proposta, que sejam a razoabilidade prática que toda ação humana exige de si mesma, isto é, um mínimo de ordem e justificação para as ações, e a religião, no sentido de que toda sociedade humana reconhece uma ordem que o precedeu no tempo e que tem um valor transcendental, ao qual se deve certa gratidão individual e coletiva. O valor da religião está também no fato de que, por mais dogmática que seja, ela exige justificação, busca as suas razões e nessa busca se justifica para o outro, se revisa e se abre para o outro, para a história.

**IHU On-Line - Qual é a contribuição do projeto de ética mundial para a política e a democracia?**

**Alfredo Culleton e Vicente Barretto** - Uma grande contribuição é o de trazer a proposta para o debate de maneira séria e sistemática. Nisto se diferencia de outras propostas, como a do Dalai Lama<sup>1</sup>, por exemplo,

---

<sup>1</sup> O Dalai Lama ao longo do tempo se tornou o líder político do Tibete, onde política e religião se fundiram em um Estado teocrático. Dessa maneira, é comum encontrar-se em literaturas menos especializadas a informação de que o Dalai Lama é um líder temporal e político. Na verdade, ele é um monge e lama, reconhecido por todas as escolas do Budismo tibetano. O atual e 14º Dalai Lama é Tenzin Gyatso. Ele nasceu em 1935 e morava no Palácio de Potala durante o inverno e na residência de Norbulingka durante o verão, em Lhasa, capital do Tibete. Em 1959, quando a China invadiu o Tibete, o Dalai Lama fugiu para a Índia, onde mora até hoje, em Dharamsala. Dalai significa "Oceano" em mongoliano e "Lama" é a palavra tibetana para mestre, guru, e várias vezes referido por "Oceano de Sabedoria". (Nota da *IHU On-Line*)

carregada de boas intenções, mas solta. Também há o fato de trazer para o diálogo temas antigos que, no geral, estão sendo abandonados mesmo pela sociedade civil e os partidos políticos. Nem as universidades, nem as igrejas, nem os jornais, parecem interessados em discutir de maneira séria, e não simplesmente reivindicacionista e queixosa, a questão do futuro da humanidade em sentido político. Há uma grande preocupação com o futuro ambiental e de autopreservação do planeta e uma desvalorização do político.

*IHU On-Line* - Como o pensamento de Hans Küng contribui para a tensão entre a política e a ética?

**Alfredo Culleton e Vicente Barretto** - O problema acontece quando essa tensão desaparece e pode acontecer de duas maneiras terríveis: quando ética e política se confundem e aí vêm os fundamentalismos, ou quando se privatiza a política como puro gerenciamento administrativo e a ética como guardião do agir privado. Hans Küng estimula essa tensão no melhor sentido do termo. Ele defende essa sadia tensão entre a arte de governar a favor dos homens, sabendo que se está lidando com disputas de poder e isso é um valor, e a ética como esse referencial de valores com pretensão de universalidade que busca nortear o agir humano.

## Filme *A Fraude* para compreender o capitalismo financeirizado

ENTREVISTA COM FRANCISCO ZANINI

*O professor Francisco Antônio Mesquita Zanini, da Unisinos, conduzirá a próxima edição do Ciclo de Cinema e Debate em Economia - O Capitalismo Visto pelo Cinema, no sábado, dia 25-08-2007, das 08h45 às 11h45, na Sala 1G119, quando será exibido o filme A fraude, que motivará um debate sobre o capitalismo financeirizado. E, para adiantar o assunto aos leitores e leitoras da IHU On-Line, o professor Zanini concedeu a entrevista que segue, por e-mail.*

*Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Maria, Francisco Zanini possui especialização em Administração Financeira pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e mestrado em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É doutorando em Contabilidade pela Universidad Autónoma de Madrid. Tem experiência na área de Administração, tendo trabalhado no sistema financeiro por quinze anos. Confira a entrevista:*

### Ficha Técnica

**Título Original:** Rogue Trader

**Gênero:** Drama

**Tempo de Duração:** 101 minutos

**Ano de Lançamento (Inglaterra):** 1998

**Direção:** James Dearden

**Roteiro:** James Dearden, baseado em livro de Nicholas Leeso e Edward Whitley

**Produção:** Janette Day, James Dearden e Paul Raphael

**Música:** Richard Hartley

**Fotografia:** Jean-François Robin

**Direção de Arte:** Paul Ghirardani e Christina Moore

**Edição:** Catherine Creed

**Sinopse:** Um ambicioso escriturário que trabalha em um banco recebe a oportunidade de cuidar de negócios na Singapura. Lá ele apresenta resultados excelentes no aspecto financeiro, escondendo as perdas em uma conta aberta para este fim.

### ***IHU On-Line* - Em que sentido o filme *A fraude* ajuda a entender a lógica do capitalismo financeirizado?**

**Francisco Zanini** - Penso que o filme ajuda muito no entendimento do capitalismo. Ele mostra as diversas interconexões e a interdependência das finanças em nível global. Um funcionário de um banco inglês, opera a partir de Cingapura, com derivativos tendo como ativo-base o índice da Bolsa japonesa, o índice Nikkei<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O Índice NIKKEI-225 foi implantado na Bolsa de Valores de Tóquio em 16-05-1946 e foi substituído pelo índice TOPIX em 1969. Em 1975, o jornal *Nikon Keizai Shimbun* adquiriu os direitos para o cálculo e divulgação do NIKKEY-DOW Jones Average que foi mais tarde rebatizado de Nikkei Stock Average. A metodologia do índice NIKKEI é semelhante ao DJIA, ou seja, reflete a média aritmética das variações de preços das ações que compõem sua carteira. Essa média acaba por ponderar as ações pelos preços, o que não encontra nenhuma justificativa lógica. De qualquer forma, o índice NIKKEI tem a seu favor sua composição mais variada (225 ações), incomparavelmente maior que seu congênere americano, o DJIA (com apenas 30 ações em sua carteira). (Nota da *IHU On-Line*)

### ***IHU On-Line* - Como podemos definir/caracterizar o capitalismo financeirizado? Onde entra, nele, marca do neoliberalismo?**

**Francisco Zanini** - Começando pelo fim: sim, entra, sem nenhuma dúvida, a marca do neoliberalismo. O neoliberalismo prega a maior liberdade possível aos mercados, e o estado mínimo. É um pouco difícil definir capitalismo financeirizado, mas penso que ele deva ser entendido como um sistema que permite, a partir de ativos reais, a criação e a propagação de diversos mecanismos financeiros, negociados em escala global, situação facilitada pelo extraordinário avanço das comunicações, hoje praticamente instantânea, e também gerada a partir do crescimento do intercâmbio comercial entre os países. Esse processo de comunicação quase instantânea, de avanço dos transportes e do comércio mundial, de uma certa forma 'encolheu' o mundo. É a tal 'Aldeia Global'<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> **Aldeia global:** conceito criado pelo sociólogo canadense Marshall McLuhan, que ficou mundialmente famoso ao publicar o livro *O meio é a mensagem* (Rio de Janeiro: Record, 1969). Aldeia global quer dizer simplesmente que o progresso tecnológico estava reduzindo todo o

***IHU On-Line* - Em que medida as atitudes do personagem Nick Leeson mostram a relação entre o ser humano e a louca corrida pelo dinheiro proposta pelo capitalismo?**

**Francisco Zanini** - Em toda medida. Nick Leeson foi um aluno pobre em matemática, mas era ambicioso. Além disto, era jovem, portanto, com pouca experiência, mas tinha nas mãos, por absoluta falta de controle do próprio banco onde trabalhava, e também dos órgãos reguladores do sistema financeiro, um poder muito maior do que a pouca experiência lhe autorizava. Ele, praticamente sozinho, quebrou um banco com quase 250 anos de história. Veja, ele fazia operações para o Banco, não para si próprio. Mas operações lucrativas para o banco significariam, além do salário, polpudas gratificações, além de prestígio. Em resumo: dinheiro, prestígio e poder.

***IHU On-Line* - O filme e o debate do evento no dia 25 podem ajudar a entender a influência do mercado de ações e da bolsa de valores para o mercado financeiro mundial? Em que sentido?**

**Francisco Zanini** - Sim, o filme pode ajudar bastante, pois mostra a interconexão entre os mercados. Veja que no mercado financeiro uma coisa fundamental é a fidúcia (muitos já devem ter ouvido falar que tal banco “é o agente fiduciário de tal título”). Bem, fidúcia é confiança. Com a interligação entre os mercados, a falta de confiança em um ponto desta cadeia desata um nó, que, só depois de

---

planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia, ou seja, a possibilidade de se comunicar diretamente com qualquer pessoa que nela vive. Como paradigma da aldeia global, ele elegeu a televisão, um meio de comunicação de massa em nível internacional, que começava a ser integrado via satélite. Esqueceu, no entanto, que as formas de comunicação da aldeia são essencialmente bidirecionais e entre dois indivíduos. Somente com o celular e a internet é que o conceito começou a se concretizar. (Nota da *IHU On-Line*)

desatado, vai mostrar a todos as interconexões deste nó com os demais. Então, o filme e o debate são muito oportunos, especialmente nestes dias em que o mercado financeiro global passa por outro período de turbulência. Note que a turbulência atual foi gerada a partir do desatamento de um destes nós, o mercado de hipotecas de alto risco nos Estados Unidos. Alguns fundos que têm estes títulos em sua composição na prática estão quebrados. E veja que o problema está não num eventual prejuízo que um ou outro investidor individual tenha, mas que muitos dos detentores destes títulos são bancos, que necessitam cobrir sua posição com a captação de recursos. No entanto, os outros agentes do mercado, que normalmente emprestariam para estes bancos, têm medo, e a corrente se quebra, necessitando do apoio das autoridades monetárias de diversos países (bancos centrais). Isto tudo mostra que o mercado, sozinho, não dá conta de resolver todos os problemas. Aliás, sim, daria conta, mas com um custo política e socialmente inaceitáveis, daí a ação dos Bancos Centrais para oferecer liquidez a estes agentes.

***IHU On-Line* - Quais são as conseqüências da adoção do capitalismo financeirizado por um governo com o Brasil? Há alguma alternativa?**

**Francisco Zanini** - Eu entendo que os últimos governos brasileiros têm adotado apenas algumas das posições defendidas pelo neoliberalismo. Em muitas áreas, o neoliberalismo ainda não chegou, mas é mister que chegue. Em outras áreas, entendo que não é necessário chegar. Para exemplificar: o nível de impostos no Brasil é muito elevado. Uma diminuição da carga tributária elevaria o nível de crescimento econômico, beneficiando toda a população. E isto é possível, porque o governo arrecada muito e gasta mal. Se gastar bem, muito menor volume de impostos dá conta do recado, com melhores serviços e benefícios para a população.

De outro lado, a reforma trabalhista é mesmo necessária? Em certo nível penso que sim, mas não se pode tirar muitos direitos dos trabalhadores, pois eles são a ponta mais fraca numa negociação. Muita gente defende o aumento da competitividade do país com uma diminuição dos custos trabalhistas, pois em muitos países este custo é muito menor. Mas eu perguntaria: será que o sistema mais justo para a relação capital/trabalho é aquele, por exemplo, dos tigres asiáticos, em que o trabalhador não tem nenhuma proteção? Será que nós devemos mudar para ficarmos mais parecidos com eles e mais competitivos, ou eles é que devem mudar, melhorando a proteção ao trabalhador, como a que existe na maior parte dos países europeus?

Se todos os países melhoram a condição do trabalho, tornando-o social e humanamente mais justo, este não será um ponto que diferencie a competitividade; serão outros pontos.

Você perguntava se há alternativa. Bem, eu, como visto, não defendo a adoção de um modelo neoliberal em termos absolutos, mas entendo que não há saída fora do capitalismo para o atual estágio de desenvolvimento do ser humano. Um sistema socialista não funcionou em nenhum lugar. Por que é conceitualmente condenável? Não, porque o homem não está preparado para ele. Talvez daqui a muitas e muitas gerações.

## A contribuição da mídia para a formulação de uma política de memória

ENTREVISTA COM CHRISTA BERGER

*A jornalista e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos Christa Berger concedeu a entrevista que segue, por e-mail, à IHU On-Line, falando sobre o tema Cultura da memória no Brasil - o passado retorna pela mídia, que ela conduzirá na próxima edição do evento Encontros de Ética, promovido pelo IHU no dia 27 de agosto, das 17h30min às 19h na Sala 1G119. Pós-doutora pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha, e doutora em Ciências da Comunicação pela USP, com a tese Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais - As relações entre o Movimento Sem Terra e a Zero Hora, Christa é mestre em Ciência Política, pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). É também autora de Campos em confronto: a terra e o texto (Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1998) e uma das organizadoras do livro O jornalismo no Cinema (Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2001). Confira as entrevistas concedidas por Christa Berger na 172ª edição da revista IHU On-Line, de 20 de março de 2006, sob o tema Há vida fora da Terra? As contribuições da exobiologia e na 202ª edição, de 30 de outubro de 2006, intitulada Mídia e Política.*

### **IHU On-Line - Como se caracteriza a cultura da memória no Brasil?**

**Christa Berger** - Penso que a questão de fundo da memória não tem especificidades nacionais. Ela se engancha nos indivíduos como necessidade humana, se articula entre a necessidade de lembrar e de esquecer, é estruturante da nossa subjetividade. Cito Alfredo Bosi<sup>1</sup>, que enfatiza o lugar da linguagem para pensar a memória. “A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória, as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações, esse processo cai no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível. Eu me lembro do que não vi porque me contaram. Ao lembrar, reatualizo o passado, vejo, historio o que outros viram e me testemunharam... O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir, de novo.”

Mas sua pergunta é sobre a cultura da memória. Esta sim tem a cara do País: lembrar dos traumas históricos para culpar, punir, regenerar, reparar, anistiar. O retorno do passado enquadrado na cultura de massa é um fenômeno contemporâneo e percorre os diferentes países - com mais intensidade naqueles que têm traumas para elaborar, - adquirindo características locais. No Brasil, onde a cultura tem se manifestado de forma midiática, portanto, espetacular e mercadológica, o nosso passado traumático - a ditadura militar com suas conseqüências políticas - retorna marcado pelo seu potencial de consumo.

<sup>1</sup> BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos*. In: Novaes, A. (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Nota da entrevistada)

A ascensão da memória, como manifestação cultural, política e midiática, carrega uma ambigüidade. É compromisso histórico, mas é, também, uma manifestação cultural com potencial mercadológico. E estes sentidos são muito disputados - lembrar porque não nos é permitido esquecer (compromisso da rememoração para aprender com o passado) ou lembrar para esquecer - “a amnésia feliz” como afirma Felinto<sup>2</sup>, identificando-a com o discurso programático da pós-modernidade.

### **IHU On-Line - Qual é a importância da mídia e do jornalismo para a memória dos fatos que envolvem um país?**

**Christa Berger** - É muito importante, porque retorna aos traumas através dos testemunhos, dá forma às lembranças e contribui com a formulação de uma política de memória, que todo país deve ter. O trabalho de memória, diz Todorov<sup>3</sup>, evocando uma imagem renascentista, se submete a duas exigências: fidelidade para com o passado e utilidade no presente. E é por este ângulo que ele examina exemplos da literatura de testemunho das duas experiências de totalitarismo que marcaram o século XX: o nazismo e o stalinismo.

Para o autor, há três estágios de relação entre passado e presente, mediados por um narrador: no primeiro a relação é de testemunho, o sujeito conta o que viveu; no segundo, os narradores são os historiadores que contam o que aconteceu; no terceiro, são os comemoradores, que propõem a celebração do passado. Os dois primeiros são clássicos e já bastante compreendidos, o terceiro é fenômeno da cultura de massa e pode ser observado na monumentalização, espetacularização e museologização

<sup>2</sup> Felinto, Érick. *Obliscência: por uma teoria pós-moderna da memória e do esquecimento*. In: *Revista Contracampo*, IACS/UFF, num. 5, 2002. (Nota da entrevistada)

<sup>3</sup> Tzvetan Todorov: filósofo e historiador búlgaro, é também crítico da linguagem de renome internacional. (Nota da *IHU On-Line*)



do passado. Acrescento um quarto estágio, que se confunde com o terceiro, pois também pertence à lógica da cultura de massa, mas dele deve ser distinguido que corresponde à narrativa dos atualizadores do passado que são os jornalistas e que encontram na imprensa seu lugar de existência.

A cultura da memória destaca o indivíduo que lembra, que pode testemunhar aquilo que viveu. O cinema e o museu exemplificam a tendência à rememoração na cultura visual e o jornalismo acompanha a cultura visual, divulgando e comentando o filme e a exposição e trazendo o testemunho (dos sobreviventes) como fonte da informação. Neste sentido, a cultura da memória se vincula ao passado através de relatos orais e ao presente pelas narrativas que se apresentam em diferentes gêneros e suportes técnicos provenientes de diversas matrizes.

#### Cultura de massa e memória

É na cultura de massa que o trabalho de memória acrescenta novas questões e interrogações sobre a função do passado. O método da produção jornalística garante fidelidade ao passado? Qual pode ser a utilidade da memória quando enunciada pela Indústria Cultural? Será ela comercial, política, pedagógica, ilustrada? Ou virá para ajudar a historicizar tudo, e, assim, diluí-la na vala comum das lembranças. Seguramente, estas funções se confundem e se mesclam. Zygmunt Bauman<sup>1</sup> observa que os filmes produzidos pela indústria do Holocausto tiraram o tema das salas de arte e os trouxeram para os *shoppings centers* e, agora, os espectadores podem assistir estórias deste tema sob “uma forma saneada, esterilizada e assim, em última análise, desmobilizante e consoladora”, sem prejudicar o lanche de pipoca e refrigerante.

---

<sup>1</sup> Bauman, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Nota da entrevistada)

#### *IHU On-Line* - O que caracteriza a forma como a mídia transporta e transmite a memória pública?

**Christa Berger** - O jornalismo não transporta a memória pública, histórica ou coletiva de maneira inocente, mas, no enlace com um novo acontecimento, a condiciona e acomoda na sua própria estrutura e forma. Portanto, o passado, ao retornar ao presente da imprensa, é trabalho de memória, e algumas perguntas são: que memória é ativada; a que interpretação histórica corresponde; qual sua utilidade no presente; o que revelam os fatos acontecidos no passado e qual o sentido que eles adquirem quando atualizados pelo jornalismo?

Trago um exemplo da rede de sentidos que constituem o trabalho de memória e como estão em disputa a contribuição que a mídia dá para o não esquecimento e a versão conveniente que ela apresenta.

O texto promocional do DVD *Anos Rebeldes*, a série exibida em 1992 que contava a história de jovens que lutaram contra a ditadura militar, é exemplar da versão conveniente da Rede Globo. 1992 foi também o ano do impeachment de Collor, e muitos associaram na ocasião o engajamento dos jovens com a exibição da série.

A Globo Vídeo traz o seguinte texto no lançamento em 2003, da versão compacta da minissérie:

“E se o golpe militar não tivesse acontecido? E se a revolução sexual não estourasse? E se não existisse o Cinema Novo, a era dos Festivais e o teatro Opinião? E se não houvesse um mundo dividido entre direita e esquerda? E se rótulos como alienado, engajado, revolucionário e reacionário jamais tivessem tido peso? E se os hippies não comesçassem a usar calça jeans? E se a individualista Maria Lúcia jamais se apaixonasse pelo idealista João? E se a doce burguesa Heloísa não partisse para a luta armada? E se uma certa minissérie não fosse exibida em 1992, no momento em que os estudantes pintavam a cara para pedir pelo impeachment do presidente Fernando Collor?”.

Diz Bucci<sup>1</sup> que duas associações merecem reparos: o lado que a Globo se coloca neste texto promocional não é o mesmo lado que estiveram seus telejornais; por

---

<sup>1</sup> BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004. (Nota da entrevistada)

outro, a associação direta de influência entre a série e o movimento dos jovens contra Collor não é tão decisivo como o texto insinua. Ou seja, narrar o passado tem implicações que só o estudo regular dá conta de observar e entender.

## Andréa Moscarelli Mota

*Há 14 anos, Andréa Moscarelli Mota se dedica à profissão de professora. No entanto, o foco do seu trabalho não é apenas a educação. Com o exercício do magistério na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Goulart, na Vila Braz, periferia de São Leopoldo, Andréa transmite conhecimento e também aprende com os seus alunos de 6ª e 8ª séries, os quais ela tem como filhos. Incansável, apaixonada pela profissão e otimista: esta é a clara definição para a professora que, diariamente, ensina muito mais que a Língua Portuguesa para os seus alunos. Ela os faz ter esperança e perspectiva de um futuro melhor. Foi durante a aula, em uma das suas turmas de 8ª série, que Andréa contou a sua trajetória, com exclusividade, à revista IHU On-Line.*

**Infância** - Dar a uma criança a oportunidade de aproveitar a infância é essencial para Andréa Moscarelli Mota, de 40 anos. Ela lembra que este período de sua vida, em Pelotas, sua cidade natal, foi maravilhoso, o que contribuiu para a sua formação pessoal. “É importante ter o direito de brincar, uma boa alimentação, moradia e estrutura familiar.” Foi ainda criança que ela percebeu a vocação para o magistério. “Sempre gostei muito de escola. Fazia declamações, teatro, estava sempre presente nas horas cívicas. Com o tempo, fui gostando mais da idéia de trabalhar com educação.”



Andréa e seus alunos

**Família** - Andréa teve uma base familiar bastante consistente. E, mesmo longe de casa, mantém o vínculo afetivo com a mãe e o irmão, sete anos mais novo. “Eles ainda moram em Pelotas. Nossa relação é muito boa. Às vezes, minha mãe vem me visitar, mas eu queria mesmo é que ela viesse morar comigo, em Novo Hamburgo.” Pelo menos por enquanto, este desejo de Andréa será adiado, pois o restrito ciclo de amizades de sua mãe no Vale do Sinos faz com que ela não se adapte a morar junto da filha.

**Perda** - Aos 15 anos de idade, Andréa perdeu o pai, vítima de um ataque cardíaco. Com o trabalho como autônomo, revendendo automóveis, era ele que sustentava a família. Emocionada, Andréa lembra das dificuldades que enfrentaram com a morte do pai. “O padrão de vida da nossa família ficou mais baixo. Tivemos que nos adaptar a uma vida simples, com mais regras e limites. Não podíamos cometer os excessos que, anteriormente, cometíamos.” Com esta triste experiência, Andréa passou a valorizar mais a sua família e revela ter se tornado uma pessoa melhor.

**Carreira** - A profissão de professora surgiu de maneira bastante inusitada na vida de Andréa. Logo que concluiu o Ensino Médio, passou no vestibular para o curso de Jornalismo, na Universidade Católica de Pelotas, sua cidade de origem. Tudo estava se encaminhando de acordo com as suas expectativas, até que ela perdeu o prazo de matrícula, o que a fez mudar de área. “Sempre gostei muito de português, e no semestre seguinte, prestei vestibular para este curso.” Desde então, sua relação com a carreira ficou mais intensa e bonita. “É isso, é o que eu gosto de fazer. Já são 14 anos dedicados à profissão.”

**Saída da terra natal** - Depois de formada Andréa resolveu que iria embora de Pelotas. “Tinha vontade de conhecer outras pessoas, de ter uma vida nova. Então, resolvi vir para a região do Vale do Sinos.” A mudança de cidade também está relacionada a uma realização pessoal. “Em Pelotas, minha mãe conhece muitas pessoas, e disse que poderia me conseguir um trabalho. Eu não aceitei, porque queria vencer por mim.”

**O ingresso na Escola João Goulart** - Quando chegou a Novo Hamburgo, em 2000, três meses depois de formada, Andréa prestou concurso para a Prefeitura de São Leopoldo. Passados quatro anos, quando menos esperava,

foi chamada para assumir as sextas-séries na Escola João Goulart. “Trabalhava também pelo Estado em outras três em escolas, o que me cansava muito. Por um ano lecionei em quatro colégios, depois resolvi ficar só aqui, na Vila Braz, onde estou há três anos e dois meses, e sou muito feliz.” Foi a receptividade e o carinho dos alunos, além da disposição dos colegas em ajudar, que fizeram Andréa se apaixonar pela Instituição. “Percebi o quanto era importante estar aqui com estes alunos maravilhosos, que também são grandes amigos.”

**A rotina de trabalho** - As manhãs e as tardes de Andréa são preenchidas com aulas para as quintas e oitavas séries. “Com os alunos menores, da sexta série, é preciso uma doação maior. Acabamos sendo psicólogos, mães, amigos e recreacionistas, além de professores. Com as oitavas séries, a interação é maior, em função do tempo que já estamos juntos.” Resgatar valores, através do exercício da cidadania, é uma das grandes preocupações dos profissionais da Escola João Goulart. “Estamos formando cidadãos e, para isso, temos que enaltecer valores como respeito, lealdade e honestidade. Sempre digo aos alunos que temos que aprender a ter responsabilidades, e que ter disciplina é muito importante na vida.” Andréa sabe que seu trabalho contribui muito para o crescimento da Escola e reconhece, também, que a evolução vem da humildade. “Eu não trabalho aqui sozinha, sou apenas uma peça de uma engrenagem. Só trabalhando juntas é que conseguimos bons resultados. Mesmo que os professores não lecionem o mesmo conteúdo, temos o mesmo objetivo.”

**Metodologia de ensino** - “Para chegar a um grupo e ter os resultados de aprendizagem desejados, é preciso tocar as pessoas de alguma forma.” Como a Língua Portuguesa é composta de gramática, produção textual e ortografia, a professora quis sair do convencional e fazer com que a

disciplina se tornasse gostosa de aprender. “Costumo utilizar música, teatro, passeios dirigidos para museus e cinema.” Testes de soletração, para fixar as classes gramaticais, e debates também fazem parte do aprendizado.

**Educação** - A professora reconhece que há muitas dificuldades no sistema de ensino. No entanto, ela faz dos obstáculos um incentivo a mais para chegar às conquistas. “Ainda é possível conseguir bons resultados. Para isso, é preciso que as pessoas parem de pensar nas coisas materiais e pensem a educação em termos de valor. Na Escola João Goulart, não há retroprojektor nem aparelho de DVD, mas, mesmo com poucos recursos, dá para trabalhar.” A garantia do aprendizado vem com o interesse dos alunos, a dedicação dos professores e o incentivo aos projetos. “Existe aprendizagem quando todos trabalham com harmonia, o que há entre os estudantes e educadores. O bom aqui na escola é que todas as nossas iniciativas são apoiadas. A educação consegue se fazer melhor, quando temos liberdade para trabalhar.” Embora a formação de Andréa tenha origem em rede privada, ela não esconde o prazer maior em exercer a profissão em um colégio público. “É onde temos o direito de sonhar, criar projetos e experimentar. Isso é o que me motiva a permanecer aqui.”

**Sonhos** - As vitórias de Andréa não representam um limite. Continuar adquirindo conhecimento é um grande sonho da professora. “Tenho Pós-Graduação em Estruturas da Língua Portuguesa e quero Mestrado em Educação. Mais tarde, pretendo fazer Doutorado e Pós-Doutorado.” Uma realização pessoal é a aquisição do seu apartamento em São Leopoldo, o que facilitará o acesso ao trabalho. Sobre construir sua própria família, Andréa afirma que já tem muitos filhos, os seus alunos.

**Fé** - Além da paixão pela profissão, o otimismo de Andréa com relação ao futuro vem da fé. “Temos que ter esperança em alguma coisa, do contrário, não se consegue nada. Se eu não tivesse fé não estaria aqui.” Ter fé também faz com que Andréa supere a desvalorização do trabalho do educador. “O professor não pode desistir nunca de ser professor. Dinheiro não é tudo, precisamos dele para sobreviver, mas não devemos trabalhar só pelo salário. Todos nós temos que estar unidos pelo bem maior, pelo crescimento, pelo progresso, pela vida boa, pela qualidade de vida e pela amizade.”

## Errata

Pedimos desculpas aos leitores e leitoras da revista *IHU On-Line* por um erro na nota de rodapé número 26 da última edição de nossa publicação, de número 231. Na entrevista com o professor Luiz Alberto Gómez de Souza, na página 21, quando ele cita o MIR, trata-se do

Movimiento de Izquierda Revolucionário, chileno, fundado em 15 de agosto de 1965.

Na mesma entrevista, retificamos a nota de rodapé número 29, onde citamos o padre Lebret como domênico. A denominação correta é dominicano.

## IHU REPÓRTER

**Marcos Knewitz**

*A relação de Marcos Knewitz com a Unisinos começou quando ele tinha 16 anos. Marcos deixou o interior do Estado com o sonho de ingressar em um curso superior, mas ainda estava indeciso quanto à profissão. Biologia, Física e Filosofia foram algumas das opções. Sem falar que, quando era criança, queria ser cientista ou piloto de avião. Hoje, aos 38 anos, ele é professor de Informática na Unisinos e trabalha no setor de Gestão de Serviços da Informação da universidade. Confira, a seguir, a entrevista concedida com exclusividade à revista IHU On-Line, na qual Marcos se revelou um grande aventureiro e um pai zeloso.*



**Origens** - Sou natural de Santo Ângelo. Meus pais são de lá. Somos em quatro irmãos: o Márcio, médico, de 36 anos; o Mauro, policial federal, de 26 anos; e a Anna Paula, publicitária, de 24 anos. Eu sou o mais velho de todos: tenho 38 anos. Meu pai é economista e contador, e minha mãe foi diretora de escola. Hoje, ambos estão aposentados.

**Infância** - Queria ser cientista ou piloto da aviação militar. Gostava de desenhar e de plastimodelismo: costumava inventar e construir meus próprios brinquedos. Eu também praticava bastante esporte e integrava praticamente todas as equipes do colégio.

**Vida acadêmica** - Quando saí do 2º Grau, fiz o vestibular na UFRGS, mas o estudo no interior não me deu a preparação necessária para que passasse. Ao prestar vestibular, estava em dúvida se fazia os cursos de Biologia, Engenharia Mecânica, Física ou de Filosofia. Acabei fazendo Computação. Aos 16 anos, comecei a estudar na Unisinos, onde fiz muitos amigos. Vim morar em São Leopoldo com um colega de Santo Ângelo, que também viria estudar aqui. Eu não conhecia nada da cidade, mas não tive dificuldades com adaptação.

Depois, vieram outros estudantes morar conosco; era uma espécie de república estudantil. Depois de me formar em Informática, comecei o curso de Biologia, também na Unisinos. Interrompi os estudos para fazer mestrado em Computação Aplicada. No curso, trabalhei com a simulação de câncer em computadores. O mestrado misturou Informática, que era uma área que eu conhecia, com Biologia, que era um ramo do qual eu gostava.

**Trabalho** - Enquanto estudava, participei de um programa na área de informática dentro da Unisinos, quando comecei a trabalhar, aos 19 anos. Permaneci no emprego por três anos, e o término do contrato coincidiu com a minha formatura. Fui morar em São Paulo, onde trabalhei no Banco Econômico, na área de TI, voltada para capacitação e treinamento. Também trabalhei na área de Informática da Azaléia. Mais tarde, voltei a trabalhar na Unisinos, na Gestão de Sistemas de Informação, onde trabalho até hoje. Sou professor na Universidade, das disciplinas de Engenharia de Software

e Desenvolvimento de Software I.

**Família** - Sou casado há oito anos e tenho dois filhos: Ingrid com 5 anos e Henrique com 3. Valorizo muito a minha família. Gosto muito de brincar com os meus filhos. Primeiramente, dedico meu tempo para eles; se sobrar algum, é para a minha esposa. Raramente, sobra tempo para mim. É a forma que achei para poder conciliar vida particular com a vida profissional que, no momento, está me demandando muito. Sei que é um momento e que não posso seguir assim por muito tempo.

**Hobby** - Enquanto estudante, eu era adepto à prática de esportes radicais, junto com os meus amigos. Praticávamos *mountain bike*, mas não tínhamos bicicletas apropriadas. Gostávamos de mergulhar em Florianópolis e também escalávamos o Pico da Canastra, em Canela; o Morro Morungava, em Porto Alegre, e em alguns pontos de Bagé e Caçapava. Atualmente, corro de kart uma vez por mês e jogo futsal, no Centro Esportivo da Unisinos, com os colegas de trabalho.

**Acidente** - Uma vez me acidentei escalando. Foi uma experiência dolorosa, mas que me ensinou muito. Aprendi a contar com os amigos, pois foram eles que fizeram o resgate. Estávamos escalando o Pico da Canastra, a cerca de 80 metros de altura, e me segurei em uma pedra, que se desprende da rocha e caiu sobre o meu rosto. Quebrei alguns dentes e o maxilar. O acidente aconteceu às 15h, e só cheguei ao hospital às 21h. A partir de então, tive uma outra visão do que é o perigo, do que é preciso temer ou não e do que realmente importa.

**Filmes** - Não assisto muito a filmes, o que não quer dizer que eu não goste. Por falta de tempo, acabei me afastando deste hábito. Um filme marcante, talvez pelo

momento pelo qual passei, foi *Sociedade dos poetas mortos*.

**Livros** - Gosto de ler de tudo um pouco, dentro da área técnica, como artigos científicos e livros de Física, Biologia e Matemática. Minha esposa é jornalista e, às vezes, me faz algumas indicações. O livro mais recente que li foi *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas.

**Sonhos** - Quero chegar a um momento de independência financeira, onde eu possa viajar com a minha família e desfrutar da vida com mais intensidade e tranquilidade. Também quero investir em um hobby, como, por exemplo, produzir peças em madeira, que era a atividade do meu avô, ou me dedicar ao aeromodelismo. Também pretendo exercer algum tipo de trabalho assistencial voluntário.

**Viagens** - Gosto de fazer viagens de aventura. Passei 30 dias na Patagônia, em uma viagem de jipe com dois amigos. Já fui de mochila nas costas até o Estado de Alagoas, pelo interior do Brasil, e voltei pelo litoral, com um colega.

**Instituto Humanitas** - Conheço pouco. Sei de suas publicações e algumas notícias que veiculam no site da Unisinos. Fiquei surpreso quando li sobre o Instituto e vi o tamanho que tem.

**Política** - Uma questão sempre em voga é a da corrupção. Para mim, o seu combate é um processo de transformação, de mudança cultural de toda a nação. Não vejo uma perspectiva de solução em curto prazo, porque a corrupção não acontece somente em Brasília. Participei de Grêmios Estudantis e via as pessoas falsificarem carteirinhas. Quando integrei um Diretório de Estudantes, vi pessoas falsificando listas de assinatura para participação de congressos da União Nacional dos



Estudantes. Em empresas, há quem falsifique licitações.  
Quanto maior a esfera de administração, maior é a

possibilidade de corrupção.